

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – CCSO
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

SARAH MELLISSA ARAÚJO BORRALHO

**LEITURA E ESCRITA EM BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: análise da
experiência desenvolvida pelo projeto “Estudar, uma ação saudável” com crianças e
adolescentes em tratamento oncológico na Casa de Apoio da Fundação Antonio
Jorge Dino**

SÃO LUÍS
2025

SARAH MELLISSA ARAÚJO BORRALHO

**LEITURA E ESCRITA EM BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: análise da
experiência desenvolvida pelo projeto “Estudar, uma ação saudável” com crianças e
adolescentes em tratamento oncológico na Casa de Apoio da Fundação Antonio Jorge
Dino**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia como requisito
parcial para conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade
Federal do Maranhão.

Orientadora: Profa. Dra. Franczy Sousa Rabelo.

SÃO LUÍS

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Araújo Borralho, Sarah Mellissa.

LEITURA E ESCRITA EM BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: :
análise da experiência desenvolvida pelo projeto Estudar,
uma ação saudável com crianças e adolescentes em
tratamento oncológico na Casa de Apoio da Fundação Antonio
Jorge Dino / Sarah Mellissa Araújo Borralho. - 2025.
110 f.

Orientador(a): Francy Sousa Rabelo.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Ma, 2025.

1. Brinquedoteca Hospitalar. 2. Crianças e
Adolescentes Hospitalizados. 3. Leitura. 4. Escrita. I.
Sousa Rabelo, Francy. II. Título.

SARAH MELLISSA ARAÚJO BORRALHO

**LEITURA E ESCRITA EM BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: análise da
experiência desenvolvida pelo projeto “Estudar, uma ação saudável” com crianças e
adolescentes em tratamento oncológico na Casa de Apoio da Fundação Antonio Jorge
Dino**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão para
obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Francly Sousa Rabelo

Aprovada em: 12/03/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Francly Sousa Rabelo (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão
DEI/UFMA

Prof^ª. Dr^ª. Kaciana Nascimento da Silveira Rosa
Universidade Federal do Maranhão
DEI/UFMA

Prof^ª. Dr^ª. Lindalva Martins Maia Maciel
Universidade Federal do Maranhão
DEII/UFMA

Dedico este trabalho Àquele que me formou e à
minha mãe, que são as fontes inesgotáveis de amor e
bondade em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo seu amor inimaginável e pela Sua morte na cruz, que me concedeu a vida eterna. Em minhas convicções, sou imensamente agradecida ao autor da vida. Imensurável.

Agradeço à minha mãe, que sempre acreditou em meu potencial. Sem o seu apoio constante e sua presença, não conseguiria chegar onde estou hoje. Amo-te e admiro-te profundamente.

Agradeço à minha orientadora, que muito me inspira, tanto academicamente quanto na vida, mantendo-me orgulhosa da profissão na área da Educação Hospitalar. Amiga.

Agradeço ao GEPAEH, por ter me presenteado grandes aprendizados e oportunidades, como publicações e o Projeto de Extensão, o qual também expressei meus agradecimentos. Luz.

Agradeço aos meus amigos, que estiveram comigo ao longo da caminhada deste curso de ensino superior. Conhecê-los engrandeceu minhas visões sobre a amizade. Colaboradores.

Agradeço aos meus professores, que compartilharam comigo seus conhecimentos e experiências ao longo da minha trajetória neste curso de ensino superior. Incentivadores.

Agradeço às crianças conhecidas por intermédio do projeto de extensão, que ensinam e inspiram. Fortes, felizes, gigantes.

Poética (I)

De manhã escureço

De dia tardo

De tarde anoiteço

De noite ardo.

A oeste a morte,

Contra quem vivo

Do sul cativo

O este é meu norte.

Outros que contem

Passo por passo:

Eu morro ontem

Nasço amanhã

Ando onde há espaço:

— Meu tempo é quando.

(Vinícius de Moraes, Nova York,

1950)

RESUMO

A criança e o adolescente permanecem sujeitos de direito à educação em período de hospitalização por acometimento de doença, especificamente, o câncer, porque os levam a longas temporadas de tratamento e provoca o afastamento da escola, consequentemente do envolvimento com a leitura e a escrita. Nesse sentido, no âmbito hospitalar, a brinquedoteca torna-se um espaço promissor para as práticas pedagógicas com intuito de desenvolver habilidades por meio da interação potencializada pela leitura e escrita. Esta pesquisa tem por objetivo, compreender o processo de leitura e a escrita desenvolvido pelo projeto de extensão “Estudar, uma ação saudável” e as possíveis contribuições no desenvolvimento e aprendizagem da criança e do adolescente em tratamento oncológico na Brinquedoteca da Casa de Apoio, da Fundação Antônio Jorge Dino. Como aporte metodológico, este estudo se ancora na abordagem qualitativa, com pesquisa exploratória, baseando-se em um estudo de caso, com levantamento bibliográfico do tipo Estado da Questão (EQ) em artigos, dissertações e teses em bases de dados como o Periódico CAPES e a Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e revelou uma escassez de estudos que abordam a temática da leitura e escrita em brinquedotecas hospitalares. A geração de dados se deu pela entrevista semiestruturada com as extensionistas e pela análise documental do caderno de registro do projeto de extensão. Os resultados revelam que esta pesquisa apresenta particularidades pouco exploradas no âmbito acadêmico, portanto possui um alto valor à comunidade acadêmica pelo seu diferencial. Também aponta a leitura e a escrita como prática pedagógica que favorece o rompimento da rotina médica e promove interações entre crianças por meio da atuação/mediação pedagógica, potencializando as suas capacidades de expressão e suas criatividade. Conclui-se que a pesquisa ressalta a importância de adotar uma postura comprometida com a formação de leitores e escritores durante a infância e a adolescência, ainda que em processo de hospitalização. Nesse contexto, a brinquedoteca hospitalar deve ser considerada como um espaço pedagógico fundamental não só pela valorização do brincar, mas também para o desenvolvimento da leitura e da escrita, onde não há uma classe hospitalar específica.

Palavras-chave: Brinquedoteca Hospitalar. Crianças e Adolescentes Hospitalizados. Leitura. Escrita.

ABSTRACT

Children and adolescents continue to have the right to education during hospitalization due to illness, specifically cancer, because it leads to long periods of treatment and causes them to miss school and, consequently, to be absent from reading and writing. In this sense, in the hospital environment, the toy library becomes a promising space for pedagogical practices aimed at developing skills through interaction enhanced by reading and writing. This research aims to understand the reading and writing process developed by the extension project “Studying, a healthy action” and the possible contributions to the development and learning of children and adolescents undergoing cancer treatment in the Toy Library of the Casa de Apoio, of the Antônio Jorge Dino Foundation. As a methodological contribution, this study is anchored in the qualitative approach, with exploratory research, based on a case study, with a bibliographic survey of the State of the Question (EQ) type in articles, dissertations and theses in databases such as the CAPES Periodical and the CAPES Theses and Dissertations Catalog and revealed a scarcity of studies that address the theme of reading and writing in hospital toy libraries. Data were generated through semi-structured interviews with extension workers and through documentary analysis of the extension project's registration notebook. The results reveal that this research presents particularities that have not been explored in the academic field, and therefore has great value to the academic community due to its uniqueness. It also points to reading and writing as a pedagogical practice that favors the break from the medical routine and promotes interactions between children through pedagogical action/mediation, enhancing their expressive abilities and creativity. It is concluded that the research highlights the importance of adopting a committed stance towards the formation of readers and writers during childhood and adolescence, even during the hospitalization process. In this context, the hospital toy library should be considered as a fundamental pedagogical space not only for valuing play, but also for the development of reading and writing, where there is no specific hospital class.

Keywords: Hospital Toy Library. Hospitalized Children and Adolescents. Reading. Writing.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Construindo saberes lendo e escrevendo.	p. 60
Imagem 2	Roda de conversa em palavras que transformam.	p. 67
Imagem 3	Literatura e conscientização em ação.	p. 67
Imagem 4	Da leitura à reciclagem.	P. 68
Imagem 5	Práticas artísticas e sustentáveis.	p. 68
Imagem 6	Cores que florescem.	p. 70
Imagem 7	Traços de vida.	p. 71
Imagem 8	Expressão infantil com plantas e folhas.	p. 71
Imagem 9	Entre a arte e a natureza.	p. 72
Imagem 10	Quadro matemático.	p. 77
Imagem 11	Uma jornada de reflexão entre histórias e memórias.	p. 78
Imagem 12	Entre contação de história, fantoches e criações.	p. 84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APD	Atendimento Pedagógico Domiciliar
AEH	Atendimento Educacional Hospitalar
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CA	Câncer
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF	Constituição Federal
CP	Cuidados Paliativos
DCNT	Doença Crônica Não Transmissível
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EQ	Estado da Questão
GEPAEH	Grupo de Estudos e Pesquisa em Atendimento Educacional Hospitalar
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Resultados dos trabalhos encontrados no Periódico CAPES com uso de booleano AND e OR para filtrar os achados, com recorte temporal de 2020-2024	p. 24
Quadro 2	Resultados dos trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES com uso de booleano AND e OR para filtrar os achados, com recorte temporal de 2020-2024	p. 26
Tabela 1	Total de trabalhos encontrados com uso dos descritores e filtros, no período de Dezembro de 2024, com recorte temporal de 2020 a 2024	p. 23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	LEITURA E ESCRITA NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O Estado da Questão	21
2.1	Descortinando o percurso do mapeamento.....	21
2.2	Os achados no Periódico CAPES.....	23
2.3	Os achados no Catálogos de Teses e Dissertações da CAPES.....	24
2.4	Contribuições do objeto na atualidade científica.....	26
3	LENDO, ESCRREVENDO E BRINCANDO: a brinquedoteca como espaço pedagógico para pacientes em tratamento oncológico	29
3.1	Práticas de Leitura e Escrita em espaços hospitalares.....	29
3.2	Para além do brincar: a brinquedoteca como espaço de leitura e escrita.....	34
3.3	Pacientes em tratamento oncológico e os impactos na vida escolar.....	39
4	A BRINQUEDOTECA DA CASA DE APOIO, DA FUNDAÇÃO ANTONIO JORGE DINO: uma análise das práticas de leitura e escrita com pacientes oncológicos.47	
4.1	O caminho metodológico.....	47
4.2	A brinquedoteca como campo da pesquisa.....	51
4.3	Estratégias de leitura e escrita e seus impactos na vida dos pacientes oncológicos.....	54
4.4	Desafios e possibilidades de desenvolvimento das atividades de leitura e escrita na brinquedoteca.....	76
5	PARA NÃO CONCLUIR.....	85
	REFERÊNCIAS.....	92
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	102
	APÊNDICE B - Entrevista com as extensionistas do projeto "Estudar, uma ação saudável".....	105
	ANEXO A - Folha de rosto da Plataforma Brasil.....	107
	ANEXO B - Ofício de Liberação de Pesquisa.....	108

1 INTRODUÇÃO

A universidade se sustenta por seu tripé: ensino, pesquisa e extensão. Ao viver este tripé, o discente desenvolve uma postura de pesquisador ao motivar a necessidade da indagação, inquietação e dos questionamentos. Além disso, o Curso de Pedagogia, por sua vez, se sustenta por 3 pilares, de acordo com o seu Projeto Pedagógico, a saber: Docência, Gestão e Investigação (UFMA, 2007), que também se baliza nas Diretrizes Nacionais para o Curso de Pedagogia (Brasil, 2006), quando traz a possibilidade de formar profissionais para atuar na educação, seja em escolas ou espaços não escolares.

Dito isso, o pedagogo pode/deve atuar em diferentes áreas, como na educação infantil, ensino fundamental, coordenação pedagógica, orientação educacional, acompanhantes terapêuticos, presidial, hospitalar, empresarial, órgãos públicos e muitos outros, além de desenvolver projetos educativos. Daí, vê-se o forte impacto e a tamanha necessidade desse curso para a sociedade que é formada, inclusive, por pedagogos, os quais acompanham cada indivíduo em diferentes etapas de suas vidas.

Sabe-se que o direito à educação também reforça o valor da aprendizagem. Sendo assim, as crianças e os adolescentes que em um dado momento de suas vidas, em especial, a hospitalização, se veem distantes dos seus lares, escolas, familiares e amigos por motivos de saúde, também urgem por necessidades educativas, por isso o acesso da educação básica não deve permanecer estático ou interrompido por motivos quaisquer, mas, sobretudo, deve ser incentivado e estar à disposição da sociedade. Portanto, é importante investigar como essas práticas escolares podem ser eficazmente implementadas nos espaços hospitalares.

O Atendimento Escolar Hospitalar deve ser também um espaço de debates no curso de Pedagogia cujo intuito é atender às necessidades educacionais e emocionais da/o criança/adolescente em tratamento prolongado de saúde. Nesse contexto, se encaixa como uma garantia de direito ao paciente hospitalizado impossibilitado de frequentar a escola regular, este atendimento alternativo, em ambiente não escolar, isto é, não formal, que ajuda no processo de escolarização e/ou minimização do distanciamento das atividades escolares para o desenvolvimento da criança e do adolescente internado.

As crianças e adolescentes hospitalizados perdem o vínculo com a escola e sabe-se que o contato com a leitura e a escrita é essencial, pois permite que eles se expressem ao compartilharem de suas emoções, pensamentos e experiências vivenciadas. Isto desenvolve habilidades importantes tanto para a sua saúde mental quanto para o seu

bem-estar, levando em consideração a distração à condição de saúde desfavorável, além de se ver como aliada do conhecimento.

Nesse sentido, a escolha do tema “Leitura e Escrita em Brinquedoteca Hospitalar” se deu pela necessidade de estudar a importância da leitura e da escrita como ferramentas essenciais para potencializar o sujeito ativo, porém adormecido pelo processo do tratamento quimioterápico de pacientes oncológicos. Surge da experiência vivenciada como aluna inicialmente voluntária e posteriormente bolsista do projeto de extensão, “Estudar, uma ação saudável”, desenvolvido através do Grupo de Estudos e Pesquisas em Atendimento Educacional Hospitalar (GEPAEH), na brinquedoteca da Casa de Apoio da Fundação Antonio Jorge Dino.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), em 2022, o Brasil contava com aproximadamente 38 milhões de crianças menores de 13 anos. Dentre essas, 31,5 milhões receberam atendimento em serviços de atenção primária à saúde. Isto indica que um número considerável de crianças necessitou de atendimento médico. Partindo do pressuposto que, por exemplo, metade delas foram hospitalizadas, fica evidente que a educação continuada durante tratamentos de saúde à longo prazo deve ser considerada e implementada.

Ao que tange à hospitalização de crianças, autores apontam que fatores sociais, econômicos, comportamentais, ambientais e demográficos influenciam nas taxas de hospitalização e, inclusive, na saúde de uma população. Além disso, condições socioeconômicas desfavoráveis e a falta de apoio familiar, aumentam o índice de internação entre crianças (Calvett; Silva; Gauer, 2024).

Embora o atendimento escolar hospitalar desempenhe uma função extraordinária e primordial, segundo o Estado da Questão, há uma falta de pesquisas sistemáticas que identifiquem, avaliem e sistematizem as pesquisas sobre as práticas e a eficácia da leitura e da escrita nesse contexto. Segundo o Ministério da Educação (Brasil, 2022), a atenção dada para as crianças impossibilitadas de frequentar a escola durante tratamento de saúde ou de assistência psicossocial possibilita a inclusão e a humanização da assistência hospitalar.

Reconhecendo a importância da continuidade dos estudos para crianças em situação de doença e percebendo a necessidade do pedagogo em ambiente hospitalar, espaço não escolar, nos propomos a investigar: Como a leitura e a escrita, desenvolvidas no projeto “Estudar, uma ação saudável” podem contribuir para a aprendizagem da criança e do adolescente em tratamento oncológico na Brinquedoteca da Casa de Apoio, da

Fundação Antonio Jorge Dino?

Como questões norteadoras temos: Quais estratégias de leitura e escrita são desenvolvidas pelo projeto “Estudar, uma ação saudável” na brinquedoteca para promover a aprendizagem da criança e do adolescente? Quais desafios e possibilidades de propor atividades de leitura e escrita em uma brinquedoteca hospitalar? Quais são os impactos da leitura e da escrita na qualidade de vida de crianças e adolescentes hospitalizados?

Dada a temática, tem-se como objetivo geral: compreender o processo de leitura e a escrita desenvolvido pelo projeto “Estudar, uma ação saudável” e as possíveis contribuições no desenvolvimento e aprendizagem da criança e do adolescente em tratamento oncológico na Brinquedoteca da Casa de Apoio, da Fundação Antonio Jorge Dino.

Como objetivos específicos tem-se: discutir sobre leitura e escrita com crianças em processo de tratamento oncológico, a partir das produções acadêmicas atuais; Conhecer as estratégias de Leitura e Escrita desenvolvidas pelo projeto “Estudar, uma ação saudável” para promover a aprendizagem da criança e do adolescente; Identificar os desafios e possibilidades no desenvolvimento de atividades de leitura e escrita em uma brinquedoteca hospitalar; Analisar o impacto da leitura e da escrita na qualidade de vida de crianças com câncer.

Para tanto, teve-se como estratégia para concretizar as situações propostas, uma pesquisa de natureza qualitativa (Lüdke; André, 2018) e exploratória (Lösch; Rambo; Ferreira, 2023), do tipo estudo de caso (Lüdke; André, 2018 e Stake, 2007). Esta também considerou diferentes fontes, pois realizou-se um levantamento bibliográfico, do tipo Estado da Questão (EQ) por meio das plataformas do Periódico Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para a geração dos dados, o instrumento realizado foi a entrevista semiestruturada, com voluntárias egressas e atuantes no referido projeto de extensão, totalizando em 4 sujeitos.

Por ser obrigatório a passagem pelo Comitê de Ética para a validação do projeto e efetivação das entrevistas, este trabalho marcou presença na Plataforma Brasil, fato exigido pela Fundação Antonio Jorge Dino, para investigação junto à brinquedoteca da Casa de Apoio desta instituição.

Este trabalho está dividido em cinco seções: na primeira, discorre-se quanto a introdução a quem este refere-se; a segunda, abarca a observação do universo do Estado da Questão (EQ), para contribuir com reflexões ao objeto de estudo deste trabalho, por

meio de uma busca bibliográfica no Periódico CAPES e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, além da descrição do percurso metodológico do EQ e discussão sobre as buscas; a terceira se dá em compreender e contextualizar a brinquedoteca como espaço pedagógico e as práticas de leitura e escrita em contextos hospitalares, compreendendo, também, a criança e o adolescente em tratamento oncológico.

A quarta seção, dirigiu-se a apresentar, de maneira geral, a metodologia do trabalho e a analisar as práticas de leitura e escrita com pacientes oncológicos no *lócus* investigado, e sua respectiva caracterização. Buscou assim observar os impactos dessas atividades para o desenvolvimento integral destes, conforme as contribuições das extensionistas. Por sua vez, finalizando o trabalho, a quinta seção engloba as (não) contribuições finais, enunciando as considerações refletidas pelos objetivos da pesquisa, destacando as categorias estabelecidas e apontando proposições e questionamentos que possam fomentar em novas discussões.

Portanto, na busca de contribuir com pesquisas na área da pedagogia hospitalar, faz-se este estudo um com olhar delimitado à educação em espaços hospitalares para somar com reflexões sobre a importância da atuação do pedagogo e o seu impacto no desenvolvimento de aprendizagens, intelectuais e emocionais, das crianças e dos adolescentes, compreendendo as experiências e os desafios deste espaço.

2 LEITURA E ESCRITA NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O Estado da Questão

Esta seção é direcionada pelos estudos de Nóbrega-Therrien e Therrien (2004), ao observar-se a possibilidade de examinar minuciosamente o universo do Estado da Questão (EQ), considerando refletir sobre o objeto de estudo, caracterizando-o e delimitando-o. Esta investigação é iniciada a partir do despertar de interesse do pesquisador, no exato momento em que define o tema a ser investigado. Para tanto, recorre-se a artigos, dissertações e teses para fundamentar esta produção científica, quanto ao entendimento dos processos de leitura e escrita na brinquedoteca hospitalar.

Esta busca bibliográfica, com método no EQ, foi realizada em bases de dados como o Periódico CAPES e a Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, e revelou uma escassez de estudos que abordam a temática da leitura e escrita em contextos hospitalares. Então, essa falta de estudos foi capaz de demonstrar uma necessidade por bases teóricas sólidas deveras necessária para futuras pesquisas e as identificações de suas contribuições para este objeto de estudo na atualidade científica.

2.1 Descortinando o percurso do mapeamento

O Estado da Questão revela perspectivas no processo de compreender as produções científicas sobre um determinado objeto de estudo em relação a sua questão problema. Tem a função de encaminhar o pesquisador a evidenciar questões por meio de um levantamento bibliográfico criterioso, de acordo com a atual produção científica. De acordo com Nóbrega-Therrien e Therrien (2004),

Nos processos de produção científica o ‘estado da questão’ pode ser contraposto ao ‘estado da arte’ ou ‘estado do conhecimento’. Importa esclarecer que este ensaio delimita o alcance do ‘estado da questão’ à construção do objeto de investigação pretendido pelo pesquisador. Neste caso, a busca seletiva e crítica nas fontes de informação da produção científica restringe-se aos estudos e parâmetros próximos às especificidades do interesse do pesquisador o que requer consulta a documentos substanciais (Nóbrega-Therrien; Therrien, 2004, p. 7, grifos dos autores).

Nesse sentido, o EQ difere-se do “estado da arte” e do “conhecimento”, pois o EQ delimita o tema através do levantamento bibliográfico e busca esclarecer o comportamento mútuo entre o pesquisador e o objeto de estudo, enquanto desenvolve-se criticamente a produção científica.

Diante disso, trilhar por um caminho que suscita novas descobertas, exige do pesquisador uma série de qualidades do pesquisador, dentre elas a criticidade, que requer deste a dedicação. Considerando a importância de se avaliar cuidadosamente os aspectos que envolvem um tema, devido a sua influência na compreensão e interpretação das questões, os autores Nóbrega-Therrien e Therrien (2004) afirmam que:

A criticidade quanto aos trabalhos já produzidos, como também o rigor científico, constituem recursos necessários para a elaboração de um corpus de conhecimento acerca do tema e da posição do pesquisador diante do seu objeto de estudo. Este procedimento contribuirá para evitar que um possível ajustamento dos conceitos ao objeto de estudo conduza o pesquisador a ser dirigido por concepções, categorias ou até por assertivas duvidosas. (Nóbrega-Therrien; Therrien, 2004, p. 9).

Metodologicamente, o Estado da Questão traz a contribuição de novas pesquisas, principalmente, para o cenário acadêmico, levando em consideração a especificidade da sua área do conhecimento para a construção do estudo do objeto. Esta pesquisa foi desenvolvida por uma delimitação e caracterização em artigos e dissertações publicadas em periódicos da plataforma do CAPES.

Além disso, a plataforma utilizou-se como recorte temporal as pesquisas entre 2020 a 2024, período que abrange periódicos atualizados e significativos para o nosso objeto de estudo e como descritores da pesquisa, utilizou-se: “leitura”, “escrita”, “brinquedoteca hospitalar”, “criança hospitalizadas”, “adolescente hospitalizado” e “pacientes oncológicos”. Também teve-se como critério de inclusão/exclusão das produções, acrescentou-se os filtros: booleano AND, aspas, produções com acesso aberto e trabalhos de produção nacional, apenas artigos cujo idioma estivesse em português no Periódico Capes e no Catálogo, focou-se nas dissertações e teses, com o mesmo recorte temporal.

Por conseguinte, na delimitação e mapeamento das buscas, encontrou-se uma quantidade limitada de pesquisas correspondentes à temática investigada neste trabalho. Durante as buscas e leituras dos achados, privilegiou-se na análise dos títulos dos achados e na leitura do resumo, introdução e conclusão para selecionar os trabalhos que sejam relevantes com o objeto de investigação. Entre os resultados, os achados estão representados no quadro a seguir:

Tabela 1 - Total de trabalhos encontrados com uso dos descritores e filtros, no período de Dezembro de 2024, com recorte temporal de 2020 a 2024

Base	Trabalhos encontrados	Aproximados com a temática	Percentual
Periódicos CAPES	68	0	0%
Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	18	0	0%
TOTAL	86	0	0%

Fonte: Elaboração própria (2025).

O quadro demonstra que não há estudos que envolvam atividades de leitura e escrita com pacientes oncológicos em idade de escolarização no espaço da brinquedoteca hospitalar. Para melhor esclarecimento de como se deram as buscas pelos estudos, a seção seguinte demonstra o percurso de mapeamento destas.

2.2 Os achados no Periódico CAPES

Tendo por objetivo refinar os resultados por meio da busca na base de dados do Periódico CAPES, utilizou-se descritores aliados ao nosso objeto de estudo, operadores booleanos, como critérios de exclusão e inclusão, e combinações variadas de filtros, para afunilar a pesquisa, faz-se essa subseção, para a identificação de informações relevantes para o mapeamento das produções.

Iniciou-se a busca com o termo “brinquedoteca hospitalar”, com os filtros, língua portuguesa, revisado por pares, acesso aberto e recorte temporal, apareceram 3 trabalhos, mas nenhum relacionado a este objeto de estudo, portanto não foi necessário combinar com booleanos.

De maneira sistemática, a busca se iniciou utilizando o termo “leitura” como descritor inicial. Essa estratégia resultou em 50.897 achados relevantes, foi necessário usar o recorte temporal e os filtros explícitos anteriormente, recaiu para 6.828 trabalhos, o que demonstra um quantidade expressiva, por isso usou-se do booleano AND com o descritor “escrita” diminuindo para 927, o que demonstra ainda uma quantidade extensa, sendo necessário outro descritor “criança hospitalizada” acompanhado do mesmo booleano, totalizou em zero resultados.

Quando utilizado apenas o descritor escrita combinado com o booleano AND

para “criança hospitalizada” e o booleano OR para “adolescente hospitalizado” totalizaram 17 trabalhos sem relação com este tema.

Utilizou-se o termo leitura , combinados com os booleanos AND e OR para criança hospitalizada e adolescente hospitalizado, apareceram 18 artigos, porém nenhum relacionado a esta pesquisa.

Usando o descritor leitura e “paciente oncológico” combinado com o booleano AND aparecem apenas 16 trabalhos, porém sem relação com nosso objeto de estudo. Foi necessário combinar o descritor escrita também com “paciente oncológico” através do booleano AND, encontrou-se 17 resultados, sem relação com este estudo. Quando utilizado o descritor “brinquedoteca hospitalar”, apareceram 4 resultados, também sem relação com este tema, por conta da quantidade de resultados ser muito pequena, não foi preciso usar booleanos para este descritor. Como se vê, não se encontrou resultados relacionados à temática deste estudo, nos anos de 2020, 2021, 2022, 2023 e 2024, conforme disposto no quadro a seguir:

Quadro 01 - Resultados dos trabalhos encontrados no Periódico CAPES com uso de booleano AND e OR para filtrar os achados, com recorte temporal de 2020-2024

Descritor 1	Booleano	Descritor 2	Booleano	Descritor 3	Resultados	Achados
leitura	AND	criança hospitalizada	OR	adolescentes hospitalizados	18	0
escrita	AND	criança hospitalizada	OR	adolescentes hospitalizados	17	0
escrita	AND	paciente oncológico	-	-	17	
leitura	AND	paciente oncológico	-	-	16	0
TOTAL					68	0

Fonte: Elaboração própria (2025).

Os resultados na plataforma dos periódicos da CAPES totalizaram 51 resultados, sem achados relativos à temática que tenha correlação com a pesquisa deste TCC. Destacando a limitada produção científica que aborda a relação entre leitura e escrita com crianças e adolescentes no hospital, em especial os pacientes oncológicos, apontando para a necessidade de se pensar e de se produzir a respeito.

2.3 Os achados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Compreendendo que o Estado da Questão tem como procedimento realizar o levantamento bibliográfico seletivo para identificar e definir o objeto de investigação e as categorias de análise. Para dar continuidade a esse processo, a pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES foi realizada com a utilização de filtros, aspas, booleanos e descritores para o refinamento dos resultados encontrados.

Iniciou-se a busca com o termo “brinquedoteca hospitalar” dentro do recorte temporal foram encontrados 5 trabalhos, nenhum relacionado à temática, objeto deste estudo, por isso não foi necessário combinar com booleanos.

Para concretização da busca dos dados, definiu-se a princípio os filtros de recorte temporal dos últimos 5 anos, ou seja, entre 2020 e 2024, e o recorte da área de conhecimento “educação”, e foi utilizado o descritor “leitura”, resultando em 1.955 teses e dissertações encontradas. Haja vista a quantidade expansiva de trabalhos, foi necessário delimitar mais a busca para trazer particularidade à temática, utilizando-se o booleano AND para acrescentar o descritor “criança hospitalizada” OR “adolescente hospitalizado”, com os filtros área de concentração, grande área de conhecimento, totalizou em 759, um valor ainda exorbitante, por isso foi colocado o descritor “paciente oncológico” com o booleano AND, não encontrando nenhum resultado.

Ainda sendo necessário a triagem nas buscas, devido a escassez de trabalhos que se relacionem com o objeto a ser investigado, levantou-se uma nova busca, mas mantendo os filtros, e foi adicionado o descritor “escrita”, sendo associado ao booleano AND com o descritor “criança hospitalizada” OR “adolescente hospitalizado”, resultando em 893 resultados, uma quantidade grande, por isso, usou-se o booleano AND com o descritor “paciente oncológico”, não contendo nenhum resultado.

Uma nova busca foi iniciada a fim de encontrar trabalhos a serem discutidos e analisados. Para tanto, esta busca foi iniciada com o incorporamento do descritor inicial “escrita”, levando ao total de 1.925 resultados, ao ser combinado ao booleano AND e o descritor “paciente oncológico”, para especificar o mapeamento, somou-se em 3 resultados, porém sem identificação com a proposição deste estudo.

Levantou-se outra busca bibliográfica, desta vez com o descritor “leitura” para resultar em 1.955 achados, correlacionado ao descritor “paciente oncológico” e o booleano AND, para resultar em 15 achados sem qualquer relação com o tema, evidenciando a

escassez de produção científica que relacione leitura e paciente oncológico ou até mesmo escrita e paciente oncológico. Tais descrição, encontra-se sistematizada no quadro a seguir:

Quadro 2 - Resultados dos trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES com uso de booleano AND e OR para filtrar os achados, com recorte temporal de 2020-2024

D1	Booleano	Descritor 2	Booleano	Descritor 3	Booleano	Descritor 4	Resultados	Achados
leitura	AND	criança hospitalizada	OR	adolescente hospitalizado	AND	paciente oncológico	0	0
escrita	AND	criança hospitalizada	OR	adolescente hospitalizado	AND	paciente oncológico	0	0
escrita	AND	paciente oncológico	-	-	-	-	3	0
leitura	AND	paciente oncológico	-	-	-		15	0
TOTAL							18	0

Fonte: Elaboração própria (2025).

O Quadro 2 revela que, ao todo, houveram 18 trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, contudo nenhum destes foi aproveitado devido a incompatibilidade e a escassez dos achados, desvelando uma lacuna social ao explorar temáticas que envolvam a leitura e a escrita de crianças hospitalizadas enquanto estão em tratamento oncológico.

2.4 Contribuições do objeto na atualidade científica

A partir das buscas realizadas, percebe-se de, maneira peculiar, a falta de produções científicas pautadas em uma temática deveras essencial em nosso país. Formar leitores e escritores rompe as paredes da sala de aula, uma vez que a educação dedica-se a prover o ensino para todos independentemente de onde estes sujeitos estejam ou se

ocorrerá por meio da educação formal ou informal. Essa lacuna acaba por dificultar a consolidação de práticas baseadas em evidências.

Com base na busca realizada, para compreender-se sobre o que vem sendo produzido, foi percebido que os estudos sobre a educação nos hospitais ao que tange à leitura e escrita de crianças e adolescentes em estado de adoecimento por câncer, estão em escassez haja vista a falta de achados que colaborassem de fato com o tema abordado neste trabalho. Esta conjuntura revela uma falta de informação preocupante ao cenário atual, tal qual levanta a necessidade de um olhar atento para a exploração desta temática.

Produzir novos estudos que entendam a leitura e escrita em espaços hospitalares é inegável para avançar nas investigações científicas, para melhorar o aporte acadêmico, tanto para os saberes teóricos quanto para as contribuições práticas na busca de desenvolver a leitura e escrita em diferentes ambientes. Além disso, vale ressaltar a importância da articulação entre os diferentes saberes profissionais para a concretização de novas produções.

Diante das Plataformas do Periódicos CAPES e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, confere-se que esta pesquisa contém uma temática única. Esta evidência deixa claro que nem todos os hospitais possuem um espaço físico que acolha o atendimento educacional hospitalar. Em resumo, essa escassez deixa claro a oportunidade para se pensar no desenvolvimento integral dessas crianças e desses adolescentes, reconhecendo as dimensões tanto emocionais quanto educacionais destes.

Sabe-se que a função de uma brinquedoteca hospitalar é pensada a partir da necessidade do brincar para a criança hospitalizada. Segundo Cunha (2007), o propósito da brinquedoteca em ambiente hospitalar visa contribuir para a melhoria do estado de saúde da criança, onde culmina em alegria para enfrentar o processo do enfrentamento da doença de forma mais leve. Diante o exposto, comumente a brinquedoteca está associada à humanização do ambiente hospitalar, tendo em vista amenizar os impactos de uma internação por motivos de saúde. As primeiras intenções para adesão das brinquedotecas em ambientes hospitalares é iniciada por volta da década de 50, por Cunha (2008) ao discutir, em 1956, a existência das brinquedotecas hospitalares na Suécia, sem êxito à princípio, até a observação de que, de fato, as brinquedotecas agiam a favor da recuperação das crianças.

O III Congresso Internacional de Ludotecas, realizado na Bélgica, em 1984, revelou a pauta do brincar como agente positivo às propostas de humanização nos hospitais (Cunha, 2008). Com isso, abriram-se portas para se discutir quanto às atuações

nas primeiras Brinquedotecas Hospitalares que estavam surgindo. No Brasil, as brinquedotecas ganharam força e reconhecimento por iniciativas da Associação Brasileira de Brinquedos (ABBri), iniciada por um grupo de educadores, em 1990, no mesmo ano do surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ao garantir direitos, dentre eles, o do brincar (Carneiro, 2024).

Atualmente, discute-se que a brinquedoteca hospitalar parte do pressuposto de que o brincar está inseparavelmente associado à infância. E, para que este direito seja realmente garantido à criança e ao adolescente, em ambiente hospitalar, a Lei nº 11.104/2005, traz a instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam internação, como obrigatoriedade em suas dependências (Brasil, 2005). Por sua vez, o brincar, especialmente durante a hospitalização, ressignifica as experiências vivenciadas com os seus encantos e divertimentos. Diante disso, para Fortuna (2009), a brinquedoteca “reflete a afirmação de um conceito, o da valorização do ato de jogar/brincar com que este espaço se compromete”. Embora o brincar coexista na brinquedoteca, normalmente, como uma atividade livre, espontânea ou direcionada, não deve negar-se a capacidade que este espaço possui para agir também como uma ferramenta de aprendizagem.

Logo, a brinquedoteca hospitalar tem o potencial de desenvolver atividades que colaboram com o aprendizado da criança e do adolescente nas realizações de atividades com leitura e escrita. Sendo assim, em um hospital que não tem classes hospitalares, a brinquedoteca pode ser o lugar para o atendimento educacional hospitalizado ser desenvolvido através de atividades essenciais de prática de leitura e escrita, que trarão benefícios tangíveis, vistos na expressividade pessoal das crianças e dos adolescentes, no desenvolvimento cognitivo e emocional, bem como na reintegração social e redução do isolamento. Tal como discute Borba (2019), a leitura estimula o contato com o lúdico e envolve o intelecto e a cognição, cujo o leitor tem a possibilidade de apreciar a construção do processo de escrita, que nem sempre se desenvolve de maneira linear, por considerar elementos conscientes e inconsciente do autor e do leitor, tais quais, subjetivamente, revelam e expressam diversos sentimentos individuais. Com isso, percebe-se que as práticas de leitura e escrita que vão de encontro com o/a pedagogo/a e os/as cativa, não apenas por causa sua necessidade, mas pelo encantamento, durante seu processo formativo, é também direcionada a atingir as crianças e os adolescentes para que os mesmos tenham uma relação saudável com o universo da leitura e escrita.

Além disso, destaca-se a relevância desta pesquisa que mostrou o seu diferencial frente à falta de discussões que promovam a leitura e a escrita para crianças e adolescentes

hospitalizados, especialmente aqueles em tratamento oncológico. Essa abstinência culmina tanto em desafios institucionais na promoção dessas atividades, quanto nas oportunidades de intervenções a serem realizadas à luz das que já são, o que deixa de contribuir a esse público. Subentende-se que essa falta de estudos para o desenvolvimento da ação docente em brinquedotecas, pautado em práticas de leitura e escrita, tendo em vista que, primordialmente, a função da brinquedoteca encontra-se no brincar.

Ao longo desta pesquisa, tem-se discutido contribuições que se voltam para abordar essa abstinência. Inclusive, levantou-se a relevância da prática da leitura e da escrita no ambiente da brinquedoteca hospitalar e nos benefícios dessa ação para a melhoria da qualidade de vida e no enfrentamento da doença. Tais aprofundamentos gerarão uma compreensão da prática pedagógica em hospitais e da atuação da brinquedoteca como um espaço pedagógico, a partir do projeto de extensão, “Estudar, uma ação saudável”, desenvolvido através do Grupo de Estudos e Pesquisas em Atendimento Educacional Hospitalar (GEPAEH), na brinquedoteca da Casa de Apoio da Fundação Antonio Jorge Dino, com enfoque nas práticas de leitura e escrita. Sendo assim, esta pesquisa visa produzir um estudo sobre a atuação do pedagogo em brinquedoteca hospitalares, demonstrando os desafios e possibilidades, que servirá como referência para pedagogos/as atuarem em espaços hospitalares.

3 LENDO, ESCRREVENDO E BRINCANDO: a brinquedoteca como espaço pedagógico para pacientes em tratamento oncológico

Os dias se passam, mas os cenários nos hospitais são sempre os mesmos, por isso explorar um ambiente que favoreça o distanciamento entre a mesmice no cotidiano hospitalar e possibilite aprendizagens para a leitura e escrita são de suma importância. O hospital é um local onde as crianças e os adolescentes hospitalizados, por vezes, estão incubidos de ver o ambiente externo dele. É certo que cultivam aprendizados, mas perdem a oportunidade de se desenvolverem por completo ao interagirem nas escolas, em suas casas e em passeios.

A partir dessa indagação, a presente seção apresenta a brinquedoteca como um espaço pedagógico para as crianças e os adolescentes, como pacientes oncológicos, que estão em tratamento prolongado de saúde. A educação permeia a brinquedoteca hospitalar, e nesta seção, essa prática será concebida como uma ferramenta de aprendizagem para desenvolver habilidades e competências no ambiente informal para a construção da realidade a partir da interação compartilhada.

3.1 Práticas de Leitura e Escrita em espaços hospitalares

A ciência que estuda a linguagem verbal humana, a linguística, em toda a expressividade de um determinado idioma, afirma que o estudo da língua materna é também utilizado no domínio de se expressar e se comunicar durante a vida cotidiana. Nessa conjuntura, afirma-se que a linguagem se engloba, inclusive, na esfera social e cotidiana.

Nessa mesma perspectiva, sob o olhar de Vigotski (1978, p. 24), pode-se dizer que as funções que constituem a linguagem acontecem no “momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes [...], convergem”. Nesse contexto, Vigotski argumenta que o desenvolvimento da linguagem permite à criança originar a inteligência abstrata, justamente aquela do cotidiano; e, a inteligência abstrata, que está ligada ao raciocínio sobre ideias complexas, simbólicas e conceituais.

Sendo assim, a princípio, a fala e a atividade prática, da criança e do adolescente,

se desenvolvem separadamente/independentemente. Porém, existe um ponto de encontro entre essas duas capacidades, permitindo que a linguagem influencie o auto regulamento das ações, isso permite, assim, o avanço cognitivo. Portanto, esse encontro entre a fala e a atividade prática que possibilita o surgimento da inteligência, especificamente, humana, contribui para resolução de problemas vivenciados socialmente.

Atrelado a isso, Almeida (2011, p. 13) afirma que a língua é produzida socialmente e a educação é um problema social. O autor traz uma correlação entre a esfera social e a aquisição da língua, essa concepção permite observar que quando há passividade no ensino e na aprendizagem, por vezes, o aluno não compreende que ele é o sujeito da sua própria história. Infelizmente, um reflexo da passividade é a evasão. Contudo, a literatura colabora com o desenvolvimento cognitivo, justamente, por oportunizar ao indivíduo maiores habilidades de compreensão ao que se é dito, visto e lido, além de permitir uma continuidade de aprendizados. Para Leite (2011, p. 19) “o material com que trabalha a literatura é fundamentalmente a palavra e que, portanto, estudar literatura significa também estudar língua e vice-versa.”

Silva, Pinel e Bruno (2022, p. 58) percebem a literatura infantil como um espaço discursivo onde a criança/adolescente pode, enquanto sujeito da própria narrativa, expressar sobre si mesmo, sobre a vida e a morte, livremente. Isso ocorre tanto no mundo externo, influenciado pelo ambiente, quanto no mundo interno, influenciado pela subjetividade. Logo, a leitura e a escrita são um instrumento essencial para a formação intelectual, emocional e afetiva dos indivíduos, pois desempenham um papel central na educação e na construção de valores sociais, configuram-se, então, como um importante instrumento para a educação.

Dessa forma, uma das inúmeras possibilidades para o ensino da leitura e da escrita é a utilização da literatura, que é capaz de direcionar a criança e o adolescente para uma posição crítica e criativa sobre o seu próprio eu. Contribuindo assim, para a sua formação integral e plural, livre de bloqueios ou falta de expressão linguística.

De acordo com Leite (2011, p. 20), existem diferentes formas de se entender literatura: a) como um patrimônio cultural; b) como um sistema de obras, autores e público; c) como uma disciplina escolar; d) cada texto consagrado pela crítica é literário; e por último, e) qualquer texto, mesmo não consagrado, tem intenção literária. Com isso, a autora compreende a necessidade da reflexão teórica e histórica sobre o texto, principalmente, durante os primeiros contatos e no exercício da leitura e escrita.

Quanto à prática de leitura, Geraldi (2011, p. 48) afirma que existem dois tipos de

textos, havendo assim, dois tipos de profundidades de leitura. O primeiro deles trata-se dos textos curtos, que são provenientes de contos, crônicas, reportagens, lendas, notícias de jornais, editoriais e etc. No que se refere ao segundo tipo de texto, há as narrativas longas, que são vistas nos romances, novelas e peças teatrais.

Os textos curtos, se relacionam, principalmente, com a produção de texto. Nos dois casos sempre será o enredo que irá atrair o leitor. Por isso que, dentro desse segundo contexto, se torna mais atrativo trabalhar com narrativas longas, tendo em vista que o leitor pode ficar muito mais envolvido com a trama. Uma vez que o enredo é mais desenvolvido, expõe diferentes ideias e possui pensamentos estruturados em início, meio e fim. Refletindo positivamente no processo de compreensão da realidade.

Além disso, é importante olhar para a linguagem e para a própria língua por uma concepção que vai além daquela, comumente, dominante na escola, cujo domínio técnico assegura a comunicação da escrita e da fala, porém, contudo, por vezes, visa traduzir ou reproduzir um texto. Ressalta-se, então, a importância da atribuição do sentido e significado às produções textuais e estes sejam, assim, eficazmente acrescentados aos conhecimentos obtidos para a vida.

Levando em consideração que a linguagem não é uma transmissão de sons ou traduções, simplesmente, a autora Leite (2011, p. 22) afirmam que:

Na medida em que a escola concebe o ensino da língua como simples sistema de normas, conjunto de regras gramaticais, visando a produção correta do enunciado comunicativo culto, lança mão de uma concepção de linguagem como máscara do pensamento que é preciso moldar, domar para, policiando-a, dominá-la, fugindo ao risco permanente de subversão criativa, ao risco do predicar como ato de invenção e liberdade. Por isso, na escola, os alunos não escrevem livremente, fazem redações, segundo determinados moldes; por isso não lêem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras e buscam fixar a sua riqueza numa mensagem definida.

Sendo assim, escrever livremente é importante para promover a liberdade de pensamento e agir em favor do desenvolvimento da criança hospitalizada que, por motivo de doença grave, como o câncer, está absorvendo grandes sobrecargas emocionais, como estresse e ansiedade. Apesar da importância da leitura e da escrita, principalmente, para a criança e o adolescente que se encontra hospitalizado, influir no desenvolvimento linguístico e, por consequência, na capacidade de expressão e comunicação, esses hábitos construtivos podem ser quase inexistentes pela falta da regular ida à escola e pela descontinuação dos estudos.

Nesse sentido, a educação não se limita à escola, mas se manifesta em diferentes

espaços e de diversas formas, podendo ser planejada ou surgir espontaneamente, conforme as necessidades do contexto. Nos ambientes hospitalares, por exemplo, a leitura e a escrita tornam-se ferramentas poderosas, permitindo que crianças em tratamento oncológico mantenham o vínculo com a aprendizagem, expressem sentimentos e ampliem sua visão de mundo, transformando a educação em um processo acessível e inclusivo. Tal processo não ocorre isoladamente, mas é fortemente influenciado pelas experiências vividas, o que ressalta a importância do estado emocional na aprendizagem.

Ademais, a educação, especialmente no que tange à leitura e à escrita, desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo, promovendo o desenvolvimento físico, intelectual e emocional, sempre em diálogo com o meio externo. Mais do que transmitir conhecimento, a educação organiza e prepara o sujeito para a vida em sociedade, garantindo que sua expressão escrita e leitora sejam construídas de forma significativa. Para isso, é essencial que o estado emocional esteja bem estruturado, pois a aprendizagem está diretamente ligada às experiências e às interações do aluno com o mundo.

Dessa forma, de acordo com Mello (2010), ao buscar compreender a formação e o desenvolvimento do psiquismo humano por meio da psicologia histórico-cultural, percebe-se que esse processo está atrelado ao conhecimento empírico, ou seja, ao que é experienciado ao longo da vida. Nesse contexto, a escrita se manifesta como um reflexo cultural complexo, moldado pelas interações do indivíduo com o mundo. Assim, a educação, presente em diversos espaços e circunstâncias, incluindo hospitais, possibilita que a leitura e a escrita sejam instrumentos de expressão e construção de conhecimento, reforçando sua importância na formação integral do sujeito.

Conforme argumenta Freire (1991), a leitura do mundo vem antes da leitura da palavra, isto significa que antes de aprender a ler textos escritos, a criança, previamente, interpreta a realidade ao seu redor por meio do pensamento, da imaginação e das experiências sensoriais. Isso permite que a criança desenvolva significados pertinentes à sua própria existência. Dessa forma, a leitura concretiza uma função essencial ao que tange o desenvolvimento da consciência da criança, de maneira identitária.

Smolka (2018, p. 82, grifo da autora) afirma que “não se ‘ensina’ ou não se ‘aprende’ simplesmente a ‘ler’ e a ‘escrever’. Aprende-se a usar uma forma de linguagem, uma forma de interação verbal, uma atividade, um trabalho simbólico”. Com isso, a autora defende a necessidade de se considerar a elaboração cognitiva da escrita em união à sua função, funcionamento, constituição e constitutividade na interação social (Smolka, 2018).

Com isso, a escrita se apresenta como um instrumento de expressão, comunicação e construção de sentido, alinhando-se à compreensão de que a interação e o contexto são fundamentais para o desenvolvimento das crianças.

Smolka (2018) reforça a ideia de que a leitura e a escrita não são apenas habilidades técnicas adquiridas isoladamente, mas sim práticas culturais e sociais que envolvem significação, interação e construção de sentido. Essa perspectiva dialoga diretamente com Vigotski (1978), que compreende o desenvolvimento intelectual como um processo no qual a linguagem desempenha um papel central, mediando a relação do indivíduo com o mundo.

Dito isso, cabe afirmar que, ao haver aprendizagem, também há cultura sendo produzida, dessa forma as manifestações culturais são analisadas por meio de relações interpessoais produtoras de cultura e de aprendizagem. Uma pergunta recorrente é “como acontece a aprendizagem?” que acaba levando a análises complexas que contemplem inúmeras temáticas a fim de descobrir a raiz das fontes de conhecimento. Nem sempre a aprendizagem é única, muitas vezes ela é contraditória entre si mesma, contudo, ela será sempre contínua.

O ato de aprender não se limita apenas à escola, ele excede os muros escolares e caminha pelo cotidiano do sujeito. Assim, as práticas que são aprendidas, se movimentam a partir da rotina e dos diferentes contextos que ela oferta. Aprender, de fato, acontece a necessidade de praticar o que foi entendido, ou seja, pôr em movimento o aprendizado, ao invés de permanecer estático sem que haja transformações nas formas de pensar. Logo, estimular a criança e o adolescente para a aptidão pela leitura e escrita torna-se essencial. Leontiev (1978, p. 241) afirma que:

Os motivos são formados na vida real da criança; a unidade da esfera motivacional da personalidade concorda com a unidade da vida, portanto os motivos não podem se desenvolver ao longo de linhas isoladas, não ligadas entre si. Portanto, o que estamos tratando é que as tarefas de educar os motivos do estudo estão vinculadas ao desenvolvimento da vida, com o desenvolvimento do conteúdo da verdadeira relações vitais da criança; somente com esta condição os objetivos traçados serão suficientemente concretos e, o que é fundamental, reais. [tradução da autora]

Nessa fala observa-se as convicções do autor em defesa de que a educação não deve ser subestimada, mas é necessário educar a atitude para com o conhecimento. Essa atitude, de acordo com o autor, é a essência do caráter consciente do estudo. Percebendo, então, que os motivos que impulsionam a criança a aprender são construídos a partir de sua experiência da vida real, Mello (2010, p. 333) argumenta que “as particularidades da

personalidade a que se refere o autor são formadas sócio-historicamente, o que implica que as experiências condicionam a formação dessas particularidades – que, por sua vez, condicionam as vivências da criança com a cultura.”

Mello (2010) revela que a elaboração do conhecimento sobre escrita, seja em ambientes formais ou não, se processa na representação social, ao que diz respeito às construções de significado e interações simbólicas, conforme a função social da linguagem e da interação verbal. Por isso, fica nítido que aprender a ler e a escrever não nasce apenas de decodificação das palavras/letras, mas esse aprendizado ocorre, também, como parte da comunicação humana, influenciada pelas necessidades e práticas sociais.

Quanto à formação de crianças/adolescentes leitoras e produtoras de texto, vale considerar que “compreender a linguagem escrita como um instrumento cultural complexo implica em rever as formas de apresentação da linguagem escrita para as crianças e almejar a formação de leitores e produtores de texto” (Mello, 2010).

Não se constitui conhecimento de maneira isolada, e por quê não, constituir práticas de leitura e escrita em hospitais? Os quais possuem espaços potencializadores de aprendizagem como, no contexto deste estudo, as brinquedotecas, que diminuem o isolamento social e despertam interações valiosas entre crianças e os adolescentes em tratamento oncológico.

Como despertar nas crianças uma atitude positiva para o desenvolvimento da leitura e da escrita? Como promover o interesse genuíno pelo ato de ler e escrever, tornando-o significativo para sua vida? Como construir um ambiente que valorize a literatura como instrumento de formação da consciência e da identidade da criança? Como educar a criança para compreender a leitura e a escrita não apenas como habilidades técnicas, mas como instrumentos fundamentais para construir sua própria identidade?

Assim, responder a essas questões implica compreender que a leitura e a escrita não devem ser apresentadas apenas como habilidades a serem aprendidas, mas como práticas culturais que fazem parte da construção do sujeito. Cabe aos educadores criar estratégias que integrem o ensino da leitura e da escrita às experiências da criança, conforme cada necessidade específica.

3.2 Para além do brincar: a brinquedoteca como espaço de leitura e escrita

As constituições formativas da infância são determinadas pela convivência

cultural, além de outros fatores, que também estão intrinsecamente interligados a este primeiro. Durante o percurso de vida na infância, este sujeito que a vive, não deve ser impedido de vivê-la com plenitude e asseguarção de seus direitos básicos. O brincar e ser exposto a situações de lazer é um deles. De acordo com Foresti e Bomtempo (2006, p. 32) “o professor durante a sua formação profissional, não desmistifica o conceito de que brincar não é coisa séria e, portanto, o brincar é empregado muito mais como atividade livre do que como um instrumento de estratégia de aprendizagem”.

O brincar, além de ser um direito de toda criança, é algo mágico, vivenciado em sua plenitude durante a infância, ou ao menos deveria, e se debruça onde os sonhos se tornam realidade, sorrisos em gargalhadas e onde a imaginação é aflorada. Com isso, o próprio significado do brincar expressa toda a sua representação, seja em qualquer época ou lugar do mundo. Brincar exige diversos fatores, desde: a disposição/vontade, que naturalmente faz parte da criança; ao ambiente, que deve ser pensado com responsabilidade; e, a funções cognitivas, ou seja, processos mentais que permitem a realização de tarefas.

Além disso, o brincar faz parte da cultura infantil, que é constituída pelos elementos e recursos do contexto social que determinada criança ou adolescente experiencia. Cada indivíduo possui sua própria bagagem, com isso, sua própria individualidade, história e concepção de mundo; mas no brincar, as diferentes realidades se aproximam e tornam-se uma só, assim os indivíduos podem interagir como se estivessem em uma mesma realidade, mas com as suas próprias formas de ser em unidade.

Paradoxalmente, o lugar de emergência e de enriquecimento de uma cultura é marcado pela expressão da subjetividade, dessa forma a cultura não depende de outra, pois a cultura nasce, justamente, a partir da independência de uma instância em relação à outra. Tal suposição é um reflexo da psicologia do brincar, onde objeções não convêm ao ato de brincar (Bougière, 1998). Isto dá importância a levar em consideração os diversos âmbitos que englobam o ser humano, pois o brincar também leva em conta a questão social do indivíduo e é a própria expressão de cultura deste.

O brincar é uma atividade que possui a capacidade de estreitar laços, mas pode, inclusive, não ser bem aceita por quem a pratica, por falta de conexão, quem sabe. Porém, sempre há um início, meio e fim em todas as brincadeiras infantis, pois por um momento, elas duram, apesar de gerarem impacto por uma vida inteira. Além disso, o brincar pode ser livre, espontâneo, voluntário ou direcionado com sugestões. Por isso, é importante estar atento ao que pode gerar ou desencadear o brincar para que essas possibilidades

sejam estimuladas e despertadas na criança e no adolescente brincante, tendo em vista que as brincadeiras são potencializadoras da aprendizagem.

Faz-se importante no momento do brincar, dar voz às crianças, pois este é o momento delas, o momento no qual a imaginação entra em seu ápice e estas podem livremente escolher expressarem-se pelo brincar. De acordo com Bougière (1998), quando se brinca, se aprende, sem exclusão, sobre o brincar e a controlar um universo simbólico, e em sua tentativa na busca de definir uma cultura lúdica, resultado de uma experiência lúdica, afirma que esta é como um conjunto de diversos procedimentos e esquemas para tornar o brincar possível, e assim, evolui com a transposição de um esquema para outro, produzida pelo próprio sujeito social.

Dessa forma, se compreende a cultura lúdica como componente da cultura da infância, mas distingue-se a partir da idade, contexto histórico, região, ou gênero. Logo, crianças que estão isoladas, hospitalizadas ou em situações vulneráveis, precisam, igualmente, ser ambientadas ao brincar, a fim de que a cultura, que molda e transforma, seja produzida. Pois, em todo brincar há uma atribuição de significados, sendo assim, para Bougière (1998) quem brinca toma para si diversos elementos culturais para construir sua própria cultura lúdica com significados personalizados.

No hospital, o brincar tem se tornado cada vez mais um poderoso aliado voltado para o desenvolvimento infantil, bem como para o processo de recuperação da criança e do adolescente. Para tanto, é preciso considerar que a hospitalização ocasiona a detenção do desenvolvimento, por isso, o brincar, juntamente com a brinquedoteca, deve se fazer disponível à esse indivíduo hospitalizado, garantido por lei.

Para Kishimoto (2011, p. 19), a infância é a projeção da esperança na “idade do possível”, a qual é enriquecida por auxílio de concepções pedagógicas e psicológicas. Assim, pode-se dizer que o brincar estimula os sentidos, a criatividade, a expressão e colabora com o bem-estar do ser brincante, seja criança ou adolescentes. Quantos benefícios o brincar agrega, vistos no fortalecimento da saúde mental de crianças/adolescentes, na colaboração do desenvolvimento das habilidades sociais e no trabalho quanto aos aspectos da liberdade criativa para imaginar e se divertir, desenvolvendo as capacidades comunicativas significativas, de maneira natural e espontânea.

Para Foresti e Bomtempo (2006, p. 35), o brincar é capaz de desenvolver capacidades físicas de uma criança, tanto a coordenação motora fina como grossa, quanto às habilidades motoras, por essa razão “o educador também precisa ter conhecimento

sobre a influência que os espaços exercem sobre o desenvolvimento do brincar social ou turbulento e do brincar solitário ou silencioso da criança”. Assim, o espaço, sendo ele a brinquedoteca, objetiva oportunizar o brincar, logo, a aprendizagem.

Conforme Carneiro (2024), a criança não é um ser isolado, ela possui características, elementos formativos e uma função social, todavia, possui sua função individual, cuja sociedade não somente a considera como uma tábula rasa, mas, também, ela age sobre a sociedade transformando-a, levando em consideração que as crianças se apropriam da cultura dos adultos para constituir a sua própria cultura. Sendo assim, a criança é um ser complexo e, de acordo o artigo 2º da lei 8.069, de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera-se criança aquele indivíduo de até onze anos completos; e, o adolescente é aquele que possui de doze anos completos a 18 anos completos.

As brinquedotecas, por sua vez, são os ambientes onde há manifestação do brincar e resgate da cultura lúdica. Para Linhares (2024), nesse ambiente existe uma responsabilidade ativa que considera a criança um ser dinâmico e participativo durante a relação entre a saúde e a doença no ambiente hospitalar. Desse modo, a brinquedoteca insere uma perspectiva de remissão da essência da criança e do adolescente em um ambiente que estimula e oportuniza a troca de experiências, somando ao tratamento oncológico e afastando a solidão que acomete a internação no hospital. O Estatuto da International Toy Libraries Association (2021), expressa que a brinquedoteca fornece recursos, dispões de profissionais, necessariamente, treinados e um espaço especializado para proporcionar o brincar compartilhado e/ou empréstimos de brinquedos e jogos, cujo é o centro das atividades.

Furley (2019) dialoga acerca da história da brinquedoteca hospitalar, ao expor uma marca no seu percurso histórico, proveniente na Suécia, a partir de 1950, cujo período havia grandes discussões quanto a reabilitação e reintegração de crianças com deficiência motora, nas quais os educadores muito participavam ativamente. Por meio dos estudos desenvolvidos, constatou-se que os jogos estimulam a redução funcional motora do cérebro. Logo, em 1950, o Ministério Nacional de Saúde, por meio de uma pesquisa, buscou possibilitar a compreensão dos educadores sobre a importância da formação especializada para atender as crianças hospitalizadas.

Diante o exposto, o interesse, então, foi gerado nos educadores e foi criado o Instituto de Pedagogia Superior de Estocolmo, capital da Suécia, onde foi possibilitado uma cadeira especializada com duração de 3 anos. Em 1974, o Ministério Nacional da

Saúde da Suécia, começa a dispor as crianças hospitalizadas em suas diretrizes e leis; e, em 1977, foi sancionada a lei “Sobre os cuidados com a criança”, a qual traz diversos relatórios, inclusive, sobre o brincar no processo de hospitalização. Cinco anos depois, no ano de 1982, essa lei é reforçada ao atribuir direito ao paciente ter acesso a informações claras e precisas sobre seu estado de saúde (Furley, 2019).

Nos estudos de Teixeira (2018), compreender sobre o surgimento das brinquedotecas no Brasil ajuda a se pensar sobre a seriedade desta, pela concepção das perspectivas históricas e culturais do desenvolvimento e da aprendizagem humana. Então, a autora referida menciona que a primeira brinquedoteca brasileira foi instituída em 1981, na Escola Indianópolis, em São Paulo, especializada em prestar atendimento às crianças com deficiência, prezava pelo brincar, pelo empréstimo de brinquedos e oferecia assistência à criança/aluno da escola. Constata-se, com isso, que à princípio as primeiras brinquedotecas estavam muito atreladas ao empréstimo de brinquedos, seguindo preceitos parecidos aos das bibliotecas, por exemplo.

Contudo, ao que tange às brinquedotecas hospitalares, a partir de uma perspectiva nacional e internacional, o processo de humanização hospitalar é o grande firmamento destas. Quanto ao brincar no hospital, em 1909, uma professora de jardim de infância, chamada Barbi Luther, estruturou de forma inédita certas atividades para crianças hospitalizadas em um hospital da Finlândia, o que originalmente, influenciou Lindquist, em 1993, a trazer suas concepções acerca do brincar no hospital (Teixeira, 2018). O advento das brinquedotecas nos hospitais foi tomando forma à medida em que se discutia, se estudava e se agia em favor dos direitos básicos de toda criança e adolescente, atrelados à saúde e à educação.

É certo que a brinquedoteca hospitalar requer bons profissionais, que sejam especializados e capazes de providenciar oportunidades para o brincar, que interajam com a criança, com os familiares e contribuam positivamente com o processo de tratamento. Posto isso, o brinquedista que atua na brinquedoteca hospitalar, possui a função de mediar a compreensão das crianças acerca dos brinquedos da brinquedoteca, das regras do jogo, fazendo assim com que a criança aprimore as suas habilidades e socialize com outras crianças, além disso, ele é responsável por toda a organização do espaço, categorização dos recursos, de acordo com as exigências em que a brinquedoteca está instalada, ou seja, se amoldando com as normas estipuladas pela instituição hospitalar a qual a brinquedoteca se integra.

De acordo com Viana (2019), “os brinquedistas são profissionais que possuem

competências técnicas para desempenhar cientificamente nas brinquedotecas a arte de brincar visando a aprendizagem e desenvolvimento da criança”. A criança aprende brincando, isso é fato, mas o profissional graduado em pedagogia compreende as fases do desenvolvimento infantil, assim ele pode agir em função das brincadeiras com práticas de leitura e escrita com o fim de promover aprendizagens significativas, os resultados serão surpreendentemente admiráveis e duradouros. Dessa forma, Alencar (2013, p. 19) afirma que “a inserção dos conteúdos escolares no atendimento educacional hospitalar deve acontecer de forma igualitária, uma vez que o aluno tem esse direito assegurado pela lei”.

Levar a leitura e a escrita para dentro do hospital é necessário para não romper com a continuidade dos estudos das crianças e dos adolescentes hospitalizados, para que durante o processo de internação, eles consigam manter com as práticas de leitura e escrita. A inserção do direito à educação não se restringe às condições de saúde desfavoráveis, toda criança e adolescente tem seus direitos estabelecidos e devem ser respeitados. O pedagogo observa a brinquedoteca hospitalar como um ambiente voltado à aprendizagem, não tão somente ao brincar livre. No contexto hospitalar, o pedagogo possui funções que visam em estratégias pedagógicas como uma metodologia da atuação pedagógica desempenhada.

Existem diversas situações de leitura, pode-se ler para viver com os outros a partir de uma óptica cooperativa, para comunicar-se, descobrir novos conhecimentos, para realização de tarefas, para alimentar o imaginário e para documentar-se (Jolibert, 1994). Torna-se necessário levantar o questionamento: Por que é importante ler? Ao nascermos, a habilidade leitora ainda não está constituída, então, quando surge? A partir de quais estímulos externos ou internos eles passam a vir à tona? Para Jolibert (1994), não se lê para aprender a ler, mas para suprir interesses que surgem. Mas, sobretudo, questiona-se: Para quê ler?

Tais questionamentos também são recorrentes às crianças ou adolescentes que estão aprendendo a ler e a escrever. Primeiro, é importante perceber que a leitura ajuda na organização da rotina. As crianças que estão hospitalizadas se deparam com situações nas quais precisam ler exames, diagnósticos, nomes próprios, nome das salas. Logo, o aprendizado da leitura enquanto aliado na atuação pedagógica nas brinquedotecas hospitalares oferece uma certa autonomia às crianças e aos adolescentes, elevando a autoestima e a esperança em si mesmos.

O pedagogo atua na promoção do saber, com isso revela às crianças e os adolescentes que são capazes de aprender, ou, em contexto hospitalar, que além disso,

também podem continuar aprendendo, mostrando um novo ambiente de aprendizado e rompendo com o caráter de apenas é possível ler ou escrever nas escolas. O ato da escrita e da leitura deve ser cativante ao ponto de acompanhar estes indivíduos por onde forem, sem cunho obrigatório ou como um dever inerente de significados. No hospital, essas práticas de leitura e escrita podem ser ressignificadas para torná-lo mais próximo de uma leitura/escrita que o possibilite à expressar todas as suas vivências que, por vezes, podem ser angustiantes.

Nesse sentido, leva a criança e o adolescente a extravasar sentimentos internos. Para além disso, tornar a leitura e a escrita como uma oportunidade de demonstrar o olhar de uma criança ou de um adolescente enquanto paciente oncológico, trazendo conscientização e humanização ao processo de hospitalização.

A leitura também possui um viés ligado ao estímulo do imaginário, ao envolver contos, poesias e literatura infantil que, ligados às atividades práticas, são vão desde leitura individual ou coletiva (Jolibert, 1994). Dessa forma é possível observar que a criatividade é intrinsecamente envolvida nesse processo, tal elemento traz diversos benefícios à criança e ao adolescente hospitalizado, contribuindo até mesmo em seu processo de recuperação, enquanto rompe com a rotina médica.

O processo de leitura envolve diversos fatores, de acordo com Jolibert (1994, p. 72), “as crianças relacionam as diversas formas de escrita, estabelecem relações, constroem hipóteses e as verificam com o texto”. Dito isso, a escrita não se vê desassociada da leitura, mas a escrita pode ser uma excelente aliada para trazer palavras e histórias contextualizadas ao presente da criança e do adolescente hospitalizado, dando voz aos seus pensamentos mais internos e para que isso seja possível, condições devem ser apresentadas e o pedagogo pode/deve atuar como um capacitador mediador.

Jolibert (1994) discute que não se ensina uma criança a ler, ela mesma se ensina a ler. Entretanto, a partir dessa perspectiva, tal afirmação não significa que a criança não precisa de mediação, pelo contrário, o processo de auto-aprendizado da criança é mediado e no decorrer deste, janelas de aprendizados são oportunizadas. No geral, observa-se um processo construtivo entre o saber e o não saber.

Quanto ao apoio ao aprendizado, Jolibert (1994) parte da hipótese de promover intervenções de apoio à criança leitora, no sentido de desenvolver práticas reflexivas para resgatar os significados do texto; prezar pela autonomia; melhorar o desenvolvimento de suas próprias práticas; e, recapitular observações da língua escrita.

Dessa forma, o apoio se refere às colaborações entre o pedagogo e a criança que

está se questionando sobre um texto e atribuindo um significado ao seu ato e as suas percepções. Porém, vale ressaltar que, estas intervenções também ocorrem de crianças para crianças, dado que o aprendizado provém de adesão de construções e desconstruções dos apoios coletivos quando há cooperações conscientes (Jolibert, 1994).

3.3 Pacientes em tratamento oncológico e os impactos na vida escolar

O diagnóstico de câncer, uma doença crônica não transmissível (DCNT), na infância ou na adolescência influencia em múltiplas áreas, tanto externa quanto internamente. A escola, além de ser um espaço formal, também é um espaço para promoção de interação e desenvolvimento pessoal e emocional. Contudo, com as exigências do tratamento oncológico e as restrições da doença, muitas crianças e adolescentes enfrentam um afastamento significativo desse ambiente, o que compromete seu acesso à leitura e escrita, elementos fundamentais para formação.

É muito comum que crianças e adolescentes hospitalizados por esta DCNT sintam que sua liberdade tem sido limitada tão somente ao espaço do quarto ou leito, sem a possibilidade de explorar ambientes externos, ou seja, locais abertos como a natureza, por exemplo, ou outros espaços. Dessa forma, as crianças estão propícias à, além do problema de saúde ao qual estão enfrentando, lidar com problemas emocionais como o estresse e a ansiedade da rotina, afetando-as negativamente e influenciando, posteriormente, nos seus modos de agir, pensar e sentir.

O profissional que estiver em contato com uma criança internada deve interagir com a criança percebendo o comportamento dela, estando atento para as questões relacionadas à saúde da criança de forma integral. De acordo com Calvett; Silva e Gaue, (2008, p. 230):

A criança mostra a sua sensibilidade e autenticidade de forma intensa, entrega-se à equipe, confiando nos seus cuidados, estando exposta a inúmeros procedimentos que, por vezes, são invasivos. Além disso, depara-se com o ambiente de pessoas desconhecidas, distante do seu cotidiano familiar, do brincar e de estudos quando em idade escolar.

Calvett, Silva e Gaue (2008) sugerem que a criança e o adolescente é privado de vivências significativas devido sua hospitalização, tal fato influencia diretamente no desenvolvimento do indivíduo. Vale ressaltar que o indispensável ato de refletir sobre essas questões tão reais em ambientes hospitalares que afetam as crianças e os

adolescentes, onde os mesmos lidam com sentimentos conflituosos e, por vezes, se encontram saudosos de ir às suas escolas, apesar das angústias relacionadas ao retorno depois de muito ou pouco tempo de interrupção das atividades escolares.

Isto é, essa quebra, podendo ser repentina, às atribuições rotineiras que estas crianças e adolescentes possuíam, pode agravar o fluxo de constantes progressões aos saberes escolares que estavam sendo desenvolvidos, levando-as, possivelmente, à regressão ou estagnação. Dessa forma, a mesma potencialidade que a escola possui para desenvolver um sujeito e levá-lo à um pleno exercício de cidadania, com criticidade e deveres, a falta dela também causa um tremendo impacto à sociedade e a qualidade de vida desses que possuem esta ausência.

Em consonância com as considerações anteriores, essa ausência da vida escolar associada ao processo de hospitalização acarreta em mudanças profundas no estilo de vida desse indivíduo, levando-os ao risco de doenças emocionais. De acordo com Smith (2008, p. 228): “As crianças com distúrbios emocionais ou comportamentais são educadas em variados ambientes: turmas do ensino regular, turmas separadas da educação especial, escolas especiais, sistema de justiça juvenil, instituições e hospitais”. Assim ela destaca a diversidade de ambientes educacionais onde os hospitais são um deles.

Embora ela argumente sobre crianças com distúrbios emocionais e comportamentais graves em crianças com idade escolar, vale trazê-la ao contexto hospitalar, devido a grande facilidade do desenvolvimento de transtornos emocionais e comportamentais em crianças e adolescentes com diagnóstico de câncer. Em ambos os casos, tais indivíduos são propensos a apresentar resultados educacionais insatisfatórios. A autora defende a ideia de que os distúrbios emocionais ou comportamentais são caracterizados como:

[...] uma deficiência caracterizada por respostas emocionais e comportamentais às regras culturais e étnicas anormais para a idade que afetam desfavoravelmente o desempenho educacional, o qual se refere às habilidades acadêmicas, ... sociais, vocacionais e pessoais. Tal distúrbio: • é mais do que uma resposta temporária esperada para acontecimentos estressantes no ambiente; • é consistentemente exibida em dois diferentes contextos, e ao menos um está relacionado à escola; • não responde à intervenção direta no ensino regular ou a condição da criança não permite que a intervenção no ensino regular seja eficiente. Distúrbios emocionais ou comportamentais podem coexistir com outras deficiências. Esta categoria pode incluir tanto crianças quanto jovens com esquizofrenia, distúrbio afetivo e de ansiedade ou outro distúrbio de conduta ou ajustamento quando eles afetam desfavoravelmente o desempenho educacional. (Deborah, 2008, p. 230)

De acordo com a fala pontuada, a autora acredita que os distúrbios emocionais

ou comportamentais são caracterizados, justamente, pelas respostas, tanto emocionais quanto comportamentais, que diferem-se do padrão social esperado conforme a idade e as imposições culturais, refletindo em deficiências na sua educação, podendo ser vistas relações de habilidades interpessoais e relacionais, acadêmicas e, também, vocacionais/profissionais. No entanto, suas primeiras manifestações ocorrem nas escolas, todavia, não são resolvidas por intervenções escolares.

Rabelo (2014, p. 115) discorre sobre a importância da permanência da educação em diferentes espaços em sua reflexão: “Em se tratando de educação não escolar é preciso romper algumas barreiras, especialmente as amarras da educação como uma prática eminentemente escolar [...]”, a autora enfatiza que a aprendizagem pode ocorrer em diversos espaços, à medida em que se adapta a necessidade do indivíduo, e nos leva a indagar quanto a atuação dos pedagogos, que neste caso, trabalham em hospitais para garantir a continuidade dos estudos das crianças/adolescentes que precisam de atendimento educacional hospitalar.

As crianças/adolescentes que enfrentam situação de hospitalização por adoecimento de câncer presenciam diversos momentos dolorosos nos quais apenas elas sentirão, apesar dessa problemática se abranger aos familiares e amigos. Esse fato traz consigo impactos nas atividades diárias e provocam uma série de marcas duradouras físicas e emocionais.

Como aponta Silva (2018, p. 401), por indicação médica, a criança deve ser afastada da escola por tempo indeterminado devido ao tratamento do câncer se dá por “cumprimento de protocolos rigorosos que, na maioria dos casos, desencadeiam uma série de efeitos colaterais devastadores” e cita os principais efeitos do tratamento oncológico, mencionando “dor acentuada, cansaço excessivo, náuseas, vômitos, falta de apetite, diarreia, baixa imunidade, queda de cabelo, irritabilidade, intoxicações, mucosites, abrupto emagrecimento ou inchaço, entre outros sintomas que restringem o paciente ao isolamento” (ibidem).

Diante o exposto, fica claro que o tratamento oncológico, como as quimioterapias, radioterapias e cirurgias, provocam efeitos colaterais que se estendem à capacidade de aprendizagem, pois, muito provavelmente trarão uma baixa na disposição e acrescentarão dificuldades de concentração para as atividades intelectuais, inclusive, para as práticas de leitura e escrita.

Furley (2019) em seu olhar de pesquisadora voltado às crianças em tratamento oncológico, seja por meio de quimioterapias e radioterapias, compreende a “persistência”

e a “perseverança” de quem luta contra o câncer e de quem o trata, denominando-os de “heróis”, expressando que estes são:

Heróis que permitem uma abertura de seu ser no mundo ao novo, pois tem em sua essência a necessidade de entender as interrelações e a coragem para arriscar-se apesar de todas as adversidades no lidar com a cura e a morte, como se fosse um subir e descer de uma montanha russa (p. 56-57).

Ressalta-se que após o diagnóstico do câncer (CA), é válido começar com tratamentos oncológicos, os quais prezam pela saúde do indivíduo e minimizam os males da doença. Então, para dirigir-se ao entendimento sobre estes tratamentos de combate ao câncer, têm-se a quimioterapia e a radioterapia. Ao que corresponde a quimioterapia, esta pode ocorrer:

[...] por via intravenosa (pela veia), intramuscular (pelo músculo), via oral (pela boca), intratecal (pela espinha dorsal), tópica (sobre a pele) ou subcutânea (abaixo da pele, nesse caso, o medicamento atuará na corrente sanguínea, sendo distribuído por todos os tecidos do corpo destruindo as células doentes e impedindo que elas se espalhem). Durante a quimioterapia, o paciente pode sentir desconforto (Instituto Oncoguia; Hospital do câncer de Barretos), deve evitar “atividades físicas exageradas” e manter-se com alimentos leves e saudáveis, acompanhado por nutricionista. Os efeitos colaterais da quimioterapia podem acabar após o ciclo de medicamentos ou durar meses/anos (Furley, 2019, p. 58-59, grifo da autora).

Em relação a radioterapia, Furley (2019) dialoga que existem casos em que o CA pode ser curado sem a necessidade de quimioterapia, sendo esta doença com possibilidades de cura apenas pela radioterapia ou cirurgias específicas. Esse tratamento “é feito através de radiações ionizantes que atuam inibindo ou destruindo as células doentes que formam o tumor. Ele pode ser realizado isoladamente ou combinado com a quimioterapia e a cirurgia” (Furley, 2019, p. 59).

Ademais, Furley (2019, p. 59, 60) cita possíveis efeitos colaterais da quimioterapia, como a “anemia, diarreia, dor, fadiga, mudança de apetite, infecção, náusea e vômito, perda de cabelo, sangramento”; e, da radioterapia, os quais apresentam sensação de “enjoo, cansaço, náusea, vômito, falta de apetite, ardência urinária, diarreia e sua pele pode ficar avermelhada, escamada e com bolhas, por isso é importante que o paciente evite o contato com o sol”.

Os estudos realizados por Silva (2018) indicam que a segunda maior causadora de hospitalização em crianças e adolescentes é o câncer, doença grave, que traz ameaças à vida, e seu tratamento causa, também, efeitos psicológicos e sociais, trazendo rotinas incertas e instáveis. Sendo assim, tais impactos, como já citados anteriormente pelos

efeitos colaterais do tratamento, respondem diretamente na vida escolar desses indivíduos, os levando à dificuldades para ler e escrever, além da reprovação ou evasão escolar. Em vista disso, o atendimento educacional se torna essencial para o combate e inclusão educacional de crianças hospitalizadas. De acordo com Silva (2018, p. 402):

E o fato de que algumas delas ainda não possuam uma capacidade de compreensão plena do que se trata, o que vai depender da idade, não irá minimizar os efeitos psicológicos inerentes à passagem pelo ambiente hospitalar. A falta de inclusão escolar para crianças e adolescentes submetidas a tratamentos de saúde, principalmente quando prolongados, como nos casos de doença oncológica, pode resultar em sentimento de inferioridade desencadeando uma série de prejuízos consideráveis ao seu desenvolvimento emocional e social. A educação é fundamental para a formação de todo indivíduo, contribuindo para a construção da capacidade crítica e consolidação da cidadania.

Dessa forma, a falta de inclusão pode gerar um sentimento de inferioridade levando a prejuízos no desenvolvimento emocional e social, que, inclusive, podem ser notados nas questões que relacionam os fatores psicológicos desta criança/adolescentes. Mesmo que algumas crianças, em estado de ingenuidade, não compreendam a gravidade do momento que estão passando, isto não muda o fato de que elas estão escrevendo suas histórias e a doença trará consequências em cicatrizes vistas ou não.

Enfrentar o câncer gera altos níveis de estresse e ansiedade, quiçá, depressão. Tais alterações de humor, vistas em aspectos físicos, sociais e emocionais, comprometem a motivação para o aprendizado. Vale ressaltar que o risco iminente de morte, devido à possibilidade de progressão da doença, é um sentimento real vivenciado pelas crianças e adolescentes com câncer.

Quanto a privação da infância, as autoras Oliveira, Bruscatto e Monteiro (2022, p. 67) expõe que “cada internação afeta a rotina da criança, que deixa de ir à escola, não consegue brincar, passa por exames e procedimentos médicos, se afasta de casa e do seu mundo para viver e construir uma nova cultura de infância: a de criança doente, hospitalizada.” Apesar da morte não ser evitada, é possível preservar a cultura da infância e garantir espaços para o aprendizado. Logo, a educação e demais cuidados, são papeis da equipe multidisciplinar.

Haja vista que o câncer impede a plena frequência escolar e acaba criando barreiras para as relações sociais das crianças/adolescentes, ele não inviabiliza a aprendizagem. Mas, é comum encontrarmos crianças/adolescentes, em condição de câncer, com atrasos escolares, que são, muitas vezes, atribuídos à doença. Assim, elas acabam enfrentando uma nova adversidade, que é, justamente, a dificuldade de

aprendizagem. Para tal condição, os médicos não oferecem tratamento e a escola, por vezes, assume como um diagnóstico, dispensando-se de sua responsabilidade no processo educacional (Batista, 2017).

De acordo com Teixeira, Coutinho e Teixeira (2022, p. 93), as crianças hospitalizadas com risco de morte vivenciam múltiplas perdas, e o distanciamento da escola agrava o sofrimento. Sendo assim, os referidos autores destacam que:

Crianças hospitalizadas em iminência de morte, que precisam lidar com o próprio prognóstico e com as mudanças decorrentes dessa nova condição, sofrem muitas perdas nas quais raramente são oferecidas uma devida atenção e cuidado, seja por parte dos familiares/responsáveis ou da própria equipe de saúde. Essas perdas, compreendidas pelo distanciamento social, na rotina de tratamento, bem como nas mudanças no próprio corpo, como consequências do adoecimento, e das internações e tratamentos, conduz aos envolvidos o processo de luto antecipatório. Dentre as perdas percebidas pelo distanciamento social da criança em tratamento de saúde, e que causam sofrimento, encontra-se a escola, local de convívio com os colegas de turma e professores, das brincadeiras, das atividades e de outras rotinas escolares.

Mesmo que algumas crianças não compreendam totalmente quão séria é a sua condição, principalmente, pelo fato da pouca idade, pouca experiência de vida e baixos conhecimentos médicos, ainda sofrem com as consequências da hospitalização. Por isso, não incluir a criança/adolescente no contexto escolar, pode gerar diversos efeitos negativos, dentre eles, sentimentos de inferioridade, culpa, solidão, negação e etc., os quais afetam e prejudicam o desenvolvimento emocional e social desse indivíduo.

Que, por sua vez, ao estar afastado da escola, sua aprendizagem formal, bem como a socialização e a própria construção de identidade, tornam-se passíveis a perdas consideráveis e vulnerabilidade psicológica. Sendo assim, a educação é imprescindível para qualquer indivíduo, hospitalizado ou não, por desenvolver seu raciocínio crítico, habilidades diversas e o sentimento de pertencimento como membro participante de uma sociedade e comunidade. Logo, garantir o direito à educação, mesmo em contexto hospitalar, traz a promoção da inclusão e da qualidade de vida.

Por isso, ressalta-se a importância da democratização do acesso à educação para crianças e adolescentes em unidades hospitalares para tratamento ou reabilitação da saúde como forma de reconhecimento de que estes são sujeitos de direitos. Dito isso, independentemente da situação, essas categorias sociais também devem possuir oportunidades de aprendizado, por isso, não podem ser excluídas do processo educacional e devem ter seus direitos de aprender e se desenvolver preservados, respeitados e garantidos.

Entretanto, o que acontece com as crianças/adolescentes em tratamento de saúde, por adoecimento de câncer, infelizmente, é o distanciamento da escola e, conseqüentemente, da leitura e da escrita. Portanto, a oferta de ensino em contextos hospitalares, por meio do atendimento educacional hospitalar, contribui para a permanência e continuação dos estudos, evitando os constrangimentos, de cunho emocional, anteriormente mencionados e a evasão escolar, contribuindo com a inclusão social, tais indivíduos não são apenas pacientes, mas também são sujeitos de direitos.

Por isso, em busca de compreender a infância e a adolescência como categoria social, deve-se considerar a complexidade em sua composição, por ser vivida singularmente, por cada um, ou seja, são indivíduos plurais e diversos em realidades sociais; porém, devem ser compreendidos em sua totalidade, assim sendo, as práticas educativas valem ser planejadas com intencionalidade (Silva; Coelho, 2020).

Tal como discute Fantacini e Pedroso (2022, p. 133-134) “compreende-se que a prática pedagógica não é algo imóvel, mas, sim, dinâmica e leva em conta as particularidades dos alunos, sendo um ato pensado e repensado, como também reformulado quando necessário”, que evidencia sobre a intencionalidade das práticas pedagógicas no contexto hospitalar, ressaltando a sua importância para atribuição de sentidos para a relação professor-alunos, à medida em que se compreende a realidade do aluno, em relação à sua condição de saúde e às especificidades do documento curricular que norteia a escola, para que planejamento do atendimento hospitalar (Fantacini; Pedroso, 2022).

Observa-se que diante dos impactos do câncer na vida escolar, implementar estratégias para a garantia do direito tão primordial, como a educação, faz-se necessário para manter as crianças e os adolescentes vinculados ao universo escolar, para minimizar o afastamento que ocorre entre eles e a escola, inclusive, para servir de incentivo para que a leitura e a escrita continuem fazendo parte dos seus cotidianos. Neste enquadramento, entender sobre o câncer e os seus impactos na educação, é essencial para a criação de políticas e práticas que assegurem o direito à aprendizagem.

Ademais, a brinquedoteca hospitalar pode ampliar o seu objeto de atuação: o brincar, ao promover práticas pedagógicas que envolvam a leitura e a escrita para formação de crianças leitoras e produtoras de texto, principalmente quando o hospital não oferece a classe hospitalar. Portanto, o pedagogo, tem que aproveitar a oportunidade de potencializar o ensino a partir da participação da criança/adolescente que faz uso da brinquedoteca, à medida em que lhe é permitido, instigando que mesmo em situações,

aparentemente, desfavoráveis, a criança ainda é capaz de aprender.

Compreendendo que o contexto hospitalar também visa garantir a educação inclusiva, de acordo com Feitosa (2022, p. 37), em suas reflexões como pedagoga em ambientes não escolares, “saber reconhecer o valor de um sorriso, de um olhar e de um abraço; pois, independente da deficiência apresentada por um estudante, existe um ser que pulsa, exala vida e deseja vivê-la intensamente, sendo o protagonista da sua história” é o que faz sua atuação ser significativa e o que a motiva como educadora. Pois, mesmo em situações adversas, as crianças/adolescentes desejam viver plenamente.

Mediante ao que fora exposto, as atividades oferecidas não apenas diminuem o impacto da hospitalização, mas também resgatam a autonomia e a subjetividade das crianças e dos adolescentes, reafirmando seu direito à infância/adolescência e ao protagonismo em suas próprias histórias. Portanto, reconhecer o desejo de viver plenamente, mesmo diante das circunstâncias adversas, implica em compreender este que se encontra hospitalizado, em tratamento oncológico, como sujeito ativo, com necessidades que vão além do cuidado clínico.

4 A BRINQUEDOTECA DA CASA DE APOIO, DA FUNDAÇÃO ANTONIO JORGE DINO: uma análise das práticas de leitura e escrita com pacientes oncológicos

Frente aos desafios impostos pelo acometimento do câncer e pelos próximos passos após sua descoberta, quem está em idade escolar, observa essa realidade ser interrompida. Dessarte, a atuação da brinquedoteca vai de encontro à essa realidade, apresentando uma nova perspectiva de continuação aos processos de aprendizagem e desenvolvimento, podendo romper com seu objetivo principal que é o brincar e estendendo para a preservação dos hábitos de leitura e escrita. Sendo um ambiente onde há o estímulo cognitivo em uma experiência de educação não escolar e adaptada às diferentes situações.

Nesta seção será tratado, de maneira analítica, as práticas de leitura e escrita realizadas na brinquedoteca da Casa de Apoio da Fundação Antônio Jorge Dino, compreendendo de que forma essas atividades impactam o desenvolvimento educacional e emocional das crianças e dos adolescentes. Para isso, serão investigadas as metodologias adotadas, as percepções das extensionistas envolvidas no projeto “Estudar, uma ação saudável”, à luz dos objetivos específicos desta pesquisa monográfica. Dessa maneira, busca-se evidenciar a importância da brinquedoteca para a aprendizagem e para a manutenção do vínculo das crianças com a escolarização, a partir de um olhar empírico.

4.1 O caminho metodológico

A pesquisa proporciona significativas contribuições para a apropriação de temáticas e conquistas documentais dado um objeto de estudo. Particularmente, este trabalho apresenta uma pesquisa de abordagem qualitativa, com método exploratório a partir da busca pela compreensão da temática escolhida e seu significado. Além disso, este estudo tem o objetivo de analisar a experiência desenvolvida pelo projeto de extensão “Estudar, uma ação saudável”.

De acordo com as autoras Lüdke e André (2018, p. 14), “A pesquisa qualitativa ou naturalística, [...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. Assim, observa-se que o pesquisador que adere às modalidades da pesquisa de abordagem qualitativa têm um

grande envolvimento com o seu instrumento de pesquisa, por isso, é importante que o pesquisador seja qualificado, pois ele é responsável por sua pesquisa. “É preciso, para tanto, conhecer os seus limites e respeitar as suas exigências” (Lüdke; André, 2018, p. 39).

Realizar uma pesquisa exige o confronto entre dados coletados e o conhecimento teórico pré-existente, geralmente, centrado em um problema que delimita o foco do estudo e orienta a construção de saberes. Dessa forma, a pesquisa relaciona o pensamento e a ação para investigar uma determinada realidade, gerando, assim, conhecimentos que podem confirmar ou refutar ideias anteriores, mas jamais ignorá-las. Isto é fruto da curiosidade, inteligência e continuidade do trabalho de outros estudiosos (Lüdke; André, 2018).

Metodologicamente, a pesquisa exploratória tem sido utilizada cada vez mais em investigações dentro do contexto social, onde há a observação e o estudo de um determinado fenômeno. Assim, a pesquisa exploratória surge para desenvolver um aprofundamento de conhecimento que oportuniza o aumento nas contribuições de literaturas e estudos em contexto acadêmico.

De maneira complementar, os autores Lösch, Rambo e Ferreira (2023) acreditam que as pesquisas exploratórias são especialmente apropriadas para pesquisas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, tais autores pontuam que:

No campo das Ciências Humanas e Sociais, em especial na área da Educação, acredita-se que esta investigação possa contribuir na formação e no desenvolvimento de pesquisadores. De igual modo, compreende-se que, ao se focar as perspectivas, experiências e interpretações dos indivíduos envolvidos, se estabelece uma compreensão mais rica e profunda dos fenômenos sociais e educacionais. Isso contribui para uma visão mais abrangente e contextualizada dos problemas e desafios sociais e educacionais. Da mesma forma, entende-se que esse tipo de estudo é um processo de investigação inicial que busca uma compreensão mais profunda e completa sobre um fenômeno específico na área da Educação, ou, ainda, que tem como escopo a realização de outra pesquisa a partir dos dados obtidos por meio da pesquisa exploratória (Lösch; Rambo; Ferreira 2023, p. 4).

Dessa forma, compreende-se que pelas pesquisas exploratórias há uma vantajada oportunidade do pesquisador, de acordo com seu objeto de estudo, compreender as influências e os contextos sociais do ser humano, além dos fenômenos culturais e educacionais, através da interpretação e análise dos dados obtidos.

Por se tratar de uma pesquisa exploratória, foi realizado um mapeamento bibliográfico do tipo Estado da Questão, que segundo Nóbrega-Therrien e Therrien (2004, p. 7, grifos dos autores):

A finalidade do ‘estado da questão’ é de levar o pesquisador a registrar, a partir de um rigoroso levantamento bibliográfico, como se encontra o tema ou o objeto de sua investigação no estado atual da ciência ao seu alcance. Trata-se do momento por excelência que resulta na definição do objeto específico da investigação, dos objetivos da pesquisa, em suma, da delimitação do problema específico de pesquisa.

Nesse caso, o trabalho científico preza em desmistificar o objeto de investigação do pesquisador, por meio da “busca seletiva e crítica nas fontes de informação da produção científica restringe-se aos estudos e parâmetros próximos às especificidades do interesse do pesquisador o que requer consulta a documentos substanciais” (Nóbrega-Therrien; Therrien, 2004, p. 7-8).

Tendo em vista que o Estado da Questão caracteriza e define um determinado campo do conhecimento, utilizando-se de consultas disponíveis, bem como esta pesquisa também considerou, em diferentes fontes, como: teses, dissertações e artigos.

Como bem afirma Nóbrega-Therrien e Therrien (2004, p. 7), “o começo sempre traz uma carga de subjetividade uma vez que, consciente ou inconscientemente, é sempre determinado por nós”. Para delimitação da própria subjetividade e singularidade desta pesquisa, definimos os descritores e recorte temporal já explicitados na seção anterior. As plataformas investigadas foram a base de dados do Periódico CAPES e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Por procedimento, esta pesquisa se caracteriza pelo estudo de caso. Apesar de haver uma delimitação singular e clara do caso, existem possibilidades de identificação com casos anteriormente estudados, mas não deixa de ser diferente, justamente, por ter um interesse próprio (Lüdke; André, 2018, p. 20).

De acordo com Lüdke e André (2018), o estudo de caso, no contexto da pesquisa qualitativa, possui características fundamentais que o diferencia de outras abordagens de pesquisa. Tais características incluem: busca por descoberta, interpretação em contexto, análise completa e profunda, uso de uma variedade de fontes de informação, generalização naturalista, representação de diferentes pontos de vista e relatos acessíveis.

Além disso, para Stake (2007), espera-se que um estudo de caso englobe toda a complexidade de um caso, escolhido devido a um especial interesse em sua temática; assim, o estudo de caso olha diretamente para a particularidade do seu objeto de estudo.

Vale ressaltar que o estudo de um caso não representa a compreensão de outros casos. Todavia, visa em, obrigatoriamente, entender o caso eleito pela proximidade do pesquisador com a temática. A escolha, por sua vez, é determinada pelo critério de rentabilidade máxima daquilo que é aprendido; também deve ser considerada a facilidade

da abordagem do caso, para contribuir com o trabalho em campo (Stake, 2007).

Inclusive, Stake (2007) destaca que embora nem tudo seja um caso, o caso pode ser um entre muitos, como por exemplo, uma criança, um grupo de estudantes, diferentes profissionais e etc., que são eficazmente estudados por um determinado período de tempo, onde é realizado, um estudo de caso.

O caso em questão foram as atividades de leitura e escrita desenvolvidas na brinquedoteca da casa de apoio da Fundação Antonio Jorge Dino, com as crianças que participam do projeto “Estudar, uma ação saudável”, e estão em tratamento oncológico.

Para a geração dos dados, contaremos com o uso da análise documental do caderno de registros do projeto de extensão, cujo instrumento consiste em uma importante técnica da pesquisa qualitativa, tanto para completar informações obtidas por outras técnicas, quanto para desvelar novas concepções temáticas ou novas problemáticas (Ludke; André, 2018). De acordo com Stake (2007, p. 84), “[...] estudo de documento segue a mesma linha de pensamento que observar ou entrevistar. É preciso ter a mente organizada e, no entanto, aberta a pistas inesperadas”. Dito isso, alguns detalhes podem não ser perceptíveis durante a observação direta, mas podem estar registrados no documento. Sendo assim, no documento pode estar registrado situações que abrem o leque para observações em diversos sentidos, a partir da situação estudada.

Para Yin (2010, p. 130), os documentos “[...] podem proporcionar outros detalhes específicos para corroborar a informação de outras fontes”. Sendo assim, o documento possui a capacidade de refletir a visão pessoal ou o entendimento de quem o produziu, oferecendo outra perspectiva sobre o fenômeno. A partir da análise de documento se pode aprofundar a análise, por meio de dados que não seriam acessíveis apenas pela presença do pesquisador no campo.

Outro instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada, pois são elas que abrem o caminho para o acesso de informações pessoais do pesquisado, por meio delas, há a interação entre o pesquisador e o pesquisado, inclusive, há o esclarecimento de dúvidas. Representando, também, um elemento essencial para a coleta de dados a partir do pressuposto de que novas perspectivas e concepções subjetivas são postas em evidência, a fim de garantir uma compreensão mais profunda da experiência dos envolvidos.

Para Lösch, Rambo e Ferreira (2023), a entrevista é uma ferramenta essencial em pesquisas qualitativas em Educação, pois permite coleta de dados detalhados e profundos, proporcionando um estudo aprofundado com percepções de atitudes e experiências dos participantes por meio da análise do discurso para entender diferentes pontos de vistas

intrínsecos a alguém. Tudo isso gera a aproximação com os participantes e deve-se considerar a história de vida de cada um, pois ela existe a partir de um conjunto de acontecimentos que os levam a ser exatamente como são.

Os dados foram analisados utilizando a análise de conteúdo, buscando compreender o impacto e a influência da leitura e da escrita na vida das crianças. Quanto à parte da descrição, o pesquisador como participante, deve detalhar os registros e analisá-los, reflexivamente.

Com relação à análise de conteúdo, para os autores Décio Rocha e Bruno Deusdará (2005, p. 307), “o objetivo do tipo de análise preconizado pela Análise de Conteúdo é alcançar uma pretensa significação profunda, um sentido estável, conferido pelo locutor no próprio ato de produção do texto”.

Conforme Bardin (2016, p. 15) a análise de conteúdo representa “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas [...] é: a inferência”. Assim sendo, a autora tende a apresentar os fundamentos da análise de conteúdo.

Para tanto, a autora considera a análise de conteúdo como uma metodologia em constante evolução, que possui diversas facetas. E, por meio da inferência, busca realizar análises, se baseando em deduções/inferências a partir dos dados obtidos para compreender os seus significados.

Então, a abordagem concilia métodos sistemáticos e de interpretação criativa, exigindo equilíbrio entre ambos. Logo, Bardin (2016, p. 15) pontua que “a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade”. Esta análise será apresentada nas subseções seguintes.

4.2 A brinquedoteca como campo da pesquisa

É certo que, comumente, os atendimentos pedagógicos ocorrem na classe hospitalar ou, então, em atendimento domiciliar, mas vale considerar também, o espaço da brinquedoteca para efetivação dos atendimentos educacionais hospitalares. Diante disso, a defesa da brinquedoteca como um espaço que vai além do brincar é essencial para ampliar sua compreensão dentro do ambiente hospitalar.

Embora o lúdico seja um aspecto central da brinquedoteca, é fundamental reconhecer que ela também possibilita práticas de leitura e escrita. Desse jeito, a

brinquedoteca pode atuar como um ambiente de estímulo à aprendizagem, especialmente em hospitais que não possuem Classes Hospitalares formalmente instituídas.

Sabe-se que nem todos os hospitais contam com Classes Hospitalares, o que dificulta a continuidade do aprendizado para crianças em tratamento de câncer, cujo tratamento é realizado a longo prazo. Nesse sentido, a brinquedoteca pode intervir como um espaço multifuncional, acolhendo o Atendimento Educacional Hospitalar (AEH) e permitindo que as crianças e os adolescentes tenham acesso a atividades pedagógicas adequadas às suas condições de saúde, ou seja, com práticas individualizadas e vivenciadas ao contexto simbólico à essa categoria social hospitalizada.

A realização de práticas de leitura e escrita nesses espaços se torna indispensável, mediante a sua relevância. Além disso, a presença de mediadores, como educadores hospitalares e voluntários, pode enriquecer ainda mais esse ambiente, garantindo que a brinquedoteca funcione como um espaço de acolhimento e aprendizado.

Dessa forma, a brinquedoteca também exerce um papel positivo ao que tange na melhoria das condições do tratamento infantil e para atendê-los de forma humanizada no ambiente hospitalar. Sobretudo, na garantia do direito à educação para crianças em tratamento de saúde. Para as autoras Matos e Mugiatti (2009, p. 68), o “estímulo e continuidade dos seus estudos a fim de que não percam seu curso e não se convertam em repetentes, ou venham a interromper o ritmo de aprendizagem, assim, dificultando, consequentemente, a recuperação de sua saúde”.

No contexto hospitalar, a brinquedoteca torna-se um ambiente de ressignificação da experiência, em todo caso, singular, da internação. Desse jeito, ela permite leveza e aprendizado durante o momento desse delicado processo. Bem como investiga-se neste trabalho, a observação da brinquedoteca como um espaço em potencial para a pesquisa e a produção de conhecimento tem se mostrado como um campo promissor para a investigação sobre práticas de leitura e escrita em contextos não formais/informais.

Neste estudo, o campo investigado foi a brinquedoteca instalada na Casa de Apoio da Fundação Antonio Jorge Dino do Hospital Aldenora Belo em São Luís/MA. Esta casa, apesar de não ser o lar/residência dos pacientes que abriga, oferece moradia temporária àqueles pacientes vindos do interior do Estado para a capital, os quais precisam de locação durante o prolongar do tratamento de saúde dos seus filhos. A casa é composta por 3 quartos, um banheiro, uma cozinha, uma sala e um vasto ambiente externo. Nesse sentido, contrasta com o ambiente, por vezes, frio e sem aconchego do contexto hospitalar.

A Fundação Antonio Dino oferece uma brinquedoteca completa com livros e

brinquedos para as crianças que frequentam a Casa de Apoio e também mantém diversas atividades de combate ao câncer no Maranhão por meio de doações. Além disso, a Fundação desenvolve diferentes projetos de apoio psicológico e social para pacientes e familiares afetados pela doença, promovendo uma abordagem integral e humanizada no cuidado ao câncer.

Essa casa é gerenciada pela própria Fundação Antonio Dino, uma instituição filantrópica que também é responsável pela manutenção de dois hospitais importantes: o Hospital do Câncer Aldenora Bello e o Hospital Dr. Antônio Dino, em Pinheiro. Foi criada em dezembro do ano de 1976 e recebeu o nome de Dr. Antonio Jorge Dino, médico pioneiro na luta contra o câncer no Maranhão (Fundação Antonio Dino, 2024).

Tomando como ponto de partida a necessidade de atendimento pedagógico às crianças e aos adolescentes hospitalizados, o projeto de extensão “Estudar, uma ação saudável”, de responsabilidade do Departamento de Educação I, da Universidade Federal do Maranhão, objetivou proporcionar às crianças e aos adolescentes hospitalizados, o direito à educação pelo desenvolvimento de atividades escolares com vistas à contribuição de retorno à escola pós-alta hospitalar e valorização da Classe Hospitalar (Rabelo, 2021).

O referido projeto de extensão entrou em vigor pela primeira vez em 2008, no Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (HUUFMA) e ao longo de sua trajetória, gerou diversas produções monográficas, trabalhos apresentados em eventos científicos, premiações em congressos, alcançou bolsas de extensão com recursos do MEC e da própria Universidade (UFMA). Além do mais, conseguiu parcerias com o Farol de Educação do Estado do Maranhão para a realização de atividades para que incentivam a leitura com a UNESP de Marília/SP, por meio de um projeto intitulado por Cartas, no qual havia troca de cartas entre crianças hospitalizadas e crianças de uma escola pública em São Paulo (Rabelo, 2021).

As atividades do referido projeto no Hospital Universitário da UFMA (HUUFMA), iniciavam-se a partir de uma anamnese pedagógica através de uma ficha perfil da criança para posterior planejamento de suas ações, visto a faixa etária das crianças e adolescentes serem diversas. No levantamento dos perfis destes sujeitos, constatou-se um número considerável de crianças com dificuldades de leitura e escrita, que a partir de um Estágio Supervisionado em Educação Infantil para alunos do turno noturno do Curso de Pedagogia, transformou-se no projeto de extensão “Estudar, uma ação saudável” permanecendo até o ano de 2017 neste hospital.

O projeto também segundo Rabelo (2021) foi ampliado em sua atuação para o

Hospital da Criança no ano de 2010, permanecendo até 2011. Vale destacar que o projeto permeia experiências relacionadas à prática docente em espaços não escolares, bem como o contexto hospitalar.

Atualmente, a atuação do projeto tem uma proposta significativa ao atrelar práticas de leitura e escrita com o espaço da brinquedoteca hospitalar da Casa de Apoio da Fundação Antonio Dino. Promovendo não apenas o brincar, mas, especialmente, aprendizagens que contribuem para o desenvolvimento cognitivo e educacional das crianças, mesmo em um ambiente desafiador como o hospital, e distante da realidade escolar. Cabe lembrar, que embora a criança ou o adolescente esteja internado, como paciente, ele não deixa de ser aluno, apesar da distância notória entre ele e a escola, que não pode ser ignorada.

O projeto de extensão “Estudar, uma ação saudável” possui abordagem inclusiva, integradora e humanizadora, sendo um exemplo de como a educação pode estender-se além das fronteiras da sala de aula, trazendo oportunidade de aprendizagem em um contexto, muitas vezes, marcado pela incerteza e fragilidade. A atuação de um extensionista, conforme Rabelo (2014, p. 84) “requer do futuro pedagogo o desenvolvimento de saberes docentes construídos doravante da significação que cada professor dá ao seu trabalho, com base na sua formação, em seus valores e vivências”. Isto significa que o papel do extensionista vai além de vivenciar os seus conhecimentos de forma mecânica, em vez disso, a prática pedagógica exige que o profissional desenvolva seus saberes docentes de maneira intrinsecamente reflexiva, inclusive, reflexiva quanto a sua própria atuação docente.

Este projeto é o *locus* investigado em sua atuação na Brinquedoteca da casa de apoio referenciada neste texto. As colaboradoras com esta pesquisa totalizaram em 4 alunas extensionistas que participaram do projeto de extensão “Estudar, uma ação saudável”, as quais chamar-se-ão de: Extensionista 1, Extensionista 2, Extensionista 3 e Extensionista 4. Os dados gerados se deram pela entrevista semiestruturada (Ludke; André, 2018) aos sujeitos pesquisados e foram analisados à luz dos autores explorados neste estudo.

A primeira extensionista entrevistada tem 25 anos e ingressou na UFMA no primeiro semestre de 2024 (2024.1). Atualmente, está cursando o segundo período de sua graduação. Sua participação no projeto de extensão ocorreu entre agosto e novembro do mesmo ano de seu ingresso, correspondendo ao período pós-férias letivas. Durante esse tempo, envolveu-se nas atividades propostas pelo projeto de extensão, contribuindo para a

experiência desenvolvida com as crianças e os adolescentes.

A segunda extensionista entrevistada tem 24 anos e ingressou na universidade no primeiro semestre de 2019 (2019.1). Formou-se no segundo semestre de 2024 (2024.2). Sua participação no projeto de extensão teve duração de seis meses, de janeiro a junho, período em que atuou diretamente na brinquedoteca. Antes disso, já integrava o Grupo de Estudos e Pesquisa em Atendimento Educacional Hospitalar (GEPAEH), responsável pelo projeto de extensão, participando das reuniões.

A terceira extensionista entrevistada tem 27 anos e ingressou na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em 2018. Formou-se no segundo semestre de 2024 (2024.2). A sua participação no projeto de extensão teve duração aproximada de dois a três meses, iniciada pela motivação de pesquisar para o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Ela, bem como as demais entrevistadas, são participantes do referido Grupo de Pesquisa.

A quarta extensionista entrevistada tem 24 anos e está no nono período do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, bem como todas as outras entrevistadas também cursam/cursaram. Sua participação no projeto de extensão teve a duração de dez meses, este foi o período em que esteve ela envolvida nas atividades realizadas com as crianças em tratamento oncológico na brinquedoteca hospitalar da Casa de Apoio da Fundação Antônio Jorge Dino. Vale ressaltar que devido a tentativas sem êxito para a entrevista semiestruturada, a sua, especificamente, se deu por meio de um questionário via whatsapp.

4.3 Estratégias de leitura e escrita e seus impactos na vida dos pacientes oncológicos

A presente análise corresponde, primeiramente, em se debruçar mais precisamente na compreensão quanto à atuação do projeto de extensão “Estudar, uma ação saudável” na brinquedoteca da Casa de Apoio referida para promover o ensino e aprendizagem voltados para práticas de leitura e escrita da criança e do adolescente, bem como as estratégias implementadas para o desenvolver destas práticas, conforme o segundo e o quarto objetivos específicos deste trabalho. Esta subseção volta-se, também, para a análise do impacto da leitura e da escrita na qualidade de vida das crianças e dos adolescentes em tratamento oncológico, de acordo com o segundo objetivo específico.

À nível de contextualização e para efetivar clareza quanto ao *principal objetivo do projeto de extensão, cuja existência foi possível graças ao GEPAEH, e as estratégias*

e/ou abordagens utilizadas para integrar práticas de leitura e escrita. Após serem indagadas, as extensionistas apresentaram as seguintes respostas:

Bom, o principal objetivo do projeto é justamente porque as crianças na classe hospitalar estão muito, como é que eu digo, isoladas, na questão social mesmo da escola. Então, esse projeto é maravilhoso, porque você busca integrar para as crianças, no hospital, a questão delas não ficarem atrasadas nos estudos delas, incentivar elas ali naquele ambiente, não só para a questão educativa, mas também para a questão social, delas se lembrarem como é uma escola, como é os professores, como são os amiguinhos, como funciona o estudar, aprender a ler, escrever, a base principal. Então, esse projeto é maravilhoso. Ele busca trazer de novo para a criança, se ela se esqueceu, essa base de como funciona a escola e a questão social para ela. (Extensionista 1)

Então, assim, o nosso objetivo geral no projeto foi trabalhar a questão da leitura e da escrita com as crianças que ficavam na casa de apoio do hospital. E como eu apliquei essa questão? A gente tinha momentos de leitura, então essa era uma prática constante, independente do nosso roteirinho do dia. A prática de leitura era constante e a questão da intervenção variava muito, porque como eram crianças de faixas etárias diferentes, cada criança tinha uma necessidade diferente. E de repente, se no dia a gente fosse explorar um jogo, a gente tinha que adaptar esse jogo para várias faixas etárias. Então, de repente, para uma criança, a necessidade dela naquele momento vai ser formar palavras. Aí a gente precisaria de um auxílio visual e tudo, e outras crianças não. Talvez a necessidade fosse a leitura. Logo essa criança já precisaria daquele auxílio visual, mas no sentido de como apoio para que ele fosse ler. E também uma outra coisa eram as atividades. Então, como a gente valorizava bastante a questão do contexto, de trazer atividades contextualizadas, a gente buscava também fazer essas adaptações. As crianças que ainda não sabiam escrever, a gente pedia representações em forma de desenho, ou nós mesmos nos tornávamos os escribas delas. Então, dependia bastante. (Extensionista 2)

Se objetiva levar um contexto educacional para essas crianças que estão hospitalizadas, que estavam hospitalizadas na casa de apoio da fundação. E aí, é uma forma de levar conhecimento e estreitar esses laços dessa criança, para que ela tenha um pouco de convívio com o ambiente educacional, o mais próximo de um ambiente educacional. Como ela está lá, ela está isenta disso, ela não pode frequentar escola. Então, o projeto veio com essa finalidade, para levar essa educação a essas crianças. E as estratégias e abordagens que eram utilizadas, como eram turmas multisseriadas, geralmente a gente levava algo que desse para todos, e às vezes direcionado também. Então, a gente sempre levava um livro, levava atividades diferenciadas. E aí, como a gente era dupla, cada uma, às vezes a gente se dividia nas faixas etárias, ficava com um grupinho, outro com outro. Às vezes, dava uma atenção individualizada para alguns alunos, até às vezes uns que tinham mais dificuldades de entender. E era isso. (Extensionista 3)

O principal objetivo do projeto é proporcionar às crianças, em tratamento de saúde, o acesso ao direito que lhes é garantido por lei, que é à educação. Então, as nossas práticas pedagógicas eram sempre pensadas de forma que aquelas crianças e adolescentes pudessem praticar a leitura e escrita por meio de histórias, listas, escrita do próprio nome ou o nome do colega, também, escrita de cartas e poemas. (Extensionista 4)

Apesar da Extensionista 1 usar o termo “Classe Hospitalar”, para se direcionar ao projeto de extensão, o atendimento educacional hospitalizado que ocorre na brinquedoteca da Casa de Apoio, neste caso específico, não pode ser considerado dessa forma, pois o primeiro passo para que haja a implementação da Classe Hospitalar e Atendimento

Pedagógico Domiciliar (Brasil, 2002) é o convênio entre a Secretaria de Saúde e a Secretaria de Educação, tal atendimento ocorre nas classes, enfermarias, leito ou à domicílio.

O atendimento escolar hospitalar enquanto campo de estudo e prática, busca garantir a continuidade dos processos educacionais para crianças e adolescentes hospitalizados, considerando as suas necessidades específicas e o contexto de saúde. Mesmo que a atuação do projeto de extensão não esteja vinculada ao órgãos governamentais e não seja realizada em Classes Hospitalares e, sim, em uma brinquedoteca, ainda representa um forma de continuação aos estudos durante a hospitalização, desvelando a potência da brinquedoteca como campo, pedagogicamente, educacional.

Além disso, todas as extensionistas levantam a questão do objetivo estar, essencialmente, pautado em favorecer a educação às crianças hospitalizadas, com foco em resgatar a vivência escolar e a socialização. Fazendo valer ressaltar a importância da continuidade dos estudos durante a hospitalização, como uma garantia na diminuição dos prejuízos emocionais e como melhoria na condição de sua saúde.

Contudo, cada uma das extensionistas enfocou aspectos distintos desse processo de vivências e socializações mencionado. A Extensionista 1 volta-se para um aspecto mais social e oportuno para diminuição do isolamento provocado pelo tratamento, relatando: “não só para a questão educativa, mas também para a questão social, delas se lembrarem como é uma escola, como é os professores, como são os amiguinhos, como funciona o estudar, aprender a ler, escrever, a base principal”. A imagem abaixo ilustra os momentos onde há práticas de leitura e escrita desenvolvidas pelo projeto de extensão:

Imagem 1 - Construindo saberes lendo e escrevendo.



Fonte: Acervo da autora (2024).

A imagem transmite não apenas a ação educativa, mas também a força emocional e a adaptação da criança a novas realidades. Tal como discute o Oliveira, Bruscato e Monteiro (2022, p. 71): “as brinquedotecas e as classes hospitalares são ambientes provedores da cultura infantil, logo é fundamental proporcionar tempo de brincar, interagir, aprender e socializar nestes espaços, sempre que possível, em uma ação humanizada.” Interagir com o meio, sob uma perspectiva Vigotskiana, ascende e aprofunda esse envolvimento com a linguagem. Alinhado a isso, Smolka (2018) traz que o processo de compreensão e aquisição da escrita está relacionado às interações, por meio de práticas discursivas, que levam a elaborar transformações sociais.

Enquanto a Extensionista 2 traz um olhar mais individualizado, adeptos às diversas necessidades que um ambiente social possui em suas particularidades, à medida em que este abarca indivíduos diversos e ainda declara que as práticas de leitura e escrita são constantes, inclusive, mediadas com intervenções. Além disso, a mesma cita os “auxílios visuais” como advento para práticas contextualizadas.

A Extensionista 3, por sua vez, observa a brinquedoteca como um ambiente aberto à inclusão, dando atenção individualizada para as crianças com dificuldades de leitura e escrita, pensando em atendê-las com práticas personalizadas, como estratégia para integrar esta prática às crianças e aos adolescentes. Quanto a isso, os autores Oliveira, Bruscato e Monteiro (2022, p. 74) afirmam que:

A situação de vulnerabilidade física, emocional e social da criança hospitalizada exige responsabilidade da equipe multidisciplinar com ‘ações de inclusão’, de modo que as atividades pedagógicas e recreativas tenham espaço no tratamento, garantindo-lhe o direito de ser criança e viver a infância. [grifo nosso]

A Extensionista 4, ainda apresenta formas de práticas de leitura e escrita de maneira personalizada, porém, exemplificou as atividades de leituras, escrita de listas, do próprio nome, cartas e poemas. Não há como deixar de registrar a relevância dessas atividades ao que corresponde à representação simbólica unida à significação das práticas que as crianças e os adolescentes terão ao se verem na escrita em que produzem. Ao elucidar a importância do nome, Rodrigues (2022, p. 179) relata “que o nome seja sempre evocação! Porque dizer o nome torna o outro existente. O inominável não existe. O que não podemos nomear não se presentifica nem se ausenta, inexistente”. Dessa forma, o que se percebe é que mesmo o projeto de extensão não atue como classe hospitalar, suas ações e objetivos fomentam um resgate a esta porque prima pelo atendimento escolar hospitalar, minimizando o distanciamento da escola causado pela hospitalização.

Sobre a maneira em que as atividades realizadas na brinquedoteca se desenvolvem para promover a aprendizagem de criança e do adolescente para a leitura e escrita, as extensionistas apresentam as referidas falas:

Então, essas atividades, essas estratégias, eu acho muito legal, porque no ambiente escolar você tem que estar centralizado ali, mas na brinquedoteca a criança está muito solta, qualquer coisa ali pode servir para ela de distração, os livros, os brinquedos. Então, você tem que buscar maneiras ali de estar chamando a atenção dela. Então, você tem que buscar uma leitura fácil, que elas consigam interagir nessa leitura, que elas consigam entender. A questão da escrita também, você tem que buscar ali o tema proposto para aquele dia, da qual elas também possam interagir e se sentir à vontade para escrever, pode ser por meio de uma leitura mais dinâmica, uma música, enfim. Você vai buscando ali estratégias para que elas possam interagir, por meio da leitura e por meio da escrita. (Extensionista 1)

As atividades na brinquedoteca se desenvolvem para promover essa aprendizagem. Então, elas se desenvolvem a partir de um plano que é previamente feito e pensado para um contexto. Em atividades específicas, eu posso citar, por exemplo, uma que foi bem marcante para mim, do supermercado. A gente levou um encaixe de supermercado e, a partir daquele encaixe, as crianças tinham que ler o nome dos produtos ou mesmo buscar pistas visuais através das imagens. Trabalhar também a questão da matemática que, querendo ou não, ela vai ser importante também para a alfabetização da criança, ela desenvolve habilidades importantes para isso. E, através desse momento, dessa atividade contextualizada, a gente promoveu espaço para as crianças lessem, escrevessem e tivessem aquele auxílio com o pedagogo, dependendo dessa necessidade. (Extensionista 2)

Então, como eu comentei, na época que eu estava, a gente sempre levava um livro, sempre iniciava, tinha sempre um roteiro a ser feito, e a gente sempre iniciava com uma leitura. E aí também tinha momentos que, como eu tinha crianças muito pequenas, às vezes a gente deixava elas se expressarem por meio de desenhos também. Sempre mandávamos também eles escreverem os nomes deles, escreverem às vezes a parte do livro que mais gostaram. Tem um momento também que nós fizemos uma carta para as crianças de Porto Alegre, e sempre tentamos envolver essa produção. (Extensionista 3)

As atividades realizadas na brinquedoteca se desenvolviam com base no interesse das próprias crianças e adolescentes, nunca de forma forçada. Então, buscávamos histórias que eles gostavam ou livros escolhidos por eles. (Extensionista 4)

À princípio, em sua fala, a Extensionista 1 demonstra sua satisfação em poder ter promovido tais estratégias, no ambiente da brinquedoteca, todavia não disfarça sua precisão de ter que lidar com eventuais desafios. Pois, enquanto que as classes hospitalares possuem uma estrutura pensada desde a sua concepção no atendimento pedagógico, a brinquedoteca, por outro lado, não foi pensada especificamente para atender as necessidades escolares destes como alunos. Contudo, “o acompanhamento pedagógico da criança dentro do hospital é essencial para que não haja rupturas no processo de aprendizagem” (Pereira; Gregianin; Selistre; Remor; Salles, 2018, p. 12), nesse caso, a brinquedoteca se mostrou um espaço promissor para atividades pedagógicas.

Ademais, também sugeriu leituras dinâmicas, músicas para incentivar a interação com a leitura/escrita, valorizando a participação ativa da criança no processo de

aprendizagem. Bem com estratégias de enfrentamento desses desafios durante a realização das atividades. Destaca-se em sua fala, o seu interesse em cativar as crianças e os adolescentes para despertar a vontade deles para a escrita e a leitura. Em consonância com Silva, Baran e Mercês (2016, p. 9), que dizem:

A música contribui para fortalecer os vínculos, sendo um recurso facilitador na comunicação entre o paciente e sua família, bem como com a equipe de saúde, propiciando o cuidado integral, individualizado e humanizado. A música é um recurso sem grandes custos financeiros para as instituições de saúde e há um retorno substancial na qualidade dos cuidados oferecidos. Além de sua utilização melhorar o bem-estar físico e mental da criança e adolescente diante de uma doença grave e seu tratamento.

Estes discorrem sobre a música, no espaço hospitalar, realmente ser uma boa aliada para a promoção da aprendizagem, além de destacá-la como, também, um recurso acessível através da sua letra para fomentar o hábito leitor. Inclusive, “é utilizada no tratamento de disfunções da linguagem e da fala, pode agir sobre o desconforto e auxilia na tolerância da dor, na redução da tensão emocional em casos de doenças terminais e em casos de hospitalização, entre outros” (Silva; Baran; Mercês, 2016, p. 2).

De maneira, atenciosamente, eficaz, a Extensionista 2 aponta uma importante questão que interessa à *práxis* pedagógica, que, justamente, é o planejamento. Então, ela levanta a relevância de, previamente, planejar as atividades e de maneira específica, citando um exemplo concreto da atividade do supermercado, trazendo uma interdisciplinaridade entre a área da linguagem e da matemática para desenvolver habilidades, o que ressignifica “os sentidos da Matemática para professores e alunos e propicia a aprendizagem interdisciplinar de conceitos e conteúdos matemáticos de forma mais crítica e humanizada” (Anjos; Magina, 2022, p. 45).

Quanto ao planejamento, Ramos (2022, p. 23), acrescenta que para além do planejamento partindo do conhecimento prévio do aluno, se deve considerar, sobretudo, “algo para ser conhecido/realizado/discutido e é preciso dar respostas ao que surge no grupo – ou no individual – estar pronto para ir além do já conhecido, desafiar com algo a mais, novas ideias, novas habilidades de pensamento e de ação”.

Já a Extensionista 3, relata que as atividades realizadas na brinquedoteca acontecem por momentos e está sempre disposta a envolver tanto as crianças, inclusive, as menores, e os adolescentes. Como aponta Oliveira, Bruscatto e Monteiro (2022), os desenhos são instrumentos para expressão de sentimentos e ressignifica as vivências do contexto hospitalar, servindo de conforto e como meio de garantir que a infância seja vivida nesse ambiente. Dessarte, a extensionista em análise, igualmente trouxe um

exemplo concreto de atividade, desta vez, sustentado pela produção de cartas para crianças de foram atingidas pela catastrófica enchente, que ocorreu em 2024, na cidade de Porto Alegre-RS.

Sobre a Extensionista 4, esta defende uma abordagem baseada no interesse das crianças, sem imposições, priorizando histórias e livros que as crianças e os adolescentes gostem e escolham. No contexto em que a literatura infantil se desenvolve, em um espaço discursivo, a criança pode, livremente, se expressar e assumir um lugar simbólico, tecendo interações que desenvolvem sua consciência (Silva; Pinel; Bruno; 2022).

A partir de agora, torna-se imperativo avaliar *como se organizam os processos metodológicos para contribuir no aprendizado da leitura e da escrita das crianças e dos adolescentes*, que frequentam a brinquedoteca da Casa de Apoio. As extensionistas responderam que:

Certo, então, nesse pouco período que eu passei, como era esse processo? Através da pesquisa, né? As duplas, no caso, durante a semana, iam fazer pesquisas, verificar brincadeiras, atividades lúdicas, tudo para ver qual a finalidade, como iria ajudar aquela criança, quais os pós, os contras. Então, através dessas pesquisas, até pelo menos no final de semana, elas se reuniam para ver o que pode ser encaixado na rotina. E, para finalizar, era passado para a professora, né? E ela dava suas sugestões, como alguém que já é mais experiente na ‘classe hospitalar’, a professora, ela dava sugestões, né? Olha, acho que pode ser encaixado isso, ou vocês podem tentar aquilo, é bem interessante o que era proposto na hora de desenvolver com as crianças. Aí, no final das atividades propostas naquele dia, elas tendo resultado positivo ou negativo, a gente sempre colocava no caderninho como é que foi esse dia. Então, com base nessas observações, nessas experimentações, a gente conseguia ver o que estava tendo mais resultado e no que investir com as crianças. (Extensionista 1) [grifo nosso]

A gente montava a rotina. Então, teve o primeiro momento, que era o momento da leitura e, como a gente estava, de fato, numa brinquedoteca, a gente trazia uma atividade mais específica que variava também no dia. E, no terceiro momento, era o momento do brinquedo, que era o momento em que elas estavam mais livres. Então, eu acho que, em questão de organização, seria isso. A organização por etapas. O momento da leitura, o momento de uma atividade pedagógica específica e o momento do brinquedo. E também, por fim, o momento do feedback delas sobre aquelas atividades que a gente fez. (Extensionista 2)

Geralmente eu gostava de pensar em uma data comemorativa, por exemplo, porque como não é uma turma regular, como são crianças de várias idades, e a gente também muitas vezes não tem como levar, de fato, o conteúdo da sala de aula para aquele ambiente. Então, uma vez a professora até orientou que a gente poderia utilizar datas comemorativas, tipo, feriados, e aí se planejar a partir disso. Por exemplo, teve um dia que foi o dia do trabalhador, então eu fiz essas atividades direcionadas a profissões. Como eles entendiam as profissões, como eles viam esse contexto profissional. Então, a gente sempre buscava fazer essa conexão. E aí... Também tinha, tipo, um roteirinho que a gente tinha acolhido, porque tem que ser sempre uma prática saudável, uma prática que seja leve, que traga leveza para essas crianças, nada muito engessado. Então, sempre o planejamento nessas turmas eram mais flexíveis. Então, tinha muito brincar também, brincar livre, às vezes uma brincadeira direcionada, mas a prática da docente era mais ou menos assim. (Extensionista 3)

Envolvem uma abordagem integrada e diversificada, que inclui planejamento cuidadoso das atividades, com adaptação ao nível de cada aluno. É fundamental proporcionar leituras significativas, reflexivas e conectadas ao cotidiano dos estudantes, além de trabalhar a escrita como um processo contínuo. (Extensionista 4)

Como explicado pela Extensionista 1, as pesquisas direcionadas para o planejamento semanal são fundamentais, nestas, busca-se por brincadeiras e atividades lúdicas para verificação da eficácia no aprendizado das crianças, além do uso de um caderno de registros reflexivos. Outrossim sinalizado referiu-se ao apoio da docente e supervisora do projeto, que dispõe-se a orientar os extensionistas. A despeito disso, o papel da orientação na aprendizagem evita um esforço mal direcionado, direcionando o aprendiz para o que realmente importa (Ausubel, 2003, p. 194).

Relativo ao planejamento semanal, Ramos (2022) aponta que o planejamento deve prover um atendimento pedagógico-educacional e uma aula com propostas fundamentadas com início, meio e fim, cujo objetivo está centralizado na construção de conhecimentos que colaborem com o despertar das potencialidades do aluno, que também se encontra como paciente, ajudando-o assim a reingressar, posteriormente, à escola com um impacto maior na diminuição da defasagem deste. Isto reflete positivamente nos efeitos da aprendizagem daquela criança ou adolescente.

No que lhe concerne a questão das brincadeiras e atividades lúdicas, ao tratarmos de crianças/adolescentes em tratamento oncológico, é posto em evidência, uma rotina exaustiva e com possibilidades de dores ao decorrer do dia. A vivência que a criança possui, pode estar deveras afastada do lúdico e do brincar. Levando em consideração que, comumente, existe a tendência de contratação de pessoas com ensino médio, que podem não ter estudado a função do brincar para o desenvolvimento da criança (Ramos, 2022), a atuação do pedagogo nesse abrange um olhar que visa oportunizar atividades que instiguem o aprender.

Vinculado ao registro reflexivo, uma importante ferramenta de organização do processo da prática pedagógica, Silva e Sá (2021, p. 3) refletem que este possui a qualidade de construir memórias, que contribuem com a sociedade ao observar a “memória do passado, de ação no presente e de possibilidades para o futuro”. Os registros têm a possibilidade de reorganizar o trabalho pedagógico, sendo um subsídio para a preservação de memórias de uma prática reflexiva. Ademais, “o registro se caracteriza como anotações, ou seja, como escritas que o professor faz do seu trabalho e de tudo o que o envolve, anotações que carregam informações significativas do trabalho permitindo a visualização do que está sendo” (Silva; Sá, 2021, p. 4).

Considerando a fala da Extensionista 2, a organização da rotina ocorre por momentos/etapas, que incluem práticas de leitura, atividades pedagógicas e o brincar livre, por fim, há a presença de uma escuta pedagógica onde as crianças e os adolescentes avaliam as atividades realizadas. Vale ressaltar que essa prática da escuta ativa aliada ao diálogo com aquela criança contribui para o desenvolvimento emocional e cognitivo dela, atribuindo um novo significado à sua experiência de adoecimento (Teixeira; Coutinho; Teixeira, 2022).

A Extensionista 3 carrega em sua fala o destaque da necessidade de uma prática saudável, com isso faz um trocadilho ao nome do projeto de extensão “Estudar, uma ação saudável”, que possui ênfase na leitura e escrita. O termo “saúde” está associado à uma prática leve e lúdica, dito isso, por meio dos livros, é possível desenvolver uma atitude sensível e lúdica acerca de diversas temáticas, até aquelas consideradas como um tabu para a sociedade, como por exemplo, a morte (Conrad; Schwertner, 2018).

Tanto a Extensionista 1, a Extensionista 2 e a Extensionista 3 relatam o brincar incluso no processo da prática docente, tal fato é agregador, pois mantém a cultura infantil viva em espaços hospitalares, onde o cuidar e o educar integram-se. Nesse sentido, a criança pode viver do que se afastou involuntariamente, como dos amigos e das brincadeiras, para rotinas de internação. Viabilizando momentos para o brincar e para a construção do saber (Oliveira; Bruscatto; Monteiro, 2022).

Adicionalmente, a diversos momentos em que o brincar e as brincadeiras também foram relatadas no caderno de registro, sejam elas livres ou mediadas, ao que corresponde ao dia 24/06/2024, as extensionistas relatam:

[...] Depois lemos o livro ‘O menino que quase morreu afogado no lixo’ da Ruth Rocha e depois as crianças procuraram por frases espalhadas secretamente pela sala, que remetem à sustentabilidade, assim que as frases foram encontradas, algumas crianças leram em voz alta para ouvirmos e refletirmos. Depois começamos a criar brinquedos recicláveis com a caixa de ovo. (UFMA, 2024, p. 14) [grifo da autora]

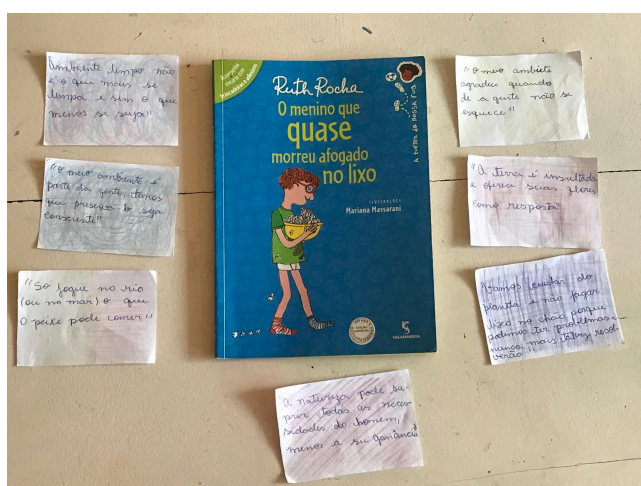
Tal atividade tem uma proposta pedagógica interdisciplinar e relaciona a literatura com a educação ambiental, onde o brincar se manifesta na confecção dos brinquedos com uso de materiais acessíveis e reciclados, relacionando o lúdico com o aprendizado das crianças e dos adolescentes. As imagens a seguir demonstram como foi sucedido na prática:

Imagem 2 - Roda de conversa em palavras que transformam.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Imagem 3 - Literatura e conscientização em ação



Fonte: Acervo da autora (2024)

Essa atividade é valiosa no âmbito pedagógico por promover uma aprendizagem interdisciplinar e significativa. Ao integrar a leitura de um livro impactante com uma dinâmica de busca por frases que remetem à sustentabilidade, os alunos são incentivados a busca e a reflexão sobre as frases estimulam a análise e interpretação dos conceitos ambientais apresentados. O momento retratado precedeu a atividade expressa pelas imagens a seguir:

Imagem 4 - Da leitura à reciclagem.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Imagem 5 - Práticas artísticas e sustentáveis.



Fonte: Acervo da autora (2024).

A transição da leitura para a criação de brinquedos recicláveis permitiu que os alunos visualizassem e experimentassem na prática os princípios de sustentabilidade. A atividade, ao envolver leitura, discussão e produção coletiva, reforça a colaboração das crianças e dos adolescentes. Aliado à esse contexto Furley (2019, p. 83) fomenta que: “É preciso que a criança com necessidades educacionais especiais possa sentir tocar, perceber, recusar, falar, calar, ser, estar, presenciar, experimentar, significar e (re)significar o brinquedo e a brincadeira [...] em uma brinquedoteca hospitalar.”

Por sua vez, a Extensionista 4, além de destacar a necessidade de adaptar o ensino ao nível individual dos alunos, apresenta um conceito mais teórico, focando em uma abordagem integrada e diversificada, isto é, enfatizando leituras reflexivas em um trabalho

contínuo com a escrita e de acordo com o perfil de cada criança. Para tanto, urge a instância de se pensar sobre a formação do profissional da Educação que atua em hospitais para integrar “educação” e “saúde”, por mais que não encontre essa realidade articulada a transdisciplinaridade na graduação, para haver uma adequação nas práticas pedagógicas fazendo uso da leitura para condicionar um tratamento humanizado (Sartori; Pereira; Bezerra, 2020).

A fim de analisar o impacto da leitura e da escrita na qualidade de vida das crianças e dos adolescentes participantes do projeto de extensão, à luz do quarto objetivo específico, considerando o contexto da brinquedoteca como um espaço de estímulo educacional e emocional, buscou-se compreender, por meio do olhar das extensionistas, *se as atividades desenvolvidas na brinquedoteca geram impacto no que diz respeito à leitura e à escrita na vida das crianças e dos adolescentes*, e estas responderam:

Sim, sim. Praticamente, no meu último dia que eu fui num projeto, eu lembro da A., ela ficou um bom tempo ali conosco no projeto, lá internada. Aí, lembro que ela falou que ia fazer um provão para entrar para a escola dela de novo, para não ficar atrasada. E assim, a gente pode não ter abordado o conteúdo de fato que ela precisava para fazer a prova dela, mas teve um impacto ali dela não se esquecer de como é que funcionava a escola, como funcionava a escrita, como funcionavam as relações. Eu lembro que os olhos dela brilhavam bastante quando ela participava do projeto, ela se sentia bem. Então, ver que as crianças se sentiam dessa forma, eu lembro bastante dela assim, eu fico feliz que a gente tenha, de certa forma, colaborado para que ela consiga voltar a se ressocializar novamente de fato no ambiente escolar dela. (Extensionista 1)

Sim, com certeza. Eu acredito que não só na leitura-escrita, mas na questão da vida, porque naquele espaço elas sentiam que elas, como elas falavam, era a escolinha. Então, elas se sentiam de volta pertencentes ao espaço da escola e também elas se sentiam, vamos dizer, novamente capazes, porque muitas crianças chegavam frustradas, achando que não iam conseguir aprender e elas estando ali e percebendo os pequenos avanços que elas faziam de repente em um dia, elas se tornavam mais motivadas. E aquilo ali, pra mim, pelo menos ao meu ver, pode levar elas a continuar buscando mais conhecimento em outros espaços, mesmo fora da brinquedoteca, quando elas retornassem à escola. E eu acredito que mesmo os pequenos avanços foram grandes avanços pra gente. Então, uma criança que chegava, como teve um caso, que não conhecia uma letra e no outro dia, na outra semana já mostrava, olha, tia, essa daqui é a letrinha tal, é um avanço tão pequeno, mas que pra ela é significativo e pra gente também. Então, acredito que com certeza. (Extensionista 2)

Eu acredito que, assim como a escola, esse contexto no hospital também alimenta muito a autoestima da criança. Era muito gratificante quando a gente estava ali e um dia eles ficaram super empolgados para ir para a escolinha. Então aquele era o momento que eles estavam esperando para vivenciar aquilo ali. Até as mesmas questões sociointerativas. A brincadeira, o livro, né? Os desenhos. Então tudo aquilo ali impactava na rotina delas ali, naquele ambiente. E isso eu acredito que eles ficavam muito mais felizes. Não chegamos a alfabetizar nenhuma criança, né? Mas eu tenho certeza que a gente alimentou muito a criatividade delas, né? Teve uma atividade que tu fez com eles que eu achei muito legal, que foi a confecção de uns bonequinhos. Não lembro o que era papel de... É rolo de papel higiênico, né? Acho que era isso. E isso aí aguçou muito a criatividade deles. Eles ficaram muito felizes. E também estar ali naquele momento de compartilhar aquelas coisas com os outros, as atividades, compartilhar as brincadeiras. Eu acredito que nesse ambiente, pelo

tempo que eu passei, foi mais esses aspectos. Foi mais esse tipo de impacto, assim, né? Até nas famílias. Eu acho que eles ficavam também... Eles tinham muita expectativa também das crianças irem pra lá, que era até um momento de distração para eles. (Extensionista 3)

Sim, visto que o processo de aprender a ler e escrever é contínuo. Muitas crianças aprenderam a escrever seu nome, nome dos responsáveis, outras que já sabiam escrever tiveram o contato novamente com a escrita e leitura e conseguiram progredir e aprender novas palavras. (Extensionista 4)

A Extensionista 1 relata tal impacto educacional e emocional da atuação pedagógica na brinquedoteca como um fortalecimento de vínculo da criança hospitalizada com o contexto escolar. Destaca-se o que foi escrito no caderno de registro do projeto de extensão, em 19/06/24: “A. (12 anos) nos contou que abandonou a escola por estar muito preocupada e por não conseguir realizar as atividades, mas que voltará no próximo ano” (UFMA, 2024, p. 13). É certo que ao se vivenciar o contexto hospitalar, reflexões acerca da infância, da doença e também quanto ao direito da educação, pois mesmo hospitalizada a criança tem o desejo de experienciar o comum da idade. (Souza; Rolim, 2019).

Ainda no dia 19/06/24, foi realizado, uma proposta pedagógica com temática pautada acerca do meio ambiente, onde houve a leitura do livro infantil codinome “O peixinho e o sonho”, dos autores Regina Siguemoto e José Carlos Martinez, que aborda a poluição dos mares e rios. Depois desse momento de envolvimento com a leitura, as extensionistas propuseram uma atividades conforme as imagens a seguir:

Imagem 6 - Cores que florescem.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Imagem 7 - Traços de vida.



Fonte: Acervo da autora (2024).

O livro referido conta a história de Tico, um peixinho muito simpático e alegre. Um dia, ele percebe que o rio onde mora está totalmente poluído, e parte em uma incrível aventura para encontrar um lugar melhor para viver. Na atividade proposta, as crianças fizeram colagens e pinturas com plantas e folhas. Foi relatado no caderno de registro, que a princípio, houve resistência, mas com o incentivo das extensionistas todas as crianças participaram e realizaram lindas obras de arte. Como é demonstrado na imagem a seguir:

Imagem 8 - Expressão infantil com plantas e folhas.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Imagem 9 - Entre a arte e a natureza



Fonte: Acervo da autora (2024).

Observa-se nas imagens, a participação das crianças na atividade que desperta múltiplos efeitos positivos para o seguimento da aprendizagem da leitura e escrita. Ao se trabalhar com materiais naturais, as crianças exploram diferentes cores e formas, desenvolvendo sua criatividade e permitindo a expressão de sentimentos e ideias de forma simbólica e pessoal. Vale pontuar que a referida atividade incentiva uma postura de respeito e cuidado com o mundo ao redor, que pode ser um valor, posteriormente, expressado em escritas.

Além disso, como relata a Extensionista 1, a alegria expressada pelo olhar da criança, ao participar das atividades reforça a importância do espaço como um ambiente de acolhimento e pertencimento, ajudando na ressocialização de quem frequenta a brinquedoteca. Bem como Souza e Rolim (2019, p. 404) expressam: “a criança, ao adentrar o hospital, traz consigo uma constituição permeada pelas experiências socioculturais desenvolvidas por meio das suas relações intersubjetivas”, sendo a brinquedoteca essa representação do espaço de desenvolvimento desta.

No tocante à Extensionista 2, os impactos vão para além da aprendizagem escolar, mas reverberam de forma completa na vida das crianças e dos adolescentes, inclusive, eles chamavam o espaço de “escolinha”. Então, as práticas que trazem sua

significância pensando nos contextos simbólicos e das crianças suscitaram sentimento de pertencimento ao espaço. Despertando a esperança de se sentirem novamente capazes e estimulados ao aprendizado, como a Extensionista 2 (2025, p. 69) atesta em sua fala: “muitas crianças chegavam frustradas, achando que não iam conseguir aprender e elas estando ali e percebendo os pequenos avanços que elas faziam de repente em um dia, elas se tornavam mais motivadas [...] Os pequenos avanços foram grandes avanços pra gente”.

A partir do olhar sensível de Pinel, Fernandes, Moura e Bravin (2022), “A professora se angustia com o que ela experiencia na carne, no aqui-agora, mas ela se mantém intactamente voltada para e pelo Cuidado, compreendido aqui como o termo alemão *Sorge* (Cuidado). Educar na sala de aula e fora dela é então um modo-*Sorge*”. Essa fala reforça o compromisso que a extensionista revelou ao se tornar participante das conquistas/avanços que das crianças, que em um dia não reconheciam letras, e, depois, identificavam-as, apesar da linearidade entre frustrações e motivações. Para Vigotski (1978, p. 95), o “desenvolvimento de uma criança é um processo que tem lugar incessantemente sob nossos próprios olhos”.

Para a Extensionista 3, a brinquedoteca produz um impacto no fortalecimento da autoestima e da criatividade, além de trazer empolgação durante as vivências sociais. Evidenciando que as crianças, reintegram-se, mesmo que simbolicamente, ao ambiente escolar, tendo em vista, que o carinhoso apelido “escolinha”, permeia todo o projeto de extensão e as extensionistas. Contudo, tal impacto não restringe-se apenas às crianças, mas também, aos familiares destas, que observam a brinquedoteca como um momento de alívio e distração. Pois, o impacto da doença também é vivido pelos familiares, sejam eles negativos ou positivos.

De acordo com Rodrigues, Amador, Silva, Reichert e Collet (2013), para colaboração de amenizar com o sofrimento igualmente acometido aos familiares, a família também deve ser acolhida e respeitada, que, por vezes, não sabem quais novas funções são atribuídas à elas enquanto responsáveis por pacientes oncológicos. Para os autores, “os familiares fazem parte do mundo da vida daquela criança e aos profissionais cabe a sensibilidade de compreendê-los nessa perspectiva” (Rodrigues; Amador; Silva; Reichert; Collet, 2013). Assim, uma forma de incluí-los, se dá no compartilhar dos avanços, a partir do acúmulo das atividades em portfólios, para serem entregues à criança, juntamente aos seus familiares, cuja prática é comum no projeto de extensão.

A Extensionista 4 destaca que o processo de aprendizagem da leitura e escrita é contínuo. Também menciona avanços concretos que as crianças tiveram, ao aprender a

escrever seus nomes e a reconhecer novas palavras. Esse relato reforça que, mesmo sem um currículo formal, a brinquedoteca hospitalar teve um papel significativo na alfabetização das crianças, garantindo que elas mantivessem o contato com as práticas de leitura e escrita durante seus respectivos tratamentos oncológicos. Desse modo, “nos primeiros anos de contato com os textos, exercitar a leitura e a escrita, para que a reflexão teórica e histórica sobre eles se dê a partir de uma vivência e do processo que os gera: o trabalho criativo com a linguagem, a prática da expressão livre” (Leite, 2011, p. 21). Concomitantemente, Ausubel (2003, p. 186) afirma que: “a influência da repetição continua a ser considerável no estabelecimento e consolidação de significados e no melhoramento da resistência destes aos processos de esquecimento”.

Tendo em vista o resplendor de se analisar sobre as influências desse impacto da leitura e da escrita na qualidade de vida de crianças com câncer, à luz do quarto objetivo, é perguntado às extensionistas, *a forma em que se é percebido por elas as repercussões do envolvimento das crianças com as atividades de leitura e escrita propostas pelo projeto de extensão*, e suas respostas se deram de tal forma:

Bom, algumas a gente ainda vê as dificuldades, mas a gente vê que a gente está conseguindo avançar. Porque assim, de certa forma ali, a criança não vai estar sendo incentivada ali pelos pais a estar praticando a escrita ou pelos médicos dos hospitais ou dos enfermeiros. Então, o único apoio que ela tem ali de fato para ela continuar é a gente, é o projeto. Então, eu vejo que o projeto está mesmo ali para alavancar, para ajudar essas crianças de fato a não perder o gosto pelo estudo, a não perder o gosto por ler, a não perder o gosto por contar suas histórias, a não perder o gosto por escrever. A gente tenta de todas as formas, com todas as dinâmicas possíveis. Então, o projeto de fato é para ajudar, para levantar ali aquela criancinha que está naquela situação. (Extensionista 1)

Variava bastante do dia. Tinham dias que a maioria das crianças estavam bem envolvidas, acho que principalmente as crianças pequenas, porque elas conseguem ver mais aquela coisa do lúdico e tudo. E as crianças maiores, a gente já tinha outros desafios, como o uso do celular. Nas últimas semanas que eu fui, foi algo constante. Então, ter essa disputa com os brinquedos e ter essa disputa com o celular era um desafio pra gente. Então, variava bastante. E acontecia também delas entrarem no momento de leitura empolgadas, no momento do brinquedo, e quando chegava o momento da atividade pedagógica, elas nem se davam muitas vezes a chance de ver a atividade, perceber, ah, eu vou ver aqui, vou sentir pra ver se eu quero participar ou não. Elas se retiravam. E no contexto hospitalar, a gente não pode forçar. Na verdade, em nenhum contexto, né? Era pra ser assim. Mas a gente não pode forçar a criança a aprender. Então, acabava que tinha essa recusa por parte de algumas, mas que a gente foi percebendo também que com o decorrer do projeto, essa recusa foi se tornando menor. Então, a gente teve um grande número de aceitação das crianças. E aí, na maioria, principalmente quando eram atividades contextualizadas, elas tinham a tendência a se envolver mais. Quando elas viam sentido no que elas estavam fazendo. (Extensionista 2)

Essa questão é mais também que... É mais complicado de responder também devido ao pouco tempo, né? Mas o que eu poderia observar na época, o que eu pude observar, era mais eles incentivando-os aos outros a irem, a participarem, a brincarem. Então, era mais... Eles têm aspectos mesmo sociais, né? E eles gostavam

muito também de estar, às vezes, procurando os livros pra ler, pra tentar fazer a leitura, mesmo que alguns não fizessem leitura fluente, mas faziam a leitura das imagens, né? Então, só esse contato com os livros também já é importante pra eles, né? Pras crianças. Então, eu acho que a maior repercussão disso é... Como se estivesse levando a escola pra mais próximo, né? A escola que estava tão distante em termos de localização, mas nesses dois dias da semana ela se tornava um pouco mais próxima. (Extensionista 3)

Havia sempre, ou quase sempre, uma resistência nas propostas de escrita e leitura, visto que eles estavam há algum tempo sem praticar as mesmas e levando em consideração o espaço que é a brinquedoteca e a quantidade de brinquedos disponíveis. Mas sempre fazíamos acordos ou combinados para que pudéssemos explorar ao máximo a escrita e leitura deles. (Extensionista 4)

No que diz respeito à fala da Extensionista 1, observa-se que ela atribui o papel de representação do estímulo às práticas de leitura e escrita à brinquedoteca e às extensionistas, uma vez que as crianças hospitalizadas, muitas vezes, não recebem esse incentivo, seja dos seus pais, médicos ou enfermeiros, para a prática dessas habilidades e para que a criança e o adolescente não perca “o gosto” pelo estudo. Quanto à questão das dificuldades vivenciadas pelo projeto, cujo foco é a leitura e escrita, Osakabe (1982, p. 154-155) afirma que: “do ponto de vista de sua aprendizagem, a língua escrita e a língua oral apresentam dificuldades de natureza distinta. [...] A escrita atua como complemento da oralidade, cumprindo certas atribuições que se situam além das propriedades inerentes a esta”. Apesar disso, a extensionista alinha os avanços aos estímulos efetivados.

A Extensionista 2 afirma que a repercussão do envolvimento das crianças com as atividades de leitura e escrita ocorre de maneira não impositiva, visto que “importa que o aluno adquira o gosto de ler pelo prazer de ler, não em razão de cobranças” (Geraldi, 2011, p. 50). Assim, não condicionar a criança para ler em função de ganhos que não sejam obtidos a partir do “gosto” pelas suas ações é importante para que elas percebam o quanto que aprender impulsiona suas vidas e contribui em todas as áreas dela. Atrelado a isso, trazendo Ausubel (2003, p. 33) para o contexto hospitalar, se deve dar importância à “prontidão de desenvolvimento e às diferenças individuais da capacidade cognitiva, como factores significativos que influenciam a aprendizagem por recepção significativa”. Isto representa as individualidades de experiências prévias que cada criança e adolescente possui, sejam habilidade cognitivas, ou até emocionais, por isso, é válido considerar a prontidão da criança e do adolescente para aprender.

Contudo, isso não significa o abandono quando estas não estiverem predispostas a aprender, mas sim, buscar por alternativas para incluir aquela criança afastada e sem desejo de retornar às atividades de cunho intelectual, por inúmeros fatores, que somente ela pode compreender os tais porquês. Ainda mais quando o contexto se encontra no

hospital, tendo em vista que os estímulos à aprendizagem são ainda menores.

A Extensionista 3, observa que as crianças incentivaram umas às outras a participarem do projeto com as suas presenças na brinquedoteca. Por mais que houvesse crianças/adolescentes que não soubessem ler com fluência, elas tinham ao menos o contato com os livros da brinquedoteca para iniciarem tentativas de leitura. Possenti (2011), por exemplo, defende a provocação da reflexão em preferência ao aumento do estoque de saberes e que:

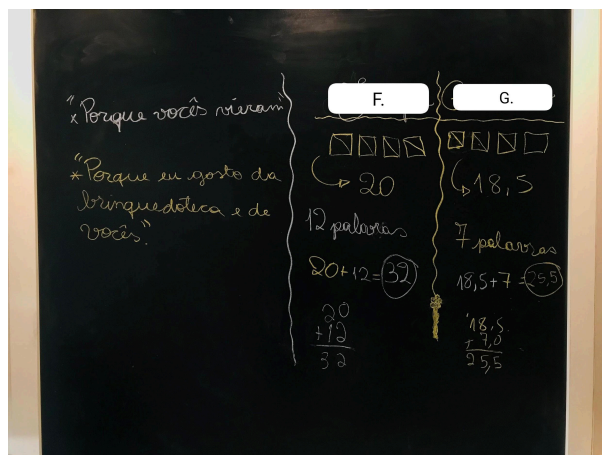
Para que um projeto de ensino de língua seja bem-sucedido, uma condição deve necessariamente ser preenchida, e com urgência: que haja uma concepção clara do que seja uma criança e do que seja uma língua. A melhor maneira de fazer isso, sem ter que passar por uma vasta literatura de psicologia e de lingüística, é tornar-se um bom observador do que as crianças fazem diariamente ao nosso redor (Possenti, 2011, p. 29).

Em contrapartida, a Extensionista 4 revela que existe resistência às propostas de leitura e escrita, já que as crianças estavam há algum tempo sem praticá-las, ainda tendo que disputar atenção com os recursos da brinquedoteca, sendo necessário equilibrar os momentos lúdicos com a leitura e a escrita. É possível observar certas resistências por parte das crianças e dos adolescentes por meio dos relatos do caderno de registo do projeto de extensão, na data 15/07/2024, por exemplo, ao ser escrito o seguinte:

[...] fizemos uma brincadeira do ‘quente ou frio’ onde as crianças se divertiram bastante e tivemos a oportunidade de resgatar uma antiga brincadeira. Pediram por mais partidas. Na atividade pedagógica, as crianças se mantiveram alternadas para formar palavras. Novamente nos dividimos em duplas (Tio S. e G; Tia S. e F.). Quanto à primeira dupla: foi observado que G. (6 anos) tinha pouca concentração e hiperatividade, pois ele bagunçava as sílabas e saía da mesa para fazer outras coisas; Quanto à segunda dupla: foi observado que o F. (10 anos) sentia-se com baixa estima para formar sílabas e dizia ‘quero ir para minha casa em Buriti Inácia Vaz’ e formava palavras simples, por vezes, trocava as vogais. Depois fizemos uma competição com um quiz de palavras. As crianças foram bastante competitivas e queriam ganhar a competição. Durante esta, foi observado que o G. tem um pensamento bastante acelerado e não acompanhava o raciocínio da pergunta. Foi observado que o F. não respondia as perguntas até ser estimulado. Ele é uma criança bastante criativa, mas sem estímulos nem sempre externa isso. Na contagem dos pontos fizemos uma soma e F. não soube responder perguntas básicas da matemática como: $15+5$, $2+1$, $0+2$, $5+5$. Na despedida, as crianças foram gratas por entre ‘porque vocês vieram’ (G.) e ‘porque eu gosto daqui (brinquedoteca) e de vocês’ (F.). (UFMA, 2024, p. 20) [grifo dos autores]

A partir do relato, fica claro muitos aspectos mencionados anteriormente como: a defasagem pelo afastamento educacional, por motivos de doença; baixa autoestima pelo afastamento das práticas escolares, enquanto o indivíduo está em idade escolar; a importância do estímulo e a questão da interdisciplinaridade como prática do projeto de extensão.

Imagem 10 - Quadro matemático.



Fonte: Acervo da autora (2024).

A imagem acima retrata a utilização do quadro disposto na brinquedoteca para utilização da atividade em questão. A competição acrescentou um elemento de desafio, estimulando o pensamento rápido e a atenção, além de favorecer a autoavaliação e a reflexão sobre o próprio desempenho. Dessa forma, cada criança revelou seus desafios, fornecendo subsídios para que o professor possa planejar intervenções pedagógicas mais direcionadas. Com isso, deve se propor “um ensino de Matemática para despertar no aluno o interesse em se apropriar dos conhecimentos dessa linguagem e desmistificar a aprendizagem de Matemática como privilégio de uma minoria” (Anjos; Magina, 2022, p. 42), haja vista que o ensino de português muito se relaciona com o ensino da matemática. Tal fato contribui para a construção do conhecimento e, consequentemente, da autoestima.

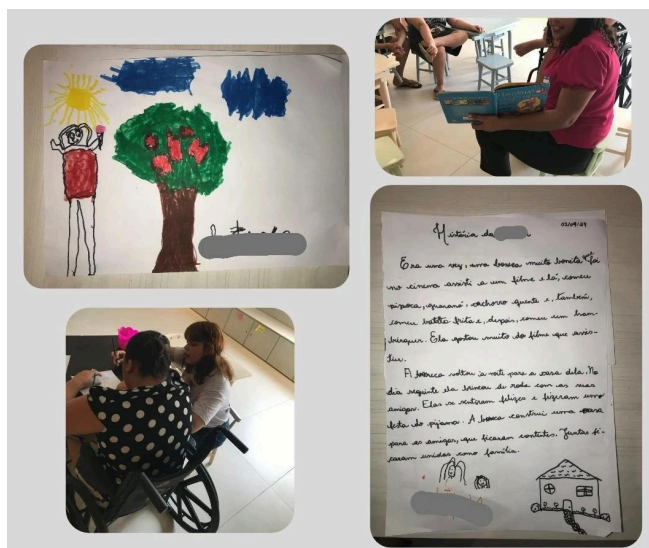
Em outro relato do caderno de registro, cuja data consta 02/09/2024, é visto que as experiências com o universo da leitura também podem vir com um difícil teor de envolvimento, onde é necessário haver o enfrentamento de lembranças traumáticas desencadeadas por histórias lidas. Diante disso, expõe o registro:

[...] Iniciamos a tarde arrumando as cadeiras em roda para conversarmos e compartilharmos sobre a semana vivenciada por nós. Em seguida, brincamos de ‘O mestre mandou’, onde cada participante deu instruções para serem realizadas. Durante a rodinha, as crianças estavam participativas e comunicativas. No segundo momento uma das crianças (G., 11 anos) escolheu um livro da brinquedoteca para ser lido, no qual tinha como título: ‘história para crianças, contava diversas experiências de vida que ocorreram na infância, que nos rendeu um bom diálogo sobre as nossas memórias de infância. Infelizmente, as crianças comentaram que tiveram experiências traumáticas e todas, com exceção da L. (13 anos), que trouxe uma boa memória. Eles não estavam se recordando de lembranças positivas. Isto é um reflexo de que nem todas as experiências da infância são positivas, mas, neste momento, nós ouvimos as crianças, validamos os seus sentimentos e as motivamos. Segue a fala das crianças: ‘é só coisa traumatizante’, disse o R., (13 anos). Depois ele relatou a memória de quando quebrou os dois dentes. O G. trouxe à tona uma situação em que ele estava

brincando de bola em uma cômoda e acabou quebrando o ar condicionado, depois disso, levou ‘uma semana’ de sua mãe. A L., por sua vez, compartilhou a história que viveu em sua infância, onde brincava com a sua irmã mais velha. Para a atividade pedagógica, nós realizamos algumas partidas de mímica, nas quais todas as partidas tinham ações como respostas para a parte delas criarmos um texto [...] (UFMA, 2024, p. 30) [grifo dos autores]

Diante o exposto, temas que envolvem os aspectos emocionais e sociais das crianças atendidas pelo projeto de extensão são evidenciados, inclusive, relevam a importância da escuta ativa e do acolhimento como estratégias das extensionistas. Essa sensibilidade constroi vínculos entre os envolvidos, e outro fato interessante se deu pela escolha do livro ter sido feita por uma das crianças e dos adolescentes, assim, o livro selecionado se deu a partir do interesse específico do momento, gerando um diálogo importante, onde por meio deste, foi percebido que a prevalência de memórias traumáticas desencadeadas pela leitura, revela que as lembranças da infância estão, igualmente, relacionadas a situações de vulnerabilidade social. Ademais, a transição para uma atividade lúdica (mímica) equilibrou um momento intenso de partilha com uma dinâmica mais leve. A seguir, acrescenta-se uma imagem referente às práticas de leitura e escrita do dia 02/09/2024:

Imagem 11 - Uma jornada de reflexão entre histórias e memórias.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Expressou-se por meio da imagem diversos momentos do dia, indo desde a produção de desenhos, roda de leitura, acompanhamento individual para realização das atividades e a produção da história. O diálogo durante a roda e as brincadeiras, assim como a leitura em voz alta, incentivaram o uso de um vocabulário mais amplo e propiciou um momento para “ouvir” e “ser ouvido”. Tal processo de verbalização é interessante para

internalização de novas palavras e conceitos, facilitando a transição para a escrita consciente.

No encalço de apresentar a visão das extensionistas sobre, ainda à luz do quarto objetivo específico, a forma em que, para a opinião das extensionistas, *o efeito das práticas de leitura e escrita no processo de hospitalização e no desenvolvimento das crianças e adolescentes*, e as mesmas apresentaram como resposta o seguinte exposto:

É o melhor efeito possível. Porque assim, algumas crianças, eu lembro que quando elas chegam, elas chegavam muito tímidas, quase não gostavam de interagir conosco. Aí, quando voltava de novo, de novo, de novo, aquela criança já se soltava mais, já conseguia conversar mais, contar a historinha que ela queria muito contar, mas às vezes, por vergonha, não contava. Ou através do desenho dela, conseguia se expressar. Então, eu vejo esse resultado positivo. Por mais que eu tenha passado pouco tempo no projeto, eu consegui notar esse resultado positivo nas crianças. E eu espero que esse projeto continue, porque é maravilhoso. Mais crianças vão chegar, mais crianças vão ter essa oportunidade de estar se desenvolvendo. Então, o projeto, de fato, é muito positivo. (Extensionista 1)

Bom, eu acho que no processo de hospitalização é novamente o que eu tinha colocado na questão de elas se sentirem parte daquele espaço de perceberem que independente de elas estarem em um hospital, elas ainda fazem parte daquela comunidade da escola. Elas ainda podem aprender que o aprendizado não acontece só no espaço da escola, ele acontece em qualquer lugar. Desde que você queira, desde que você tenha apoio para isso. Então, eu acho que resgatar essa motivação delas é muito importante e de alguma forma contribui para o tratamento delas. E no desenvolvimento, sem dúvida. Porque a gente sabe que a leitura e a escrita, ela deveria ser sempre contextualizada com a nossa vida. Afinal, a gente aprende a ler e escrever para utilizar essa leitura e escrita em diferentes contextos. Então, quando a gente aplica uma sequência de escrita de uma carta ou a sequência do supermercado, essas crianças, nas situações cotidianas, elas vão conseguir fazer um proveito melhor e ter um uso melhor dessas habilidades na sua vida. (Extensionista 2)

A gente sempre escuta que a leitura leva a gente para outros lugares e para outros mundos. Então, quando essa criança tem esse contato com os livros num ambiente que é, digamos, que é bem hostil, né? Que é um hospital, um ambiente triste, aquilo ali alimenta a imaginação dela. Ela pode imaginar outras coisas e ela pode até... Mesmo como uma fuga, né? Para aquele momento ali. Como uma forma de esquecer um pouquinho aquele sofrimento que ela está passando. Então, essa prática de leitura, de escrever, é extremamente importante para essas crianças porque elas podem ter esse contato com outros universos, mesmo estando no hospital. (Extensionista 3)

Na minha opinião, as práticas de leitura e escrita durante o processo de hospitalização têm um efeito positivo e significativo no desenvolvimento emocional, cognitivo e social de crianças e adolescentes. Elas ajudam a distrair, reduzir o estresse e a ansiedade, ajudando a promover o engajamento mental. Além disso, essas práticas favorecem a continuidade do aprendizado, mesmo em um ambiente hospitalar, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem, da criatividade e da autoestima, além de facilitar a expressão de sentimentos e emoções em um momento de vulnerabilidade. (Extensionista 4)

A Extensionista 1, ao ser perguntada sobre o efeito da prática e da leitura no processo de hospitalização, obteve um posicionamento otimista ao relatar que os efeitos são os melhores possíveis, à medida em que vão sendo vistos de maneira gradual nas

crianças e nos adolescentes. Observa também, a leitura e a escrita como provedores do desenvolvimento emocional das crianças, conforme elas vão conseguindo expressar os seus sentimentos e pensamentos. Observando, então, uma quebra da timidez e no ganho de confiança para estar participando de maneira integral ao projeto.

Tais efeitos são vistos graças às atividades realizadas, pois os desenhos, as conversas, contações de história, as brincadeiras e os jogos, bem como as práticas de leitura e escrita, permitem que a criança se expresse mais naturalmente. O relato do dia 05/08/2024 torna claro essa discussão é importante ao constar defasagens possivelmente aumentadas pelo afastamento escolar:

[...] Tivemos uma conversa sobre "literatura", foi perguntado às crianças o que elas acham que significa essa palavra. Após o D. (7 anos) responder "limpar", as crianças concordaram com ele; foi, então, explicado a elas o que significa tal palavra e continuamos com a nossa conversa com certas perguntas norteadoras. Foi perguntado qual livro eles preferem e obtivemos várias respostas diferentes, como por exemplo: "conto de fadas" (T., 6 anos), "livrinhos da turma da Mônica" (L. 12 anos), "livros de aventuras" (D., 7 anos). Todas as crianças preferem ouvir histórias a ler histórias, "eu não sei ler" disse o D. Se eles escrevessem o livro, T. escreveria sobre animais, o D. escreveria um livro de super-heróis, o F. (10 anos) escreveria sobre vaquejada (pois seu pai é vaqueiro e ganhou vários prêmios em vaquejadas) e a L. escreveria sobre o menino que vive diferentes aventuras. Eles não lembraram qual foi a última história que as emocionaram (UFMA, 2024, p. 25, grifo nosso)

Se as práticas de leitura e escrita não forem estimuladas, onde haverá crianças que produzem e leem textos? Muito alinhado à essa fala da Extensionista 1, a Extensionista 4, também reforça a leitura e a escrita como elementos engajadores às atividades mentais, como para o desenvolvimento da linguagem, da criatividade e da autoestima, além de manter o aprendizado ativo durante o afastamento escolar. Todavia acrescenta o fator de distração recorrente da brinquedoteca, proporcionando a redução do estresse e da ansiedade, para agir como aliada ao estímulo educacional. Por isso é importante que haja ampliação com o contato com os livros, indo de encontro ao fato da emoção proporcionada pela leitura e escrita e do relato final do dia registrado.

Levando em consideração ainda o registro do caderno, a falta de compreensão sobre o significado de "literatura", demonstra o pouco contato que as crianças e os adolescentes possuem com esse conceito ou com a leitura de forma estruturada. Além disso, conversar sobre o assunto os leva a observar a diversidade de opinião entre eles, inclusive, reforça o valor identitário da literatura, ao revelar os gostos e os interesses. Vale ressaltar, que as crianças e os adolescentes relataram a unânime preferência entre ouvir ao ler propriamente um livro, revelando que essa pouca experiência se dá, principalmente,

pela oralidade do que pela independência literária. Isso pode estar relacionado à idade, ao nível de alfabetização ou mesmo ao contexto hospitalar, que pode dificultar o desenvolvimento da leitura autônoma.

Por outro ângulo, por meio da resposta da Extensionista 2, se evidencia que as crianças e os adolescentes são capazes de aprender, independente do contexto ou do lugar em que estiverem, desde que eles sejam oportunizados à aprendizagem e tenham apoio contínuo. Para Carlos Brandão (2007), por exemplo, a educação é compreendida como uma característica inerente ao ser humano, ou seja, não há como escapar desta. Através da educação, vidas são moldadas, e é certo que o primeiro contato desta não acontece em classes de alunos, livros ou professores especializados, mas é vivenciada nos primeiros momentos de vida, onde o indivíduo vai se constituindo. Vigotski (1987) também afirma que a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. Em essência a escola nunca começa no vazio. Toda aprendizagem com que a criança se depara, em contextos educacionais, sempre existe uma pré-história por trás.

Enquanto isso, a Extensionista 3 coloca o ponto da leitura ser uma forma de escapismo para outros ambientes, mundos ou, até mesmo, universos. Em um ambiente que pode ser hostil e triste como o hospital, juntamente com respectivas condições de saúde, a leitura, durante o processo de hospitalização, surte no tratamento infantil um toque de humanização. Não é possível mensurar o quanto que a leitura e a escrita, de maneira bem particular, são capazes de produzir encantamento com a vida, seja ao idealizá-la ou ao conhecer uma nova possibilidade de vida, que não seria conhecida se não fosse pelos livros, pois na finitude do ser humano, lhe cabe apenas uma vida.

Portanto, é nesse lugar simbólico do universo da leitura e da escrita que a criança, através da criatividade quanto aos seus próprios caminhos, passa a enfrentar suas dores, medos e incertezas, e adquirir esperança, apesar das fragilidades, para resistir e projetar-se para fora (Silva; Pinel; Bruno, 2022). Tal afirmação desperta ao diálogo e à atenção aos cuidados, não somente respectivos à saúde, mas um cuidado integral em prol da escalada das crianças e dos adolescentes para a autonomia, para o pensamento crítico e para um encantar vital aos conhecimentos holísticos.

4.4 Desafios e possibilidades de desenvolvimento das atividades de leitura e escrita na brinquedoteca

Esta subseção visa discutir sobre os desafios e as possibilidades que determinadas atividades com enfoque em práticas de leitura e escrita na brinquedoteca hospitalar podem gerar à luz do do terceiro objetivo específico, que é justamente: identificar os desafios e possibilidades no desenvolvimento de atividades de leitura e escrita em uma brinquedoteca hospitalar. Assim, importa-se pensar em práticas que atendam as especificidades das crianças e dos adolescentes, a partir de uma perspectiva inclusiva, considerando que crianças/adolescentes hospitalizados podem apresentar dificuldades motoras, visuais, cognitivas, emocionais, entre outras limitações decorrentes do tratamento e da própria condição de saúde. Contudo, também é reconhecido as diversas capacidades, potencialidades e possibilidades que o ambiente hospitalar não é capaz de inibir nas crianças e nos adolescentes, desde que as atividades sejam adaptadas e desenvolvidas com sensibilidade e com estratégias adequadas.

Desse modo, para iniciar a análise dos dados levantados, visou-se investigar profundamente as concepções das extensionistas acerca do que corresponde às atividades adaptadas. Então, foi perguntado *como os extensionistas adaptam as atividades de leitura e escrita para atender às necessidades e condições das crianças e dos adolescentes em tratamento oncológico*. Essa pergunta é essencial pois permite compreender como as práticas pedagógicas podem ser ajustadas para atender às particularidades das crianças e dos adolescentes, que enfrentam não apenas desafios físicos, mas também emocionais e sociais durante o tratamento. Logo, das extensionistas, colheu-se como dados as respostas subsequentes:

Bom, como ali a gente chama daquela educação multisseriada, ali você tem várias crianças de idades diferentes. Então, logicamente, eu sozinha não conseguia, eu tinha minha companheira S., que me ajudava muito nessa adaptação. Como ela está bem avançada, dava sugestões para mim muito boas da questão de como a gente pode chamar a atenção dos mais velhos e também dos mais jovens. Era um desafio a gente tentar não excluir ninguém. Então, a gente tentava pegar aquela leitura universal ou, por exemplo, as dinâmicas favoritas que eu gostava de fazer com ela, como os fantoches. Era muito legal ali interagir com as crianças nas histórias dos fantoches, as lições, as mensagens que a gente conseguia transmitir por trás, através da música também. Ou também, às vezes, quando a criança não sabia escrever, mas ela sabia desenhar e transmitir a mensagem dela através do desenho, e ali a gente ajudava. Olha, esse personagem tem um nome? Como é o nome dele? E ali a gente integrava ele, ajudando ele a escrever o nome do personagem, apresentando as letras do alfabeto, ali introduzindo a alfabetização. (Extensionista 1)

As adaptações são atividades mais sucintas e direcionadas a objetivos específicos, de modo que tenham início e fim no mesmo dia. Crianças com limitações motoras devido ao tratamento eram feitas adaptações para reduzir a quantidade de palavras a serem escritas, mas ainda assim estimular essa escrita. Então variava bastante, mas no geral, as crianças e adolescentes em tratamento conseguiam responder bem às propostas, a adaptação maior era a mediação, voltada para que a criança se sentisse motivada, a faixa etária e os conhecimentos consolidados até então. (Extensionista 2)

A gente tem que ter um olhar mais sensível ainda, porque cada um ali está passando por um momento de fragilidade, não só na doença, mas também ali está fora do contexto familiar, educacional também, da escola. Então, essas atividades têm que ser bem direcionadas, mas de acordo com a necessidade de cada um. A gente tem que fazer uma sondagem para ver o que aquele aluno necessita naquele momento, até onde a gente pode ir com aquele aluno. Também, às vezes, não dá para adentrar muitas coisas. Se a gente vê que a criança consegue ir adiante, a gente encaminha para isso. Mas, geralmente, as atividades têm que ser adaptadas, voltadas para aquela realidade dele, num contexto mais suave, digamos assim. (Extensionista 3)

Nos primeiros encontros sempre buscávamos conversar com as crianças e adolescentes, para que eles se sentissem confortáveis conosco, além de conseguirmos conhecê-los melhor. Perguntávamos a idade, se ainda frequentavam a escola e outras perguntas que nos aproximassem da realidade deles, para que pudessemos pensar em atividades que contemplassem seus interesses. Além disso, sempre fazíamos uma ficha com as crianças, para diagnosticar o nível de escrita e de leitura delas, através da observação e do desempenho nas nossas atividades pedagógicas. Quando percebíamos que determinada criança ou adolescente apresentava dificuldade, nós adaptávamos a proposta ou auxiliávamos individualmente. (Extensionista 4)

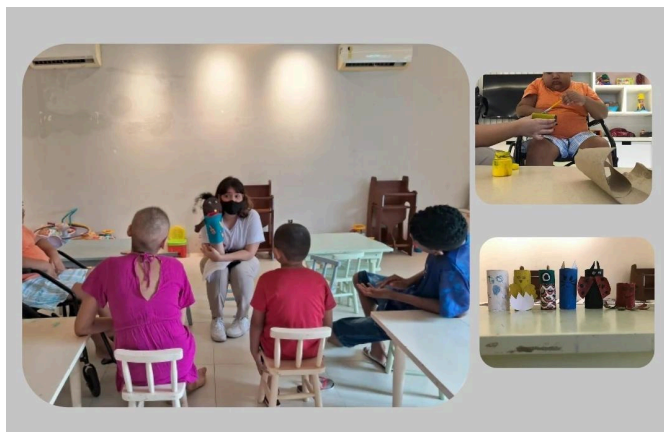
Considerando a fala da Extensionista 1, fica perceptível que a mesma aborda uma questão interessante, que é a de garantir que as crianças de faixas etárias diferentes, devido a um contexto de frequência de níveis de desenvolvimento variado na brinquedoteca hospitalar, não se sentirem excluídas ou deveras deslocadas ao que tange às atividades realizadas. Então, a mesma relata o uso de recursos para ajustar conforme as necessidades, como fantoches para a contação de histórias; a música para atrair as crianças e os adolescentes, a partir de um envolvimento emocional; os desenhos como forma de expressão às crianças que ainda não foram alfabetizadas. A partir do relato, todas essas atividades eram pensadas e adaptadas a fim de evitar a exclusão, reduzindo as resistências e permitindo uma participação ativa entre as crianças e os adolescentes.

O relato do dia 22/04/2024, do caderno de registro do projeto de extensão, expõe como essa prática era desenvolvida na brinquedoteca da Casa de Apoio com as crianças e os adolescentes:

[...] Iniciamos a tarde com uma conversa com 10 perguntas estruturadas e com músicas. Vieram quatro crianças, uma precisou de cadeira de rodas para vir até a brinquedoteca. Em seguida, tivemos uma sessão de contação de histórias com o uso de fantoche, cuja história intitula-se como ‘couro de piolho’ as crianças interagiram bem e gargalharam ao ouvir a história. Outra atividade foi proposta a eles: deveriam observar o ambiente da brinquedoteca e escolher um objeto para imitarem as demais crianças deveriam adivinhar qual objeto se tratava, todos tiveram sua vez. Foi trabalhado mais uma atividade de confecção de brinquedos de artesanato com rolo de papel higiênico, com uso de tintas, pinceis e hidrocores. As crianças se divertiram bastante e fizeram seis lindas obras de artes: pintinho saindo do ovo, joaninha, peixe, passarinho, gato... Por fim, nos despedimos ao som de músicas esperançosas. (UFMA, 2024, p. 5, grifo das autoras)

Fica evidenciado por meio desse registro como a ludicidade e interação social são fundamentais para o desenvolvimento infantil, ainda mais em contextos hospitalares, desassociando ao tradicionalismo, mas buscando sempre por práticas inclusivas e transformadoras. Abaixo é possível visualizar uma imagem desse momento relatado pelo registro:

Imagem 12 - Entre contação de história, fantoches e criações.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Dessa forma, a imagem traduz a inserção de atividades lúdicas, como contação e mediação de histórias, desenhos e músicas, conforme o registro, representa uma estratégia fundamental para envolver as crianças de forma prazerosa nas propostas de atividades com enfoque na leitura e na escrita. Nesse sentido, a contação de história colabora com o processo de desenvolvimento infantil por dialogar com seu público alvo de forma singela e tranquila, independentemente do assunto (Knidel; Oliveira, 2022). Conforme comentado pela Extensionista 1, para uma mediação proveitosa nas brinquedotecas, “a ludicidade propiciada pela contação de histórias para as crianças internadas nos hospitais é uma atividade fundamental sendo um momento de entrega do ouvinte e do contador, colaborando para a mediação pedagógica” (Knidel; Oliveira, 2022, p. 84).

Então, cabe às extensionistas, enquanto pedagogas, pensar em adaptar atividades de leitura e escrita para atender às necessidades pautadas em práticas de inclusão que capacitem as aprendizagens coletivas no espaço da brinquedoteca em questão. Em consonância com a Extensionista 2, que busca realizar adaptações sucintas e direcionadas quando necessário, assim como planeja atividades de curta duração para que sejam concluídas em um atendimento, além de reduzir a quantidade de escrita em casos de limitação motora, sem excluir a prática. A Extensionista 2 possui pensamento alinhado com a Extensionista 3, ao acreditar no papel da mediação como peça crucial para ajustar o

nível de dificuldade das tarefas e para incentivar o processo sem gerar frustrações.

Para tanto, é necessário que as crianças e os adolescentes desenvolvam práticas autônomas, assim, o docente, em sua mediação, segundo a visão inclusiva de Machado (2011, p. 73), “precisa considerar que o aluno é um vir-a-ser e que precisa de liberdade para aprender e para produzir livremente o conhecimento, no nível em que for capaz de assimilar um tema ou assunto de aula”, em prol de desenvolver essas capacidades autônomas.

Quanto à importância da sondagem, a Extensionista 4 enfatiza que o primeiro passo foi estabelecer um vínculo afetivo com os pacientes, perguntando sobre sua rotina e aplicando uma ficha diagnóstica para identificar o nível de leitura e escrita das crianças e dos adolescentes recém chegados, e voltava-se para a observação do desempenho nas atividades pedagógicas. Essa estratégia permitiu planejar atividades que respeitassem o nível de conhecimento e as dificuldades individuais. Além disso, o estabelecimento de relações afetivas foi identificado como uma estratégia para criar um ambiente de confiança e para, também, estimular a participação e aproximar as crianças e os adolescentes do universo da leitura e da escrita.

A promoção da leitura e da escrita em espaços hospitalares representou um desafio significativo, pois a adaptação das atividades às condições físicas e emocionais dos pacientes foi essencial para garantir o engajamento e o desenvolvimento pedagógico dessas crianças, bem como o interesse destas pela participação. A Extensionista 4 relata que durante os primeiros encontros, o diálogo era uma prática comum, para acolher as crianças e os adolescentes, para eles se sentirem confortáveis, uma boa estratégia para o engajamento e o entrosamento entre os envolvidos no projeto. É certo que por meio do diálogo, as extensionistas passam a conhecer melhor a criança e o adolescente, assim torna-se mais perceptível os tipos de atividades futuras a serem pensadas, adaptadas aos interesses.

Além disso, é nesse lugar de fala em que a criança é ouvida e respeitada, por meio dos diálogos estabelecidos que o interesse pela leitura e escrita pode alavancar, pois esse contato gera identificação. Rodrigues (2022) levanta a verdade de haver profundidade no diálogo através da ligação com ele, não apenas por ouvir, mas quando há afeto/alcance pelo diálogo, enquanto existe a vontade de se compreender o que está sendo debatido, pois o diálogo consiste no ato de aprender.

Agora, tendo como intuito averiguar, os desafios enfrentados no desenvolvimento de atividades relacionadas à leitura e escrita com crianças e adolescentes em tratamento

oncológico, foi perguntado às extensionistas sobre *os maiores desafios que o projeto enfrenta ao desenvolver atividades relacionadas à leitura e escrita ao trabalhar com crianças/adolescentes em tratamento oncológico*. Dada às respostas:

Bom, o maior desafio que eu encontrei foi a questão dos celulares. Eu achei que as crianças se distraíam, às vezes, muito com os celulares. A maioria deles não tinha, mas tinham o responsável, e às vezes eles queriam jogar muito. Também, como eu falei no começo, a questão de ser várias crianças de idades diferentes, às vezes você acabava dando atenção para uma faixa etária, e às vezes a gente tinha dificuldade com a outra faixa etária incluir eles também. Então, acho que esses dois foram os maiores desafios na hora de aplicar o projeto. (Extensionista 1)

Então, aí a gente vai ter vários desafios. Eu acredito que o primeiro seja o desafio do espaço. Porque, vamos dizer que não era o espaço ideal, né? Para que elas tivessem tendo aquele acompanhamento pedagógico devido à divisão de atenção com os brinquedos. Mas a gente também vai ter outros desafios mais específicos relacionados mesmo à diferença de faixa etária das crianças. E também a falta de informação muitas vezes relacionada ao histórico dessas crianças. Então, meio que a gente tinha que ir descobrindo em que níveis a criança estava. Isso levava um tempo grande, né? E a minha outra dificuldade era em relação ao tempo. Então, quando não dava pra finalizar ou quando dava pra finalizar, aquele aprendizado não tinha uma continuidade. Então, era meio frustrante por isso. Porque a gente começava uma coisa, mas não continuava, né? Não conseguia dar sequência. E a questão emocional também das crianças. Porque como a gente está lidando com crianças em tratamento oncológico, não vão ser todos os dias que aquela criança vai estar aberta a, vamos dizer assim, a fazer atividades mais direcionadas, mais pedagógicas. Às vezes aquela criança, ela precisa ter um momento de escuta, ter um momento de acolhimento, ou mesmo ter um momento de lazer com os brinquedos. E aí nem sempre a proposta pedagógica vai ser aplicada ali. Então, acaba que é um desafio também o desenvolvimento nesse sentido. Mas que é importante. (Extensionista 2)

Eu acho que a maior dificuldade, primeiramente, são os dias que são bem limitados, só dois dias na semana. E isso é pouco para uma criança que não está na escola. O segundo desafio, eu acredito que seja a turma, que é multisseriada. Então, são crianças de várias idades, com várias realidades. Tem crianças que, às vezes, mal frequentaram a escola. Então, é muito difícil a gente, às vezes, até conseguir levar uma atividade a essa criança. Às vezes, ela nem consegue estar ali, se inserir, se sentir inserida naquele contexto. Algumas vezes a criança se sente doída, às vezes, está tomando alguma medicação. E aí, os pais acabam cedendo, e não tendo essa frequência. Às vezes, ela sente vergonha por uma leitura que ainda não é fluente. Então, tem muitos desafios. (Extensionista 3)

Um dos grandes desafios é a falta de recursos como cadernos, quadro, para que as crianças pudessem ter uma rotina mais significativa. Outro grande desafio era a ausência das crianças nos encontros, por motivos de exame, cansaço, fraqueza, ou outras particularidades da doença. Nem sempre era possível continuar uma atividade ou proposta porque a rotatividade das crianças e dos adolescentes era muito grande, o que impactava no processo formativo da leitura e escrita. (Extensionista 4)

A Extensionista 1, assim como a Extensionista 2 e a Extensionista 3, mencionam a questão de haver diferentes faixas etárias que frequentam a brinquedoteca e, por conseguinte, participam do projeto como um desafio a ser enfrentado. Além disso, a Extensionista 1 relata a questão do celular um fator de distração que acarreta em percalços para o atendimento com as crianças e os adolescentes. Sendo assim, a distração se desdobrava no sentido de fazer as crianças participarem do Projeto, ao invés de passarem

suas manhãs ou tardes (período de atuação) no quarto da Casa de Apoio fazendo uso do celular, sem interação e em isolamento.

De tal forma, o estado emocional nem sempre favorecia com a realização das atividades, o que exigia sensibilidade, remanejo e acolhimento. Contudo, nenhuma criança ou adolescente deve ser forçado a ir à brinquedoteca, de maneira principal a conscientização é precisa, pois, o constante uso do celular pode afetar as suas saúde e suas habilidades interpessoais e desencadear novos sentimentos de raiva, estresse, ansiedade entre outros. Por isso, como discute Silva e Pellizzer (2024) o uso de maneira responsável e moderada, dos dispositivos eletrônicos podem trazer benefícios, o verdadeiro desafio é encontrar um meio termo entre o uso consciente dos celulares.

Identifica-se na resposta da Extensionista 2 que a estrutura da brinquedoteca, por vezes, não era adequada para o desenvolvimento de atividades pedagógicas de leitura e escrita, pois os diversos brinquedos dispostos na brinquedoteca podiam representar um fator de distração para certas propostas de atividades. Outrossim, relata sobre o desconhecimento sobre o nível de aprendizagem ao expressar a ausência de informações sobre o histórico escolar, o que dificultava o planejamento, da Extensionista 2, das atividades.

Outro desafio, apesar de frustrante, como relata, se dava pela falta de tempo, mas como alternativa, era necessário desenvolver atividades realizáveis no mesmo encontro, sem depender da continuidade semanal. Adicionalmente, outro desafio é visto a partir de um olhar sensível para observar que nem todos os dias as crianças estavam dispostas a realizar as atividades pedagógicas, por vezes apenas necessitavam de um momento de acolhimento ou lazer.

Esse contraste demonstra as duas facetas da brinquedoteca, em relação ao projeto, pois era possível que as extensionistas pedagogas desenvolvessem atividades pensando no processo de ensino-aprendizagem de questões relacionadas à leitura e escrita das crianças e adolescentes, por um viés mais educacional, permitindo o desenvolvimento cognitivo; e outro, ainda educacional, porém, voltado para questões lúdicas, que envolvem o brincar, o interagir, ao passo que se desenvolvem habilidades sociais, emocionais. Quanto a isso, Ramos (2022, 26) traz perfeitamente o papel do pedagogo no ambiente hospitalar quando discute que:

A participação em atividades cotidianas planejadas e orientadas de forma a gerar um novo conhecimento, uma nova habilidade tira o paciente de sua zona de “conforto”, transformando-o em um agente – eu sou capaz de aprender, de fazer. Esse é o papel do pedagogo nos diversos espaços do ambiente hospitalar, levar a

potência da possibilidade de participar, ser agente no cotidiano de paciente.
[grifo da autora]

Esse fato citado por Ramos (2022), ao que tange a compreensão de se explorar a potência daquele indivíduo na brinquedoteca, vai de encontro a fala da Extensionista 3 no momento em que ela relata o desafio da criança em se sentir pertencente ao ambiente da brinquedoteca hospitalar, seja por incômodo dos efeitos do tratamento oncológico, que impactam na frequência, ou pela vergonha de não estar plenamente desenvolvida para leitura e escrita, algo que é justamente o objetivo a ser trabalho pelo Projeto e pela extensionista, a fim que permitir a continuidade dos estudos das crianças e dos adolescentes.

Em relação à questão da ausência por motivos de dores, Abramczyk e Silva (2024), afirma que essa dor é real, e se revela tanto física quanto psicologicamente, sendo uma experiência totalmente subjetiva e complexa. Outra perspectiva é levantada por Souza, Joppert e Araújo (2024) ao dialogarem que algumas crianças adoecidas por uma doença crônica, como é o caso do câncer, se expressam chorando, com agressividade, irritabilidade, sem vontade de concretizar com o tratamento, por vezes, dormem por longos períodos e possuem desinteresse para realizar tarefas ou atividades, até daquelas que costumavam fazer.

A Extensionista 4 destaca desafios estruturais e contextuais que impactam o desenvolvimento das atividades de leitura e escrita no ambiente hospitalar. A falta de recursos materiais, como cadernos e quadro, é apontada como um obstáculo para a construção de uma rotina mais significativa, evidenciando como a ausência desses elementos básicos pode limitar as possibilidades pedagógicas. O que torna-se agravado pela rotatividade dos pacientes, que muitas vezes impede a consolidação de um processo formativo.

A fala da Extensionista 4 reforça que, no contexto da brinquedoteca hospitalar, a instabilidade e as limitações físicas e emocionais dos pacientes tornam o planejamento pedagógico mais desafiador. O que se percebe é a importância do Projeto para o enfrentamento de períodos difíceis, por isso destaca-se que “a brinquedoteca não é somente mais um espaço, mas sim um lugar onde crianças e adolescentes hospitalizados poderão brincar, imaginar, criar e até mesmo buscar a alegria que tanto precisam para lutar pela vida” (Oliveira; Silva; Fantacini, 2016, p. 90).

Mediante os desafios explanados e identificados, foi perguntado às extensionistas sobre *as possibilidades implementadas para engajar as crianças que apresentam*

dificuldades ou resistências à leitura e escrita. Obteve-se como respostas:

Bom, primeiramente, a gente não consegue fazer nada sem a ajuda dos pais para vivenciarmos a questão das práticas pedagógicas. Então, conversar com os pais a respeito do uso de telas, o quanto isso pode ser prejudicial, pelo menos para aquele momento que as atividades são aplicadas. Tentar, de diversas maneiras, criar mais dinâmicas para integrar as faixas etárias entre si, para a gente aplicar as atividades. A questão também da estrutura, manter ali a estrutura certinha para a gente conseguir aplicar no local. (Extensionista 1) [grifo próprio]

Eu acredito que a própria mediação, a gente tinha que estar sempre empolgado pra apresentar essas propostas pra elas, porque de repente elas já estavam em um dia ruim, um dia que elas se sentiam tristes. Então, a gente precisava demonstrar essa empolgação, mostrar como isso ia ser legal. ‘Nossa, nós vamos escrever hoje uma carta pra alguém do hospital. Já pensou como vai ser legal se a pessoa recebesse a carta?’ Então, tentar vincular aquilo que elas estavam fazendo a um contexto real, pra que aquilo se dê um nascimento significativo pra elas e sempre motivando, comemorando os pequenos avanços delas. (Extensionista 2) [grifo próprio]

Para que a gente consiga inserir essas crianças, a gente tem que estar bem envolvidos nesse contexto e entender a realidade deles, né? Entender, às vezes, o que a criança gosta. O que ela gosta de estudar, o que ela gosta de brincar. Para conseguir inserir ela aos poucos, né? Porque se você for com a sua perspectiva, às vezes não dá certo. Você tem que entender a criança aos poucos mesmo. E isso é uma questão muito individual de cada um. Então é muito relativo. Muito... Depende muito de cada criança. As possibilidades que eu colocaria são as de conhecer as crianças, entender o que elas gostam de estudar, o que elas gostam de brincar. E tentar alinhar isso às práticas daquela turma. Para que fique mais prazeroso essa criança. (Extensionista 3) [grifo próprio]

Trazer assuntos e temas que estivessem no seu cotidiano como jogos, músicas, livros e cartinhas para os médicos, familiares, amigos e etc. Além de atividades dinâmicas que despertassem a curiosidade e o interesse dos mesmos. (Extensionista 4) [grifo próprio]

À princípio, a Extensionista 1 levanta a importância da parceria entre a relação dos responsáveis pela criança ou pelo adolescente para com as extensionistas. Nesse sentido, o engajamento das crianças que apresentam dificuldades ou resistências à leitura e escrita demanda uma abordagem que vai além da atividade pedagógica em si, pois os responsáveis, são os maiores exemplos e incentivadores durante a infância, e a Extensionista 1 também afirma a participação dos pais para a sensibilização sobre o uso das telas, além de ressaltar a criação de dinâmicas para integrar as diferentes faixas etárias. A questão da estrutura refere-se ao mapeamento do planejamento para execução e elaboração das atividades.

Lançar um olhar aos responsáveis também é uma atitude que permeia as ações desenvolvidas pelo Projeto, pois eles estão com as crianças e os adolescentes lado a lado. Então, indiretamente, ao lidar com as crianças na brinquedoteca, todo o trabalho será igualmente repercutido na Casa de Apoio, devido ao fato do entusiasmo ser contagiante. Para Rodrigues, Amador, Silva, Reichert e Collet (2013), “os familiares fazem parte do

mundo da vida daquela criança e aos profissionais cabe a sensibilidade de compreendê-los nessa perspectiva”. Sendo assim, incluir a família corresponde a uma maneira de cuidar da criança, pois a presença da família integra nesse processo de cuidar, além desta ter credibilidade para incentivar a criança sob sua responsabilidade a participar das atividades na brinquedoteca.

A importância de uma mediação empolgada para o engajamento das crianças e dos adolescentes é discutida pela Extensionista 2, até mesmo para levar ânimo e diminuir as possíveis resistências, especialmente, caso alguma criança esteja passando por um dia difícil. Logo, vincular as atividades a um contexto real para a/o criança/adolescente, como escrever cartas para pessoas do hospital, contribui para agregar um significado às atividades, além de celebrar os avanços gradualmente conquistados. Contudo, se o pedagogo do contexto hospitalar, não domina os conceitos mais essenciais da prática pedagógica, essa mediação da ação docente torna-se fraca, a não ser que a mediação, através de atividades, seja uma porta de entrada para situações que promovam novos aprendizados/conhecimentos (Rabelo, 2021).

Quanto a Extensionista 3, esta relata sobre a inserção da criança que apresenta dificuldades na leitura e na escrita, a partir de uma individualização das práticas pedagógicas, pautada em compreender a realidade e os interesses de cada criança, visto que cada indivíduo possui particularidades que influenciam na sua participação nas atividades, alinhando as preferências às práticas. Assim como a Extensionista 4 que menciona a estratégia de utilizar temas cotidianos e atividades como jogos, músicas e produção de cartinhas, para despertar a curiosidade e o interesse das crianças.

Diante o exposto, fica claro que o engajamento das crianças na brinquedoteca não depende apenas da proposta pedagógica, mas também do estabelecimento de vínculos afetivos e da construção de práticas que considerem suas especificidades e subjetividades, de tal forma que atraia as crianças e os adolescentes a fim de amenizar as resistências ou dificuldades com a leitura e escrita.

O resultado desta investigação aponta para a relevância das práticas de leitura e escrita para os sujeitos praticantes, especificamente, em brinquedotecas, no contexto hospitalar, destacando a potencialidade da atuação do pedagogo na brinquedoteca hospitalar, especialmente, quando há ausência de Classes hospitalares para o acolhimento do Atendimento Educacional Hospitalizado, onde as práticas de leitura e escrita são essenciais para a continuidade dos estudos de crianças e adolescentes. Isto levanta a discussão de que a brinquedoteca hospitalar deve ser explorada como uma possibilidade

da práxis pedagógica. Também, por meio da fala das participantes, tornou-se evidente que a educação possibilita o enfrentamento de questões emocionais advindas com o câncer.

Mostrou-se, inclusive, como a existência das futuras pedagogas e pedagogas, atuando como extensionistas agregam valores e saberes para as crianças hospitalizadas. O estudo permite notoriedade da brinquedoteca como um espaço pedagógico, que deve ser mais amplamente discutido no Curso de Pedagogia da UFMA, para que os novos e futuros graduandos/as percebam e reivindicam esse espaço para o seu campo de formação e atuação e para o desenvolvimento de crianças e adolescentes afastados da escola, por meio de uma perspectiva inclusiva e humanizada. E para aludir a importância das experiências literárias, tanto para o enfrentamento da doença quanto para o engrandecimento pessoal e cultural.

5 PARA NÃO CONCLUIR

Por toda a trajetória deste trabalho monográfico, buscou-se compreender a forma na qual a leitura e a escrita funcionam como aliadas na brinquedoteca hospitalar, ao observar as práticas das extensionistas e ao analisar questões pertinentes ao adoecimento por câncer, enquanto se vive a infância e adolescência. Defendendo a brinquedoteca como espaço essencial para assumir uma postura pedagógica quando não houver Classes Hospitalares, que constituem-se como uma necessidade para o hospital. Ainda que, tradicionalmente, a brinquedoteca seja discutida como um espaço para entretenimento, às vezes a dispendo de preceitos educativos, por meio desta pesquisa, ela recebeu uma roupagem diferenciada, pois mostrou-se como um campo para pesquisas acadêmicas voltadas à leitura e escrita. Haja vista a especialidade que o/a pedagogo/a possui de perceber a sociedade com perspicácia, principalmente, aos aspectos voltados para o desenvolvimento infantil.

Além de cumprir uma função recreativa, o ambiente da brinquedoteca hospitalar pode desempenhar funções voltadas à aprendizagem, socialização, enfrentamento de doenças, diminuição dos efeitos do tratamento oncológico, amenização dos impactos emocionais e até mesmo para a humanização do atendimento em instituições hospitalares. A brinquedoteca nos estudos evidenciados nesta pesquisa mostrou-se rica em cultura e em desdobramentos culturais, bem como um campo promissor para investigações sobre práticas educativas em contextos não formais, como é o caso de crianças/adolescentes em idade escolar que recebem acompanhamento pedagógico durante o período de internação, ou para evidenciar a necessidades desta quando este não for o caso observado, pois a educação sempre será uma semente de esperança que floresce em meio à desesperança.

Os resultados desta pesquisa apontam para novas perspectivas e reflexões sobre a prática de leitura e escrita no contexto hospitalar e o quanto que ela é capaz de contribuir para o desenvolvimento pleno e integral das crianças e dos adolescentes que frequentam o espaço da brinquedoteca hospitalar. Além de apresentar novas possibilidades para o profissional, formado em Pedagogia, que podem ser exploradas em futuras ações docentes. Pois, assim como a doença pode atingir a infância e a adolescência, a educação, em todas as divergentes situações hipotéticas, deve atingi-las. Para tanto, não podemos permitir a exclusão da educação no contexto das brinquedotecas hospitalares, mas buscar formação e especialização nesta área de interesse.

Os resultados também demonstraram que apesar do crescente número de brinquedotecas hospitalares sendo instituídas em dependências médicas, que oferecem internação pediátrica, conforme adaptação à Lei nº 11.104/2005 (Brasil, 2005), existe um desfalque que abarque as práticas de leitura e escrita nesses espaços, tendo em vista que os mesmos não correspondem à um ambiente muito propagado, academicamente falando, para a atuação pedagógica. Todavia, tem sido vastamente ocupado por pessoas que não possuem formação especializada, que em certos casos, não compreendem sobre os aspectos teóricos e práticos sobre os processos de ensino e aprendizagem; a infância/adolescência, e as particularidades das fases de desenvolvimento; sobre o brincar, livre, espontâneo ou mediado, enquanto forma de aprendizado significativo; sobre as práticas de leitura e escrita; e os contextos educativos, que podem ser estruturados para fins de aprendizagem.

Dessa forma, o campo de atuação do pedagogo não se concentra/limita apenas nas escolas, em sala de aula regular. Os pedagogos estão presentes nos hospitais e podem estar nas brinquedotecas, e isso se dá pela versatilidade que o Curso oferece ao graduando/ado, o qual pode desempenhar diferentes papéis, primordialmente, na formação e educação de indivíduos.

A brinquedoteca hospitalar, pela atuação do projeto de extensão “Estudar, uma ação saudável”, demonstrou ser um ambiente que pode oferecer não apenas um espaço de aprendizagem, mas também um ambiente de escuta, acolhimento e estímulo à expressão e à criatividade. O projeto de extensão rompe com a atuação natural da brinquedoteca, ampliando seu objetivo para a prática pedagógica quando envolve atividades de leitura e escrita, que por sua vez, além de serem ferramentas pedagógicas, mostraram-se um meio para resgatar memórias, reescrever histórias, promover reflexões profundas, individuais ou coletivas e ressignificar o processo de hospitalização, onde a doença não representa, simbolicamente, um obstáculo.

Estudos qualitativos podem explorar como as práticas de leitura e escrita auxiliam no processo de tratamento oncológico, de adaptação ao ambiente hospitalar, no enfrentamento emocional da doença, enquanto, agem, sobretudo, em prol da educação. Em frente a análise das entrevistas com as extensionistas que atuam na brinquedoteca da Casa de Apoio, pôde-se compreender as percepções e os impactos acerca dessas atividades. Assim, a brinquedoteca se destacou como um espaço dinâmico de observação e produção de conhecimento, que contribui para avanços em políticas públicas e estratégias de acolhimento e práticas pedagógicas para leitura e escrita frente ao ambiente

hospitalar. Contudo, mais do que discutir políticas públicas, deve-se traçar e sinalizar mais amplamente novos caminhos para pedagogos seguirem profissionalmente e desenvolverem, a partir de suas ações.

Diante da análise dos objetivos propostos, foi discutido acerca da leitura e escrita ante as produções acadêmicas e autores que colaboram com arcabouço teórico para a compreensão destas práticas. Estratégias para implementação destas práticas tornaram-se conhecidas a partir do projeto de extensão, também houve a identificação dos desafios e possibilidades nas práticas de leitura e escrita na brinquedoteca hospitalar. E analisou-se o impacto advindo da leitura e da escrita para a vida de crianças e adolescentes com câncer.

Esta pesquisa trouxe observações acerca da extensão universitária, por meio das concepções das próprias extensionistas, onde o projeto de extensão discutido simboliza uma forma de continuação aos estudos na ambientação da brinquedoteca. Ressaltando as interações sociais no processo de socialização para o aprendizado vivenciado em conjunto, o papel do planejamento para a prática pedagógica, o encantamento no envolvimento para com elas e os momentos delimitados para facilitar a organização da rotina. Tudo isto com a finalidade de que as potencialidades leitoras e escritoras das crianças e dos adolescentes possam ser externalizadas.

Com relação a identificar os desafios enfrentados e as possíveis possibilidades para o desenvolvimento de leitura e escrita, foi proporcionado noções elucidativas dos entraves e da maneira em que é possível contorná-las. Dentre elas, destaca-se a necessidade da adaptação para abarcar todas as crianças e os adolescentes que frequentam a brinquedoteca, com o atrativo baseado em interesses para proporcionar um maior engajamento e aproveitamento das atividades de leitura e escrita. Tais desafios foram vistos pelo pouco tempo de atuação, falta de informação no que concerne ao histórico escolar, turma multisseriada, dentre outros. Cabe ressaltar que as atividades de leitura e escrita desenvolvidas pelo projeto, direcionaram-se a objetivos específicos percebendo as limitações e agindo em favor de superações, com adaptações e auxílios individuais pautados ao contexto real da criança e do adolescente a fim de formar crianças leitoras e produtoras de texto.

Em se tratando de analisar o impacto da leitura e da escrita na qualidade de vida de crianças com câncer, a pesquisa evidenciou que as atividades da brinquedoteca geram impactos positivos no que diz respeito à dimensão emocional e social das crianças. O projeto não apenas contribui para o desenvolvimento da linguagem, mas também fortalece a autoestima, a motivação e a conexão das crianças com o ambiente escolar, ainda que

distanciadas. Dessa forma, os relatos das extensionistas confirmam que a brinquedoteca hospitalar é um espaço de aprendizagem significativa, capaz de minimizar os prejuízos educacionais causados pelo afastamento da escola durante o tratamento oncológico. Vale ressaltar a relevância do projeto no processo de reintegração das crianças e dos adolescentes ao ambiente educacional formal novamente em um futuro possível. Portanto, ao concluir-se esta investigação explicita-se que é imprescindível a ocupação da educação pensada como um meio de edificação para um futuro esperançoso em que as vulnerabilidades humanas não sejam obstáculos, mas oportunidades para o crescimento por meio do ato de aprender, e aprendendo, a ler e a escrever para a transcender a si mesmo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMCZYK, Marcelo Luiz; SILVA, Karen Arezes Correa da. A criança em condição crônica. In: Bruscatto, Andrea; Hummel, Juliana Perroni; Maciel, Ketty Lamenza; Ogata, Silvio Kazuo (Orgs.). **Reflexões da equipe hospitalar: a criança em foco**. Itapiranga : Schreiben, 2024, p. 27-30.
- ALENCAR, Daiana Nasário. **O ensino de artes visuais em classe hospitalar: questões metodológicas?** 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Plásticas). Departamento de Artes Visuais. Instituto de Artes de Brasília. Universidade de Brasília (UNB). 35 f. Brasília, 2013.
- ALMEIDA, Milton José de. Ensinar português?. In: GERALDI, João Wanderlei (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo : Ática, 2011, p. 13-17.
- ANDRADE, A. O.; JESUS, S. R.; MISTRO, S. Hospitalizações no Brasil pelas estimativas da Pesquisa Nacional de Saúde, 2013 e 2019. **Rev Saúde Pública**. p. 57-73, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057004395>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- ANJOS, Katiúscia Pereira da Silva; MAGINA, Sandra Maria Pinto. **O ensino de matemática no atendimento educacional no contexto hospitalar: concepções docentes**. In: Furley, Ana Karyne Loureiro; PINEL, Hiran; Rodrigues, José Raimundo (Orgs.). Atendimento Pedagógico Domiciliar E Classe Hospitalar: atravessamentos, sofrimentos e práticas de cuidado. Itapiranga : Schreiben, 2022. 185 p. : il. p. 39-56.
- AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. -- São Paulo: Edições 70, 2016.
- BATISTA, Anelice da Silva. **Escolarização de crianças com doenças crônicas: "eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada"**. Tese (Doutorado em Educação). Pós-Graduação em Educação. Universidade de Brasília (UNB). 105 f. Brasília, 2017.
- BORBA, Angela Meyer. Infância e cultura nos tempos contemporâneos: um contexto de múltiplas relações. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10-11, p. 11 pgs., 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23979>. Acesso em: 02 mar. 2025.
- BRASIL. Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005. Dispões sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília (DF), 22 mar. 2005a.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar : estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. – Brasília : MEC; SEESP, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial**. Brasília, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. - (Coleção primeiros passos; 20). 49 reimpressão da primeira edição de 1981. ISBN 85-11-01020-3.

BROUGÈRE, Gilles. **A criança e a cultura lúdica**. Revista da Faculdade de Educação, v. 24, n. 2, p. 103–116, jul. 1998.

CALVETT, Prisca Ücker; SILVA, Leonardo Machado da; GAUER, Gabriel José Chittó. Psicologia da saúde e criança hospitalizada. **Psic**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 229-234, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142008000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 14 nov. 2024.

CARNEIRO, Maria Angela Barbatto. **O direito à Infância e ao brincar**. São Paulo: ABBri – Associação Brasileira de Brinquedotecas, 2024.

CONRAD, Jaqueline Maria; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Contando histórias sobre a morte: uma análise dos livros do PNBE para crianças. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, v. 29, n. 3, 2018. DOI: 10.32930/nuances.v29i3.5202. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/5202>. Acesso em: 15 fev. 2025.

CUNHA, N. H. S. A Brinquedoteca Brasileira. In: SANTOS, Santa M. P. dos. (Org.). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CUNHA, N. H. S. O significado da Brinquedoteca Hospitalar. In: VIEGAS, D. (org.). **Brinquedoteca Hospitalar: isto é humanização**. Associação Brasileira de Brinquedoteca. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008, p. 71-74.

FANTACINI, Isabella Maria Cruz; PEDROSO, Cristina Cinto Araujo. Organização, funcionamento e práticas pedagógicas de classes hospitalares no interior do estado de São Paulo: limites e possibilidades. In: FURLEY, Ana Karyne Loureiro; PINEL, Hiran; RODRIGUES, José Raimundo (Orgs.). **Atendimento pedagógico domiciliar e classe hospitalar: aspectos teóricos, legais e práticos**. Itapiranga : Schreiber, 2022. 185 p. : il. p. 130-147.

FEITOSA, Dilma Vilarim. A construção de uma aprendizagem significativa entre uma professora e um estudante em atendimento pedagógico domiciliar. In: Furley, Ana Karyne Loureiro; PINEL, Hiran; Rodrigues, José Raimundo (Orgs.). **Atendimento Pedagógico Domiciliar e Classe Hospitalar: atravessamentos, sofrimentos e práticas de cuidado**. Itapiranga : Schreiber, 2022. 185 p. : il. p. 29-38.

FERREIRA, Naidhia Alves Soares, *et al.* Representação social do lúdico no hospital: o olhar da criança. Journal of Human Growth and Development, vol. 24, n. 2, p. 188-194, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v24n2/pt_11.pdf. Acesso em: 19 fev. 2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler - em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v. 4).

FORESTI, Sonia M; BOMTEMPO, Edda. Aprendendo o esquema corporal na creche com Pinóquio. In: BOMTEMPO, Edda; ANTUNHA, Elsa Gonçalves; OLIVEIRA, Vera Barros de. **Brincando na escola, no hospital, na rua...** 2.ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2006. p. 29-50.

FORTUNA, Tânia Ramos. Para um modelo de brinquedotecas para a América Latina. **A Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos** - Porto Alegre, 2009. Disponível em: http://www.abrinquedoteca.com.br/integra/hacia_modelo_ludotecas_para_AL.pdf Acesso em: 02 mar. 2025.

FUNDAÇÃO ANTONIO DINO. **Fundação Antonio Dino atuando contra o câncer no Maranhão**. Brasil, 2024. Disponível em: <https://fundacaoantoniodino.org.br/inicio/>. Acesso em 24/01/2025.

FURLEY, Ana Karyne Loureiro Gonçalves Willcox. **Ser criança com câncer na Brinquedoteca Hospitalar**: Um estudo em Merleau-Ponty. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. 279 f. Vitória, ES, 2019.

GERALDI, João Wanderley. Unidades Básicas do Ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderlei (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo : Ática, 2011, p. 48-62.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE pesquisa pela primeira vez como pais e responsáveis avaliam a Atenção Primária à Saúde infantil**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: IBGE pesquisa pela primeira vez como pais e responsáveis avaliam a Atenção Primária à Saúde infantil | Agência de Notícias. Acesso em: 2024.

International Toy Libraries Association - ITLA. <http://www.itla-toylibraries.org/>

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KNIDEL, Letícia; OLIVEIRA, Adriana da Silva Ramos de. A contação de histórias no ambiente hospitalar: ajudando a criança a lidar com a morte e o luto. In: FURLEY, Ana Karyne Loureiro; PINEL, Hiran; RODRIGUES, José Raimundo (Orgs.). **Atendimento pedagógico domiciliar e classe hospitalar**: aspectos teóricos, legais e práticos. Itapiranga : Schreiben, 2022. 185 p. 79-91.

LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. Gramática e Literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, João Wanderlei (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011, p. 18-23.

LEONTIEV, Alexis N. **Actividad, conciencia y personalidad**. 1. ed. Buenos Aires: Ediciones del Hombre, 1978.

LINHARES, Daniela Ribeiro. **A Brinquedoteca Hospitalar: PROJETOS LÚDICOS NO HOSPITAL**_Procedimentos específicos quanto à higienização dos brinquedos. São Paulo: ABBri – Associação Brasileira de Brinquedotecas, 2024.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. de L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista IberoAmericana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.

18, n. 00, e023141, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v18i00.17958>.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.**, 2. ed. - [Reimpr.]. Rio de Janeiro : E.P.U., 2018.

MACHADO, Rosângela. Educação inclusiva: revisar e refazer a cultura escolar. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.). **O desafio das diferenças nas escolas.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira e MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: A Humanização Integrando Educação e Saúde.** 4ª Edição. Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 2009.

MELLO, Suely Amaral. Ensinar e Aprender a Linguagem Escrita na Perspectiva Histórico-Cultural. **Associação Brasileira De Psicologia Política.** vol. 10. nº. 20. pp.PP. 329-343. jul/dez. 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000200011. Acesso em 03.02.2025.

NÓBREGA-THERRIEN, S. M.; THERRIEN, J. Trabalhos Científicos e o Estado da Questão: reflexão teórico-metodológicas. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 15, n. 30, jul.-dez./2004. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/eae/v15n30/v15n30a01.pdf>. Acesso em 21.10.2024.

OLIVEIRA, Ana Carolina; BRUSCATO, Andrea; MONTEIRO, Jussara. Infância Hospitalizada: Luto e Cuidados Paliativos Diante de Doenças Crônicas não Transmissíveis. Infância hospitalizada: luto e cuidados paliativos diante de doenças crônicas não transmissíveis. In: FURLEY, Ana Karyne Loureiro; PINEL, Hiran; RODRIGUES, José Raimundo (Orgs.). **Atendimento Pedagógico Domiciliar E Classe Hospitalar: atravessamentos, sofrimentos e práticas de cuidado.** Itapiranga : Schreiben, 2022. p. 66-78.

OLIVEIRA, Éllen Fuga de; SILVA, Verônica Meiri da; FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. Pedagogia hospitalar: a brinquedoteca em ambientes hospitalares. **Research, Society and Development**, v. 1, n. 1, p. 88-104, jan-jul. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560658988006/html/>. Acesso em 10.10.2025.

OSAKABE, H. Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita. In: ZILBERMAN, R. (org.) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

PEREIRA, Julia S., GREGIANIN, Lauro J., SELISTRE, Simone G. A., REMOR, Eduardo, SALLES, Jerusa F. Funções executivas, características comportamentais e frequência à classe hospitalar em crianças hospitalizadas com leucemias. **Revista Neuropsicologia Latinoamericana.** V. 10. No.1. 2018, pp. 01-15. ISSN 2075-9479. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4395/439577137001.pdf>. Acesso em 13.11.2024.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João Wanderlei (Org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo : Ática, 2011, p. 28-32.

RABELO, Francly Sousa. **Educação não escolar e saberes docentes na formação do pedagogo: análise de uma experiência no espaço hospitalar**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual do Ceará. 184 f. Fortaleza, CE, 2014.

RABELO, Francly Sousa. **Saberes docentes e espaço hospitalar na formação de professores/as**. Curitiba, PR: Appris, 2021.

RAMOS, Maria Alice de Moura. A classe hospitalar e as diferentes práticas pedagógicas no hospital. In: FURLEY, Ana Karyne Loureiro; PINEL, Hiran; RODRIGUES, José Raimundo (Orgs.). **Atendimento pedagógico domiciliar e classe hospitalar: aspectos teóricos, legais e práticos**. Itapiranga : Schreiben, 2022. 185 p. : il. p. 15-28.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *Alea*, v. 7, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2005000200010>. Acesso em 20.11.2024.

RODRIGUES, José Raimundo. “Os que ficam na escola também sofrem!”: um ensaio sobre professores e colegas de turma de estudantes hospitalizados ou em apd. In: FURLEY, Ana Karyne Loureiro; PINEL, Hiran; RODRIGUES, José Raimundo (Orgs.). **Atendimento pedagógico domiciliar e classe hospitalar: aspectos teóricos, legais e práticos**. Itapiranga : Schreiben, 2022. 185 p. : il. p. 170-188.

RODRIGUES, Polianna Formiga; AMADOR, Daniela Doulavince; SILVA, Kenya de Lima; REICHERT, Altamira Pereira da Silva; COLLET, Neusa. Interação entre equipe de enfermagem e família na percepção dos familiares de crianças com doenças crônicas. *Esc. Ana Nery* (impr.) 2013 out - dez ; 17 (4): 781-787. DOI: 10.5935/1414-8145.20130024. Acesso em 25.11.2024.

SARTORI, Adriane Teresinha; PEREIRA, Daniervelin Renata Marques; BEZERRA, Mariotides Gomes. Leitura em ambiente hospitalar: uma experiência com o livro "A culpa é das estrelas". *Work. Pap. Linguíst.*, 21(2), Florianópolis, mai./ago., 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2020v21n2p160>. Acesso em: 21/02/25.

SILVA, C. A. P. da; SÁ, I. R. de. (2021). O registro como instrumento de reflexão da prática docente no ciclo de alfabetização. *SciELO Preprints* 2021 <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2757>. Acesso em 11.01.2025.

SILVA Rute Léia Augusta da; PINEL, Hiran; BRUNO, Luciano Costa Loiola. Era uma vez: a literatura como possibilidade de lugar simbólico de territorialização da criança em tratamento prolongado de saúde. In: FURLEY, Ana Karyne Loureiro; PINEL, Hiran; RODRIGUES, José Raimundo (Orgs.). **Atendimento pedagógico domiciliar e classe hospitalar: aspectos teóricos, legais e práticos**. Itapiranga : Schreiben, 2022. 185 p. : il. p. 57-65.

SILVA, Lara Adrianne Garcia Paiano da; BARAN, Fátima Denise Padilha; MERCÊS, Nen Nalú Alves das. A música no cuidado às crianças e adolescentes com câncer: revisão integrativa. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 25, n. 4, e1720015, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072016001720015>. Acesso em: 20/02/25.

SILVA, Suzyleia Terezinha Gomes de Matos da; PELLIZZER, Luis Gaspar Machado. Como

o uso excessivo do celular pode afetar a saúde mental de crianças e adolescentes: efeitos a curto e longo prazo. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 7, n. 5, p. e73138, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n5-280. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/73138>. Acesso em: 12. Fev. 2025.

SILVA, Vanessa de Magalhães Gonçalves; HORA, Senir Santos da. Impactos do Câncer na Vida Escolar de Crianças e Adolescentes: a Importância da Classe Hospitalar. **Rev. Bras. Cancerol.** [Internet]. 28º de setembro de 2018 [citado 11º de fevereiro de 2025]; 64(3):401-4. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/47>. Acesso em 13.01.2025.

SMITH, Deborah Deutsch. **Introdução à educação especial: ensinar em tempos de inclusão**. tradução Sandra Moreira de Carvalho. 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOUZA, Zilmene Santana; ROLIM, Carmem Lucia Artioli. As vozes das professoras na pedagogia hospitalar: descortinando possibilidades e enfrentamentos. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.25, n3, p.403-420, Jul.-Set., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000300004>. Acesso em: 08.03.2025

SOUZA, Rafaela Moura de; JOPPERT, Silvia Mara Herbelha; ARAÚJO, Solange Aparecida de. Por que comigo? Quando o adoecer se faz presente na criança e sua família. In: BRUSCATO, Andrea *et al* (Orgs.). **Reflexões da equipe hospitalar: a criança em foco**. Itapiranga : Schreiben, 2024, p. 39-43.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

STAKE, Robert. E. **Investigación con estudio de casos**. Madrid: Morata, 2007.

TEIXEIRA, Ricardo Antonio Gonçalves; COUTINHO, Andressa Ferreira; TEIXEIRA, Uyara Soares Cavalcanti. A educação de crianças em iminência de morte: um estudo sobre as classes hospitalares. In: FURLEY, Ana Karyne Loureiro; PINEL, Hiran; RODRIGUES, José Raimundo (Orgs.). **Atendimento Pedagógico Domiciliar e Classe Hospitalar: atravessamentos, sofrimentos e práticas de cuidado**. Itapiranga: Schreiben, 2022. 185 p. 92-110.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Brinquedoteca hospitalar na cidade de São Paulo: exigências legais e a realidade**. 2018. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo (USP). 402 f. São Paulo, 2018.

UFMA. Universidade Federal Do Maranhão. **Caderno de Registro do Projeto Estudar uma Ação Saudável**. 2024.

VIANA, Luciana Carla Lima da Silva. **A nau do século XXI: o brinquedista no espaço do brincar**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). 110 f. Manaus, 2019.

VIGOTSKI, L. S. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Havana:

Editorial Científico Técnica, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **Thought and language**. Mass., MIT Press, 1975: **Mind in society: the development of higher psychology processes**. Mass., Harvard University Press. 1978.

YIN, Roberth K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES E PESQUISADORES ATUANTES OU QUE ATUARAM NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM TRATAMENTO DE SAÚDE

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada **“LEITURA E ESCRITA EM ESPAÇO HOSPITALAR: análise da experiência desenvolvida pelo projeto “Estudar, uma ação saudável” com crianças e adolescentes em tratamento oncológico na casa de apoio da Fundação Antonio Jorge Dino”** que faz parte do curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que será desenvolvida pela graduanda **Sarah Mellissa Araújo Borralho**, orientada pela **Prof.^a Dr.^a Franci Sousa Rabelo** da UFMA.

A presente pesquisa tem como objetivo compreender como as práticas de leitura e escrita podem contribuir para o desenvolvimento educacional e emocional de crianças e adolescentes em tratamento oncológico, considerando o contexto hospitalar e a relevância do apoio pedagógico.

Sua colaboração é muito relevante, e ela se daria de forma presencial em uma única etapa, que consiste na participação de uma entrevista. Nessa etapa será realizado uma entrevista que deverá ser respondida com os seus dados informativos como: idade, ano de ingresso na UFMA, período/semestre atual, tempo de duração no projeto. Você pode escolher um nome fictício que queira ser chamado durante a pesquisa ou usar seu próprio nome. Também elaboramos algumas perguntas para serem respondidas sobre sua prática como extensionista na brinquedoteca em que atua. Enfatizamos que a entrevista só será aplicada, após a anuência deste termo, sendo as informações obtidas apenas usadas para fins científicos.

Os nomes fictícios serão escolhidos por você neste trabalho de modo a preservar as suas identidades. Ao término da pesquisa, os registros obtidos durante a coleta de dados serão arquivados por 10 (anos) anos e posteriormente destruídos para que outras pessoas não tenham acesso a essas informações.

Esclarecemos que a sua participação é totalmente gratuita, ou seja, não há despesas pessoais em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada a sua participação, que será voluntária. Se existir qualquer despesa adicional relacionada diretamente à pesquisa, tais como: viagem a cidade em que resida o participante, xerox e outros materiais, serão de responsabilidade da pesquisadora, sem nenhum custo para o participante. Você pode se recusar a participar e pode desistir da participação na pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo. Comunicamos ainda que as informações serão utilizadas somente para fins dessa pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade.

Informamos que poderão ocorrer os seguintes riscos ou desconfortos: se envergonhar ao responder alguma pergunta, fotos ou gravação, logo você pode deixar de responder sem que isto lhe cause algum prejuízo, como há possibilidade de parte da pesquisa ser realizada de forma on-line há o risco mínimo de exposição de dados, neste caso tomaremos as medidas cabíveis.

Os benefícios diretos esperados aos participantes são: a criação de momentos em que os participantes possam expressar suas opiniões e percepções sobre o tema abordado, o relato de experiências sobre o tema e as reflexões sobre as vivências com as crianças e adolescentes durante o tratamento de saúde. O retorno da pesquisa ocorrerá por meio de eventos com o intuito de socializar os resultados obtidos na pesquisa, assim como através de publicação em revista científica da área e da restituição da pesquisa para os participantes na defesa da monografia e após a realização deste trabalho.

Os dados obtidos poderão contribuir de forma única para o desenvolvimento da ciência, dando possibilidade a novas descobertas e ao avanço de pesquisas voltadas para a Educação para crianças e adolescentes em tratamento de saúde.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar nos endereços a seguir ou procurar a nossa orientadora, Prof^a Dra Francely Sousa Rabelo, Pesquisadora da UFMA, cujo endereço consta neste documento.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você. Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas

deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu _____ (nome por extenso) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Prof^a. Dra. Francy Sousa Rabelo, da orientanda Sarah Mellissa Araújo Borralho.

Assinatura do(a) participante
ou impressão datiloscópica

Data: ____/____/____

APÊNDICE B - Entrevista com as extensionistas do projeto "Estudar, uma ação saudável"



Identificação/Dados Pessoais:

- a. Idade:
 - b. Qual o ano de ingresso:
 - c. Período/Semestre do Curso:
 - d. Tempo de duração no projeto de extensão:
1. Qual o principal objetivo do projeto "Estudar, uma ação saudável" e quais estratégias e/ou abordagens você utiliza para integrar práticas de leitura e escrita?
 2. De que maneira as atividades realizadas na brinquedoteca se desenvolvem para promover a aprendizagem da criança e do adolescente para a leitura e escrita?
 3. Como se organizam os processos metodológicos para contribuir no aprendizado da leitura e da escrita das crianças e dos adolescentes?
 4. Como você adapta as atividades de leitura e escrita para atender às necessidades e condições das crianças e dos adolescentes em tratamento oncológico?
 5. Quais os maiores desafios que o projeto enfrenta ao desenvolver atividades relacionadas à leitura e escrita ao trabalhar com crianças/adolescentes em tratamento oncológico?
 6. Quais possibilidades implementadas para engajar as crianças que apresentam dificuldades ou resistências à leitura e escrita?
 7. Você observa algum impacto das atividades da brinquedoteca no que diz respeito à leitura e escrita na vida das crianças e dos adolescentes?
 8. Como você percebe a repercussão do envolvimento das crianças com as atividades de

leitura e escrita propostas pelo projeto?

9. Na sua opinião, qual é o efeito das práticas de leitura e escrita no processo de hospitalização e no desenvolvimento das crianças e adolescentes?

ANEXO A - Folha de rosto da Plataforma Brasil



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: LEITURA E ESCRITA EM ESPAÇO HOSPITALAR: análise da experiência desenvolvida pelo projeto 'Estudar, uma ação saudável' com crianças em tratamento oncológico na casa de apoio da Fundação Antônio Jorge Dino			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 4			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR			
5. Nome: FRANCY SOUSA RABELO			
6. CPF: 417.841.893-91		7. Endereço (Rua, n.º): JURUA PARQUE AMAZONAS QUADRA R CASA 01 SAO LUIS MARANHAO 65030840	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: (98) 3221-4840	10. Outro Telefone:	11. Email: franrabelo@hotmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: ____ / ____ / ____		 Documento assinado digitalmente FRANCY SOUSA RABELO Data: 18/01/2025 20:38:15-0300 Verifique em https://validar.itg.gov.br	
Assinatura			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
Não se aplica.			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO B - Ofício de Liberação de Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA



OF. CPED/CCSO Nº 03/2024.

São Luís, 14 de janeiro de 2024.

Senhor (a) Diretor (a),

Solicitamos, para os devidos fins, autorização ao discente do Curso de **PEDAGOGIA LICENCIATURA (Vespertino)** desta IES, **SARAH MELLISSA ARAÚJO BORRALHO** - Mat. 2020016880 / CPF 031.890.183-83 para realizar pesquisa de campo nesta instituição, sob a orientação da *Profa. Dra. Franczy Sousa Rabelo*, com a finalidade de colher subsídios para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cuja temática geral de estudo é **“LEITURA E ESCRITA NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: análise da experiência desenvolvida pelo projeto “Estudar, uma ação saudável” com crianças em tratamento oncológico na casa de apoio da Fundação Antônio Jorge Dino”**.

Informamos, ainda, que a citada pesquisa será realizada nos meses de Janeiro e fevereiro de 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br MARISE MARCALINA DE CASTRO SILVA ROSA
Data: 15/01/2025 18:14:37-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Marise Marçalina de Castro Silva Rosa
Coordenadora do Curso de Pedagogia (Mat. UFMA – 407654)

À,

CPED/CCSO - Fone: (98) 3272-8421 - E-mail: ccped-ccso@ufma.br
Av. dos Portugueses, 1966 - Campus Universitário do Bacanga - CCSO - São Luís/MA CEP: 65080-805

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA



FUNDAÇÃO ANTONIO JORGE DINO

São Luís - MA